

Magazine mensal illustrado

LIVRARIA FERREIRA, Editora

Redacção e administração

Praça dos Restauradores, 30—LISBOA  
Telephone 805

# SERÕES

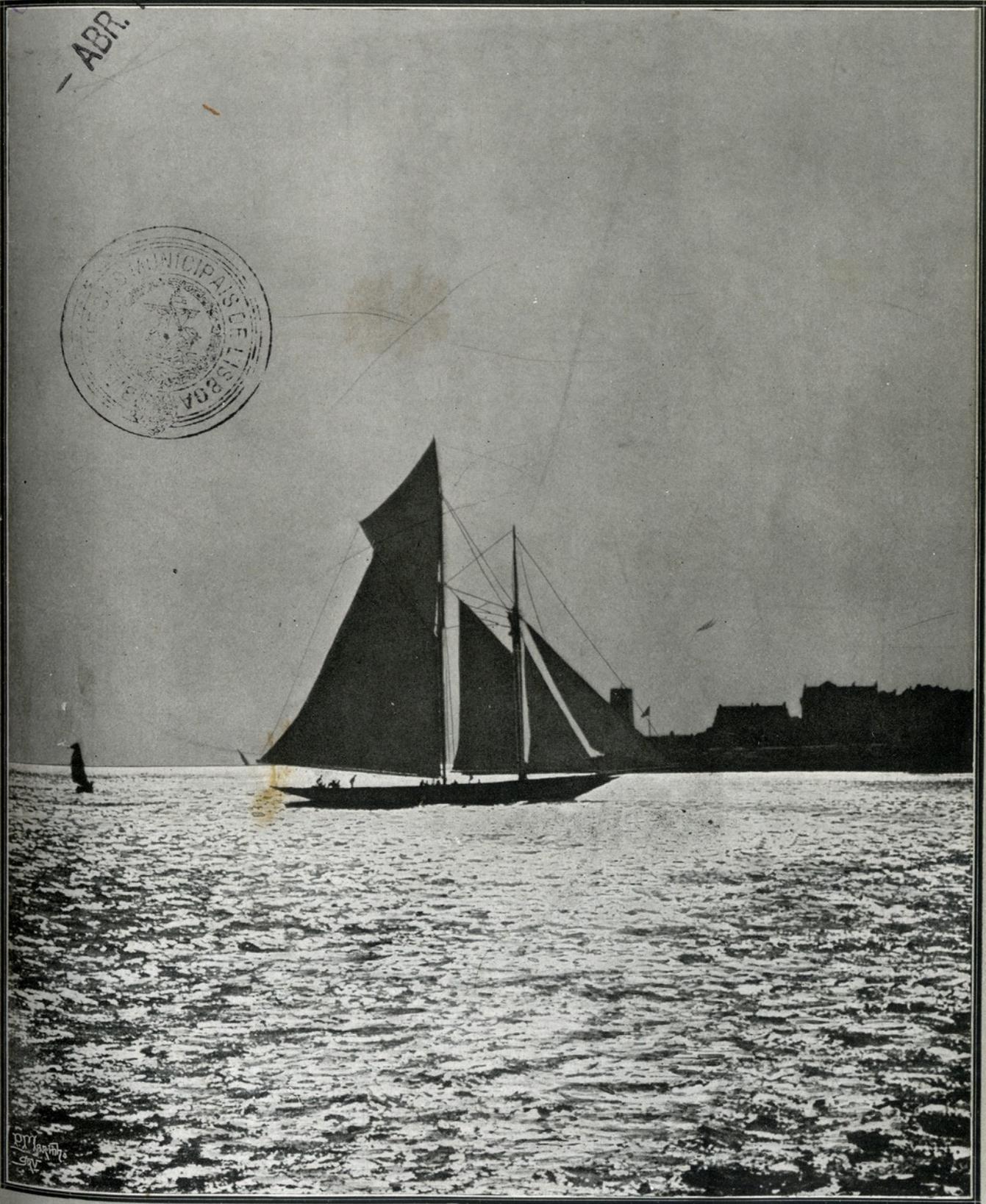
N.º 64 — Outubro 1910

Assignatura } Semestre.. 1\$200  
                  } Anno ..... 2\$200  
Numero avulso ..... 200

Composto e impresso  
na Typ. do Annuario Commercial

## EFFEITOS DO LUAR

— ABR. 1940



DM  
1887/6  
GV

# EMPRESA INDUSTRIAL PORTUGUEZA



## A MAIOR E MAIS IMPORTANTE FABRICA PORTUGUEZA DE METALLURGIA

Construção de pontes,  
vigamentos e estruturas metallicas  
fundição de aço ferro e outros metaes

CALDEIRAS E MACHINAS A VAPOR  
MOTORES A GAZ POBRE

CONSTRUÇÕES MECHANICAS CIVIS E NAVAES

Alfaias e machinas agricolas

Ascensores e monta cargas electricos  
SYSTEMA PRIVILEGIADO

Importação de todo o genero  
de machinas

Materias primas e manufacturadas  
para as industrias

ESCRITORIO E OFFICINAS

115, RUA LUIZ DE CAMÕES, A SANTO AMARO

TELEPHONE

N.º 256 — BELEM

Telegrammas

**Santamaro**  
LISBOA

Deposito d'Exposição Permanente

AVENIDA DE D. CARLOS,  
E  
RUA VASCO DA GAMA  
LISBOA



MARCA REGISTRADA

A. Zuarema

A ILUSTRADORA L. DO Carmo 7, LISBOA

# Summario

## MAGAZINE

	PAG.
O JANTAR DO BISPO Quadro de PASTORIS ( <i>Frontispicio</i> ) . . . . .	242
VEISEU E A MONARCHIA VISIGOTHICA (7 <i>illustrações e 1 vinheta</i> ) por A. BELDIABO . . . . .	243
RIO DA SOMBRA ( <i>Versos</i> ) por AUGUSTO CASIMIRO (2 <i>illustrações</i> ) . . . . .	250
A CARTA ROUBADA (3 <i>illustrações e 2 vinhetas</i> ) por EDGARD PÖE . . . . .	252
VIDA NOVA ( <i>Versos</i> ) por JOSÉ DA COSTA SAMPAIO (1 <i>illustração</i> ) . . . . .	258
O IMPERADOR DA ALLEMANHA (3 <i>illustrações e 1 vinheta</i> ) por PORTUGAL DA SILVA . . . . .	259
GORONGOZA, PAIZ DE CAÇA (4 <i>illustrações</i> ) por G. BIVAR PINTO LOPES . . . . .	269
LUIZ XIV E LA VALLIÈRE (2 <i>illustrações e 2 vinhetas</i> ) traducção de B. DE SALLES . . . . .	275
AS LIÇÕES DA ITALIA (11 <i>illustrações e 1 vinheta</i> ) compilado por EDUARDO DE NORONHA . . . . .	281
SANATORIO ( <i>Versos</i> ) de RAUL DO VALLE . . . . .	292
UMA VISITA AOS MORMONS (1 <i>vinheta</i> ) versão do inglês por MANUEL DE MACEDO . . . . .	294
SONETO ( <i>D'Arvers</i> ) traducção de J. B. PINTO DA SILVA . . . . .	299
A CONTEMPLAÇÃO DO CÉU (2 <i>illustrações e 1 vinheta</i> ) por AFFONSO DE CASTILHO . . . . .	300
BICHO DA TERRA ( <i>Soneto</i> ) por ALEXANDRE FONTES . . . . .	304
LES NOCES DE CANA (1 <i>illustração e 1 vinheta</i> ) por ARLINDO MONTEIRO . . . . .	305
PHANTASIA ( <i>Versos</i> ) por A. MELLA . . . . .	307
PRESAGIO TRISTE (1 <i>vinheta</i> ) por ALINE CUNHA . . . . .	308
ECCOS E REFLEXOS (10 <i>illustrações</i> ) . . . . .	310
NATAL ( <i>Versos</i> ) por JOÃO MARIA FERREIRA (1 <i>illustração</i> ) . . . . .	320

## A MUSICA DOS SERÕES

ARLEQUIM, <i>Pas de Quatre</i> de PEDRO F. RIBEIRO D'ALMEIDA . . . . .	3 pag.
--	--------

# Ultimas publicações da Livraria Ferreira

Rua Aurea, 132 a 138 — LISBOA

Antonio Sergio — <i>Notas sobre Anthero de Quental</i> , 1 vol. br.	700
Conan Doyle — <i>Aventuras do Brigadeiro Gérard</i> , 2 vol. ilustrados, cada .....	200
José de Figueiredo — <i>O pintor Nuno Gonçalves</i> , 1 esplendido volume, muito illustrado, impresso em papel superior, br. ....	1\$500
Antonio Sergio — <i>Rimas</i> , 1 vol. br. ....	500
Fernão Mendes Pinto — <i>Peregrinação</i> , edição cuidadosamente revista, completa, em 4 vol., cada vol. enc. 700, br.	500
Conde de Monsaraz — <i>Obras</i> , 2 vol. br. ....	1\$200
André Brun — <i>Dez contos em papel</i> , 1 vol. br. ....	600
Jayme de Séguier — <i>Diccionario Pratico Illustrado</i> , 1 vol. de 1:755 paginas, profusamente illustrado, encadernado em percalina com ferros especiaes .....	3\$000

## CASTELLO DE MOURA



Afamadas aguas minero-medicinaes e indiscutivelmente as melhores de meza.

Refrigera os sãos  
e cura os doentes

Grand Prix, Rio de Janeiro 1908 — Medalhas de Ouro, Madrid 1907, Porto 1904 — Medalha de Prata, S. Luiz 1904.

TELEPHONE 880

Deposito geral: Rua Arco do Bandeira, 24

# Expediente

Aos nossos assignantes dos “**Serões**” que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, lembramos que começamos a fazer o envió pelo correio dos respectivos recibos de cobrança, rogando a fineza de não demorarem a resposta, não só para nos evitarem despezas maiores com nova remessa de recibos a cobrar, como tambem para não soffrerem interrupção na remessa do nosso magazine “**Serões**”.

Accresce que os chefes das estações dos correios a quem remettemos recibos para cobrança de assignaturas, os não reteem o tempo legal, de fórma, que os assignantes residentes em logares affastados dos locaes das estações, não teem, muitas vezes, occasião de liquidar os seus recibos, o que nos prejudica pelas repetidas remessas e augmento do expediente.

*A administração.*

## Grande Planta de Lisboa

DELINEADA POR

Caldeira Pires

Em 4 folhas, a côres, impressa em optimo papel; escala 1:5000, acompanhada de uma outra na escala 25:000 que abrange toda a area de Lisboa, dividida por bairros e estes por freguezias. Croquis do districto de Lisboa, divididos por concelhos.

Roteiro e fita indicadora para prompta busca de qualquer rua, travessa ou logar que se pretenda conhecer de momento.

Planta de grande utilidade e alcance para

**Secretarias, escriptorios, escolas, quartéis, policia, etc., etc.**

Ligeira noticia da capital, e todas as suas differentes divisões administrativas.

**Preço em folhas, 3\$000 réis**

Colladas em panno, envernizada, com reguas de madeira **5\$000 réis**

PROPRIEDADE E DEPOSITO GERAL

**LIVRARIA FERREIRA**

Rua Aurea, 132 a 138

CORTAR COM UMA TESOURA SOBRE O PONTEADO

# Brinde mensal a todos os leitores dos SERÕES

**Brinde dos SERÕES**  
**BONUS** para o desconto de 10 por 100 em qualquer compra feita pelo portador na

**LIVRARIA FERREIRA**  
Rua Aurea, 132

durante o mez de outubro 1910.

**Brinde dos SERÕES**  
**BONUS** para o desconto de 10 por 100 em qualquer encomenda feita pelo portador no atelier de gravura de

**PIRES MARINHO & C.<sup>A</sup>**  
Praça dos Restauradores, 27

durante o mez de outubro 1910.

**Brinde dos SERÕES**  
**BONUS** com o desconto de 50 por 100 em qualquer logar nos espectaculos realizados ás terças feiras, ou dia seguinte pasado aquelle seja festivo, no salão

**MUSIC-HALL**  
PRAÇA DOS RESTAURADORES

durante o mez de outubro 1910.

**Brinde dos SERÕES**  
**BONUS** para o desconto de 10 por 100 sobre os preços estabelecidos no Consultorio Dental de

**Tugmann**  
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

durante o mez de outubro 1910.

**Brinde dos SERÕES**  
**BONUS** para aquisição de um exemplar do

**ANUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL**  
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

com o desconto de 10 por 100 durante o mez de outubro 1910.

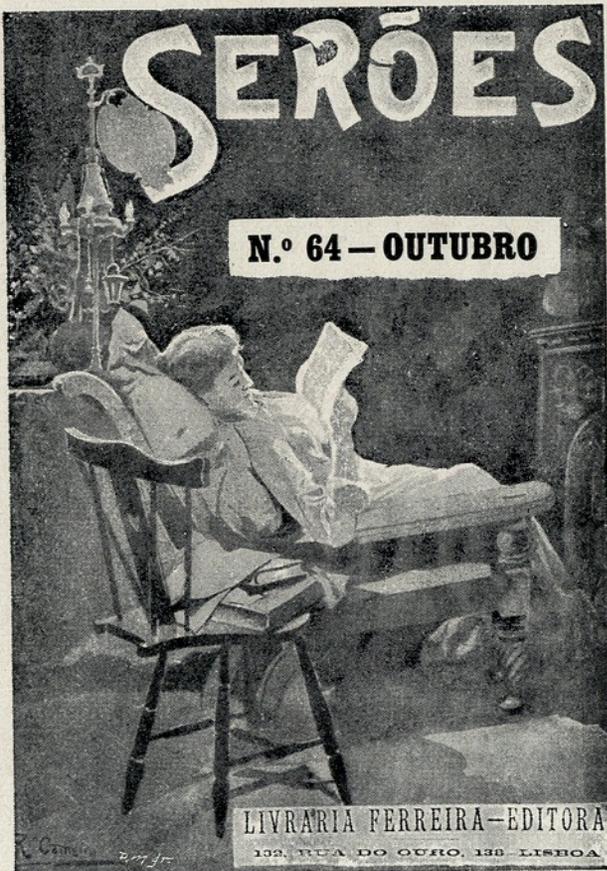
**Brinde dos SERÕES**  
**BONUS** para o desconto de 10 por 100 em qualquer compra feita pelo portador, em instrumentos de precisão na

**CASA MIRAMON**  
46, Praça D. Pedro, 48

durante o mez de outubro 1910.

# SERÕES

N.º 64 — OUTUBRO



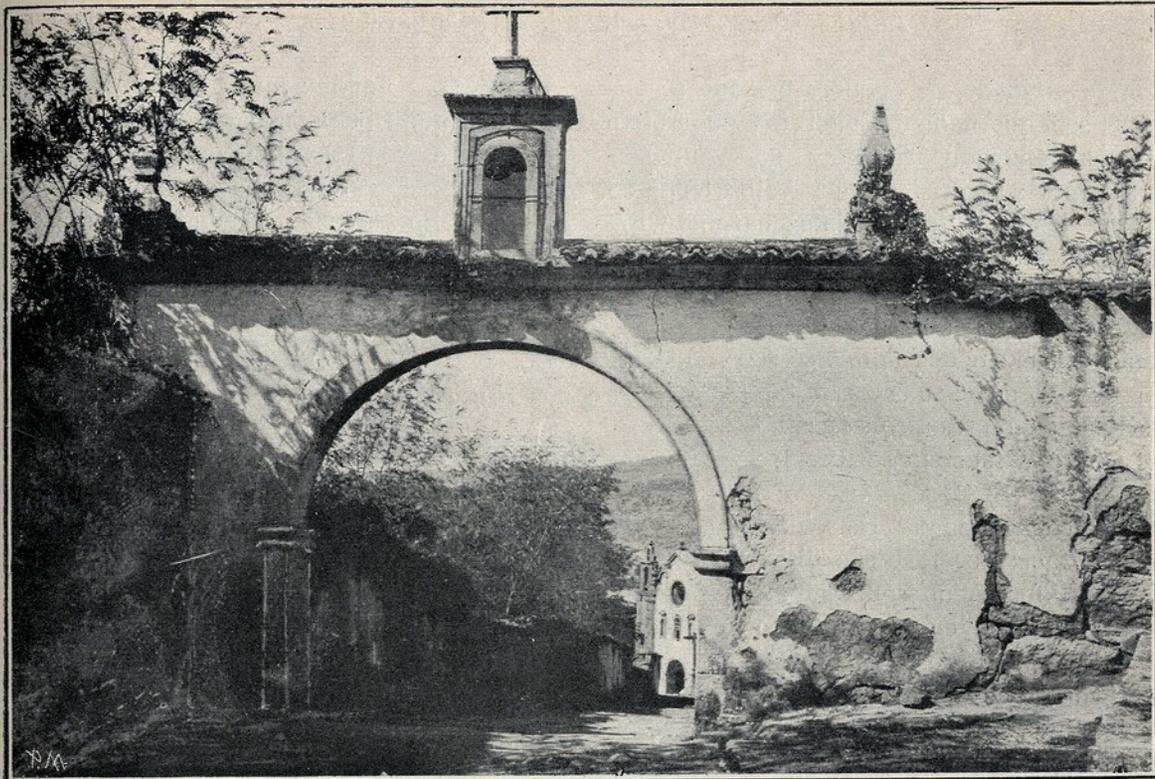
LIVRARIA FERREIRA—EDITORIA

132, RUA DO OURO, 132 LISBOA



O JANTAR DO BISPO

(Quadro de Pastoris)



PORTAO DO ANTIGO CONVENTO DE S. FRANCISCO DE ORGENS OU DO MONTE,  
CUJA IGREJA É HOJE MATRIZ DA PAROCHIA DE VISEU

# Viseu e a monarchia visigothica

*A origem de Viseu segundo diversos escriptores — Os varios nomes attribuidos á velha cidade — A lenda de Miragaya, immortalizada por Garrett — A primitiva Sé visiense em S. Miguel do Fetal — D. Rodrigo, o ultimo rei gôdo, e o seu tumulo em Viseu — A lenda da Nazareth.*

A cidade de Viseu é das mais antigas da Peninsula como é tambem das que não conhecem, ao certo, a sua origem, perdendo-se n'um verdadeiro mar de conjecturas, melhor ou peor architectadas, não só o que diz respeito á sua fundação como ao nome de que usa e que parece não haver sido o que primeiro lhe foi dado. Sem pretendermos entrar em controversias ácerca de uma e outra coisa, nem alardear erudição, sempre diremos o que nos fôr occorrendo no decurso do estudo a que um dos pontos da nebulosa historia de Viseu nos arrastou e que hoje vimos apresentar aos leitores d'esta

revista, convencidos de que algum interesse lhes despertará por se tratar de assumpto que não é geralmente conhecido.

Já Castilho, no *Outomno* que nos deixou, escrevera :

*Cavar pelas ruinas de fundas verdades  
é nobre fadiga;  
mas contos, contados de edades a edades  
tem força de encantos que a todos obriga.*

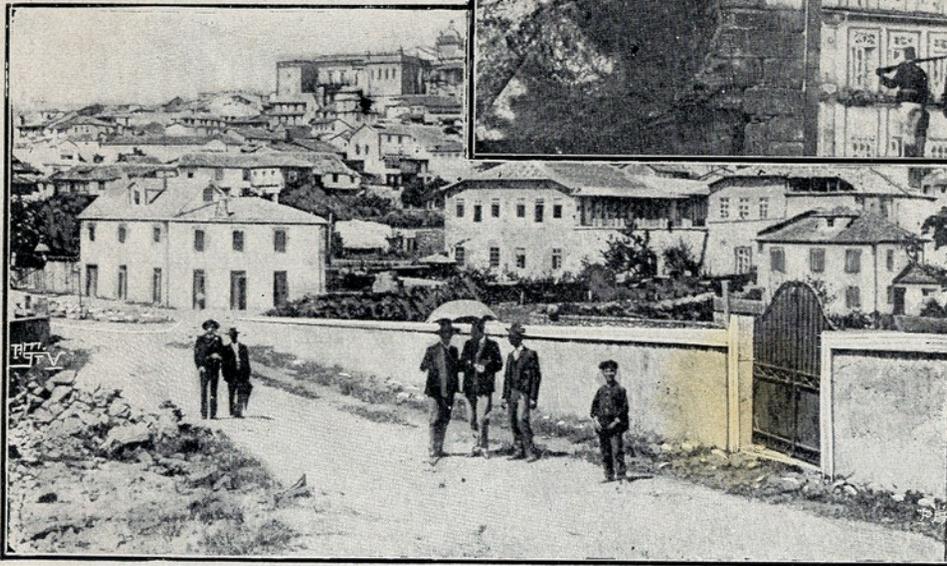
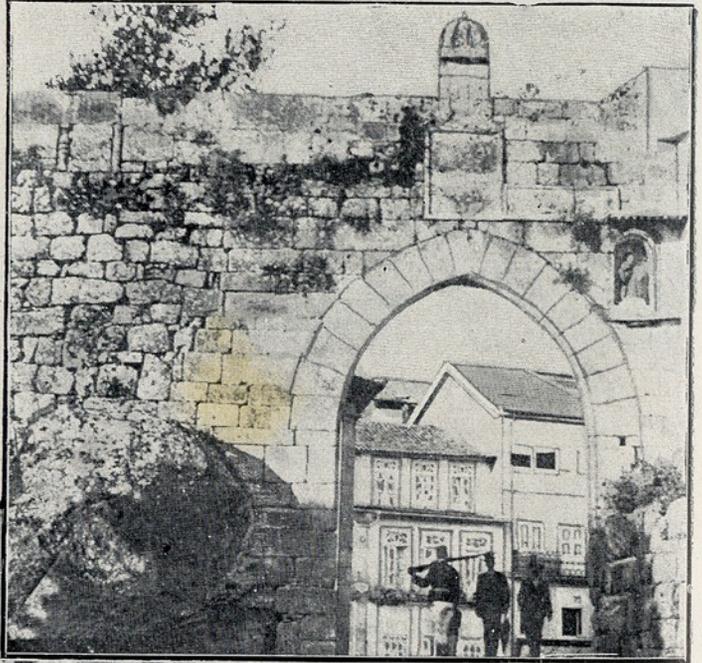
Procurando «cavar nas ruinas do passado», predilecção especial de nosso espirito, deparou-se-nos como interessante, precisamente

pela diversidade de opiniões em que se envolve, sem que nada de concreto e de positivo se tenha apurado até agora, um ponto historico que se prende com a velha terra de Viriato e com o occaso da monarchia visigothica: — o que se refere á morte e sepultura do ultimo rei gôdo da Peninsula, D. Rodrigo de Leão, duque da Betica por morte de Witiza, ao redor de cujo nome se crearam tantas lendas quantos são os escriptores que do assumpto se teem occupado.

Tal como da propria cidade onde é fama que teve seu ultimo leito o infortunado soberano: e, senão, vejamos, embora a largos traços. No seu livro *Poblacion general de España*, Rodrigo Mendes da Silva attribue aos turdulos a fundação de Viseu, 500 annos antes de Christo; depois o padre Leonardo de Sousa, no seu *Catalogo dos Bispos de Viseu*, começa a serie de prelados no anno 270,

hende-se e fundamenta-se que Viseu não era de muito pequena importancia no tempo em que os romanos dictavam leis ao mundo, tanto mais quanto se sabe que ali fundaram um castello. A lenda de Viriato, derrotando junto da famosa Cava, o pretor Caio Negidio, em 146 ou 148 antes da nossa era,

PORTA DO SOLAR OU DE S. FRANCISCO, TAMBEM CHAMADA O ARCO DOS MELLOS, NAS ANTIGAS MURALHAS DE VISEU



VISTA DE UMA PARTE DA CIDADE DE VISEU

o que desde logo affirma já existir, melhor ou peor, a respectiva Sé no seculo III, continuando, porém, a subsistir as duvidas quanto á época precisa em que fôra creada a cidade, na moderna accepção do termo, se já o era a esse tempo ou se apenas seria uma povoação.

Das moedas e lapides com inscripções diversas, e segundo os textos d'ellas, depre-

pontos do concelho de Viseu, taes como *orcas* ou *antas*, aquellas terras foram habitadas nos tempos pre-historicos, pois que taes monumentos são attribuidos aos celtas ou pre-celtas, contemporaneos dos iberos, que vieram para a Peninsula, no dizer de Herculano, em tempos muito proximos da infancia do genero humano.

diz-nos que a povoação já existia no tempo da conquista romana.

Por outro lado, segundo o testemunham os monumentos megalithicos encontrados em varios

Quanto ao nome da cidade, escriptores ha que affirmam ter-se chamado *Lancia*, outros *Verurium*, outros *Vicoaquario*, outros *Visonium* ou *Visionium*, e ainda outros *Vaca*, de *Vacua* segundo Estrabão, ou *Vaccum* segundo Ptolomeu, por estar nas proximidades do Rio Vouga. Mas, não ficam por aqui as presumpções. Botelho Ribeiro diz que foi *Vacca*, e que d'ella é que o Vouga tirou o nome, não sendo *Cava* senão o anagrama de *Vaca*; acrescentando que só se chamou Viseu quando Decio Junio Bruto, successor de Scipião, mandou edificar a fortaleza onde

De Witiza, filho de Vitulo, e duque de Betica, ao qual succedeu D. Rodrigo, como já dissemos. é que ainda nenhum escriptor, que nós saibamos, procurou fazer derivar o nome da cidade; e, no emtanto, talvez não fosse muito de estranhar, desde que Witiza fôra rei de Leão, e que d'esses reis fôra côrte, embora temporariamente, a que é hoje cidade de Viseu.

Ahi fica uma simples lembrança, que pode talvez dar logar a estudos de quem, por mais competente do que nós, maiores probabilidades tenha de descobrir a verdadeira



O GRANDE HOTEL — O MELHOR DE VISEU

hoje é a Sé, dando-lhe a designação de *Viso* por ficar no alto (*viso*) da encosta fronteira e sobranceira á cidade, da qual essa fortaleza ficou sendo o *aviso* ou atalaia; e que d'ahi derivou o nome por que passou a ser conhecida.

Ainda ha quem pretenda ter Viseu vindo de *Vizoy*, nome proprio de homem, muita vez encontrado em documentos dos seculos x e xi, exhibidos no *Portugaliae Monumenta* (tit. *Diplomata et Chartae*); e que a cidade tomasse o nome de algum personagem historico assim chamado, conforme varias terras da Peninsula o tomaram de romanos, suevos, gódos e até moiros.

origem do nome da vetusta cidade beirá.

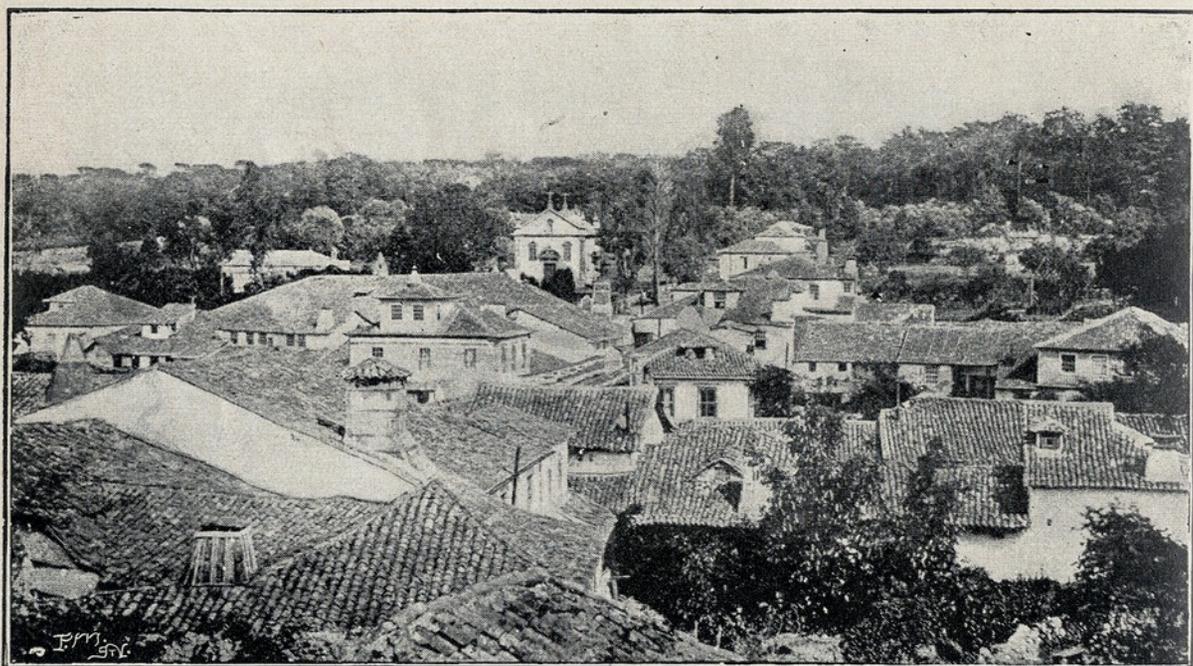
Viseu não tem apenas a lenda de Viriato, nem aquella que é objecto principal d'este estudo e a que vamos referir-nos (a do rei gôdo D. Rodrigo); tem ainda outra, que o nosso grande Almeida Garrett immortalizou no seu poema *Miragaya*. Esta até se reflecte no proprio brazão d'armas da cidade (o antigo, repudiado por uma camara municipal, ao parecer inimiga de *velharias*, em 1796), que era constituido por um escudo coroadado e n'elle um castello de prata em campo azul, banhado por um rio. De um lado do castello a figura de um homem, com trajos de peregrino, tocando n'uma buzina;

e do outro lado um pinheiro. O castello representava o do moiro Alboazar; o rio era o Douro; o peregrino era o rei Ramiro de Leão; e o pinheiro alludia ao bosque em que a occultas se reunira a sua gente d'armas. Em documentos antigos apparece esse brazão modificado, vendo-se o homem que toca a buzina sobre as ameias do castello, em vez de estar ao lado.

Para os que não conheçam a lenda que deu origem a este brazão, como a deu ao de Villa Nova de Gaya mais tarde, e como a deu ao poema do immortal Garrett, aqui a apresentamos tal como anda na tradiçãõ:

tes de que nos fallam as lendas da época. D. Ramiro enamorou-se perdidamente da filha do governador e tanto e tão bem soube requestal-a, que a moira consentiu em deixar se raptar, indo com elle para Zamora. Ali fez D. Ramiro baptisal-a christãmente, e a desposou sem se preoccupar com a bigamia que de tal consorcio resultava.

O mouro Alboazar, irmão da raptada, para se vingar de D. Ramiro, deliberou empregar a penna de Talião e, lançando-se ao caminho, veio até Viseu, onde logrou convencer D. Urraca, a tirar uma represalia do abandono a que o marido a votára.



O BAIRRO DE S. MIGUEL, EM VISEU, DOMINADO PELA HISTORICA IGREJA ONDE SE ENCONTRA O TUMULO DO ULTIMO REI VISIGODO

Em velhas eras parece que um senhor de grande importancia e haveres, por nome D. Ramiro, que era possuidor de Viseu e do reino de Leão, tinha um irmão que reinava em Zamora, e do qual não recordamos o nome. Este irmão do senhor de Viseu abandonou um dia o throno, razão pela qual D. Ramiro se foi em viagem, terras fóra, na ancia de preencher a vacatura régia, deixando no seu solar de Viseu, a esposa D. Urraca (ou D. Gaya), dama de elevada estirpe e de não menor formosura. Nas terras de Galla havia, por esse tempo, um governador agareno que tinha uma filha encantadora, uma d'aquellas moiras estontean-

tomando o moiro por seu amante. E foi então que os dois decidiram fazer o ninho do seu novo amor no castello de Gaya, fronteiro á cidade do Porto, deixando o solar de Viseu, onde ella não mais deveria voltar.

D. Ramiro, informado da feroz vingança de sua esposa D. Urraca, juntou a sua gente d'armas e decidiu-se a vir atacar o castello onde a infiel esposa se acoitava com Alboazar.

Não quiz, porém, atacar francamente, preferindo armar um estratagemã que lhe pareceu daria melhor resultado. Deixando a sua gente escondida n'um pinhal proximo, disfarçou-se em mendigo ou em peregrino,

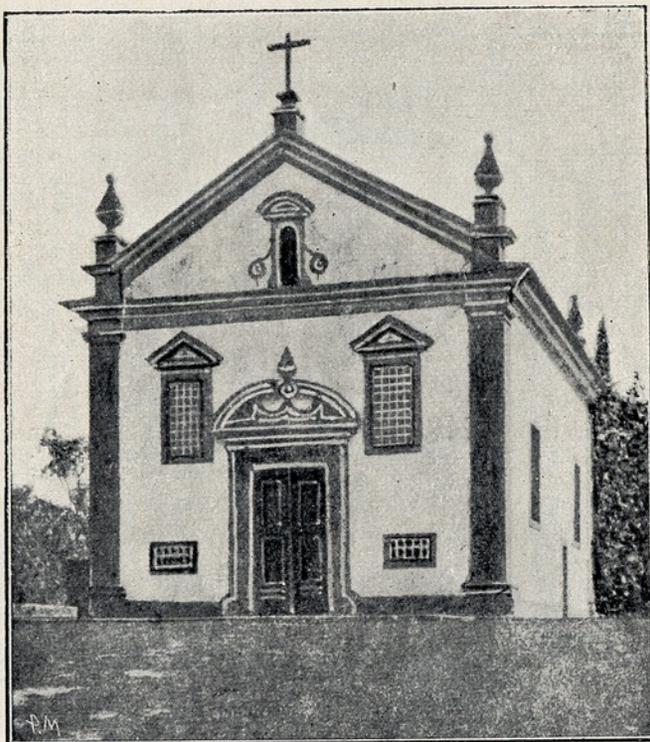
e assim buscou ensejo de, na ausencia do moiro, penetrar no castello de Gaya. Chegado á presença da esposa, arrancou o disfarce, a cabelleira e as barbas postiças, e, como offerecendo o seu perdão á infiel, pretendeu abraçal-a. Exprobações de parte a parte foram fazendo passar o tempo até que Alboazar, no regresso de uma caçada, entrou no castello apanhando ahí a D. Ramiro. Ia para matal-o, mas, a seu pedido, consentiu em que elle se despedisse da sua buzina, tangendo-a pela ultima vez. O toque da buzina era, porém, o signal combinado entre D. Ramiro e a sua gente, para em caso de perigo correr esta a soccorrel-o. Os christãos atacaram então o castello, inesperadamente, Alboazar foi morto na refréga, e a esposa infiel conduzida, desmaiada, para um dos barcos que esperavam no Douro o desfecho da contenda.

Ali, em pleno Douro, quando a pobre dama, recuperando os sentidos perdidos, lançava o olhar desvairado para o castello em chammas, D. Ramiro, pronunciando a phrase: *Mira Gaya*, deu-lhe a morte em vingança do ultraje recebido, sem querer attender a que primeiro a havia elle ultrajado. Como quando se trata da famosa menina chamada Victoria, que em morrendo a menina se acabou a historia, assim a lenda de D. Ramiro e da rainha Gaya acaba com a morte d'esta ás mãos do esposo.

Almeida Garrett, como já se disse, e é bem sabido, pôz esta lenda em formosos versos que nenhum portuguez deve desconhecer. Até que ponto a lenda tem visos de verdade, não é coisa para ser tratada

no espaço de que nos é licito dispôr n'esta revista. Diremos, todavia, que Vilhena Barbosa, o auctor das *Cidades e Villas de Portugal*, assevera ter sido certo que D. Ramiro II, de Leão, raptára a moira Zahara, irmã ou filha de Alboazar, a qual se fez christã, tomando no baptismo o nome de Artida ou Artiga; e que dos seus amores com essa moira houvera um filho «que foi o fundador do mosteiro de Santo Thyrso, cinco léguas acima da cidade do Porto», e o qual filho se chamou Alboazar Ramires.

São muitas as variantes d'essa lenda, mas a que tem mais voga é a que deixamos apontada.



IGREJA DE S. MIGUEL DO FETAL, ONDE ESTÁ  
O TUMULO DO REI VISIGODO

Segundo a doação que em seu testamento fez o Conde D. Henrique a sua mulher D. Thereza, ou Tareja, em 1080, confirmando a que, tambem em testamento, fizera D. Fernando o Magno, de Leão e Castella, fallecido em 1065, foi concedida aos clérigos (conegos), moradores na igreja de Santa Maria, da Sé Episcopal de Vi-

seu, a posse do chão da dita igreja «pela parte de dentro do muro velho, entre o caminho de S. Miguel do Fetal e a rua da Regueira a entestar no caminho publico».

Em S. Miguel do Fetal existe uma velha egreja, hoje restaurada, que se diz ter sido a primitiva Sé de Viseu, segundo uns; e ter apenas servido de Sé, segundo outros, quando o Conde D. Henrique a cedeu ao prior D. Theodonio, para elle viver ali com os seus conegos, durante as obras da Sé, que a esse tempo era de bem modestas proporções, e que o citado D. Henrique mandára restaurar e ampliar, sendo essa uma

das sete reconstrucções que tal igreja tem soffrido, segundo diz a historia da diocese visiense. Hoje a Sé de Viseu é uma das melhores e, por certo, das mais notaveis do paiz, embora não seja das mais amplas, sendo especialmente digna de menção a sua architectura manuelina interior.

Na referida igreja de S. Miguel do Fetal, extra-muros de Viseu, antiquissima, como se depreheende do que fica referido, teve ou tem (que o ponto está ainda por esclarecer) o seu pantheon um rei authentico, D. Rodrigo, o ultimo monarcha dos wisigodos. Ali se encontra o historico e bem modesto tumulo onde, segundo a tradicção, que nos não repugna acreditar, teve o seu ultimo leito aquelle soberano, derrotado em Guadalete.

Ha noticia d'esse sarcophago desde o anno de 900 da nossa era. Em 1730, o cabido visiense, mandando restaurar a velha igreja de S. Miguel, restaurou tambem o tumulo, fazendo substituir a velha e já apagada inscrição primitiva, pela que se vê na

gravura que acompanha, com outras, este artigo, e que traduzida em vulgar diz assim: *Aqui jáz, ou jazeu o ultimo da ordem dos reis godos, segundo a fama refere.*

A inscrição antiga, que esta veio substituir, dizia, tal como se encontra reproduzida nos *Dialogos* de Manuel Botelho Pereira: — *Aqui jáz D. Rodrigo, ultimo rei dos godos. Maldito seja o furor de Julião* (o conde Julião, seu valido, que o atraçou e vendeu aos moiros, diz-se, por D. Rodrigo, com promessas de casamento, lhe ter seduzido e abandonado uma filha, a formosa Florinda, chamada Cava nas historias do tempo), *que tão pertinaz e porfiado foi; maldita a sua*

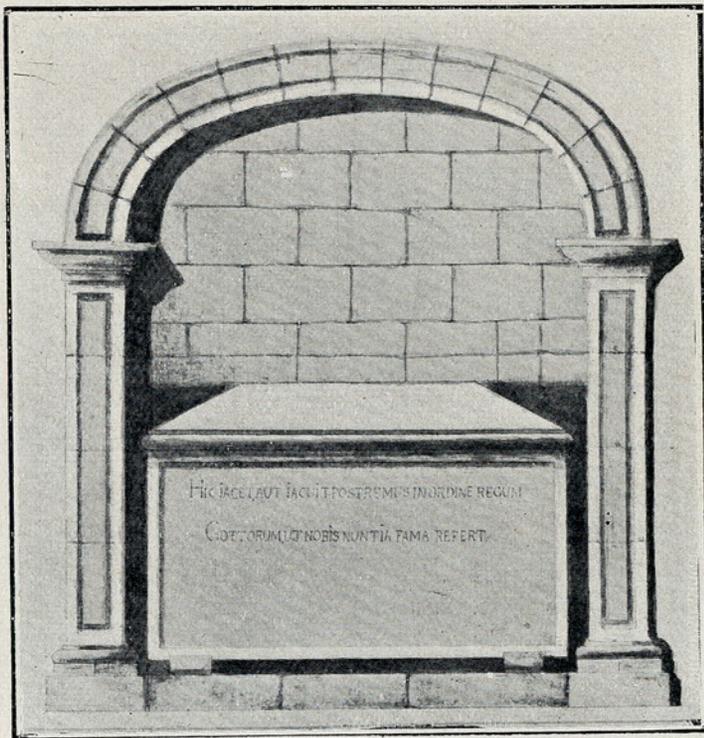
*indignação tão dura; louco e cruel o tornou o odio, animoso a indignação e impetuoso o furor; esquecido da fidelidade e da religião, cruel para comsigo mesmo, homicida para com o seu soberano, inimigo para com os seus parentes, destruidor da sua patria e reu para com todos. Amarga será na bocca de todos a sua memoria, e para sempre apodrecerá e se corromperá o seu nome.*

A affirmação de Botelho Pereira é peremptoria: *Aqui jáz D. Rodrigo, ultimo rei dos godos*; e não é crível que elle inventasse tão complicado epitaphio só pelo prazer de mentir. Mas os auctores modernos não se

convenceram e negam que o rei D. Rodrigo ali fosse sepultado, teimando em asseverar que vencido e morto em Guadalete, na Andaluzia, não podia ter vindo para Viseu o seu cadaver. Que foi vencido é certo e acha-se historicamente comprovado, tão vencido que até terminou ahi a sua dynastia. Quanto a ser morto na batalha não ha prova completa.

Sabe-se que a batalha chamada de Guadalete du-

rou oito dias, combatendo-se com igneo furor de parte a parte, até que o pobre rei godo viu o seu exercito desbaratado e a sua causa inteiramente perdida. Mas ha uma tradicção, a que os historiadores não teem querido attender, não se sabe bem por quê, a qual refere que D. Rodrigo se disfarçou em pastor, indo, de fugida, acolher-se ao convento de Cauliana, proximo de Merida, dando-se ahi a conhecer ao D. Abbade do mosteiro. Fugira a pé, porque o seu cavallo fôra morto no combate. Pouco depois elle e o D. Abbade, não se julgando seguros, abandonaram o convento, indo parar ao sitio onde hoje é a Villa da Pe-



TUMULO DO ULTIMO REI VISIGODO,  
EXISTENTE NA IGREJA DE S. MIGUEL DO FETAL

derneira, na Nazareth. E lá o diz a conhecida quadra que anda nos cantáres do povo:

*Deserto fica o mosteiro,  
Mosteiro de Cauliana;  
Peregrinos, rei e monge,  
Hão passado o Guadiana.*

Comsigo levaram uma imagem da Virgem, que se venerava no mosteiro (e que outra não é senão a actual Nossa Senhora da Nazareth). Ao fim de 26 dias de dolorosa jornada, ganharam o cimo de um monte onde abriram uma cova, protegida por uma cruz, decidindo D. Rodrigo passar ahi o resto da vida em oração ao Deus dos Christãos. O monge foi para o monte fronteiro, e um com o outro se correspondiam por meio de signaes. O monge, porém, pouco tempo viveu no seu retiro, indo D. Rodrigo um dia encontral-o morto. Piedosamente lhe sepultou o corpo junto da lapa onde collocou a imagem da Virgem; e não querendo mais viver por aquelles sitios, «se encaminhou para os lados de Viseu e ahi veio a acabar os seus dias».

Porque não ha de aceitar-se esta lenda? Que tem ella de inverosimil dados os costumes e as ideias d'essas épocas longinquas? Como é possível acreditar-se que na igreja de S. Miguel do Fetal se construisse um tumulo, como o que a nossa gravura representa, para se dizer que n'elle estava o corpo de D. Rodrigo, sem elle lá estar? Com que intuitos se pretenderia mentir assim?...

Que responda quem não esteja obsecado pela caturrice, que n'este, como em outros assumptos historicos, tão pretenciosamente se manifesta entre nós.

Certeza absoluta não pode havel-a hoje; mas as presumpções são todas de molde a que se acredite na verdade da lenda e, consequentemente, na verdade da inscripção primitiva. Quanto ao que se encontra escripto de ter sido D. Rodrigo morto (e até degolado, segundo um auctor) na batalha de Guadalete, merece-nos isso tanta fé como a que nos podem merecer as phantasiosas descrições que temos lido de um acontecimento tragico dos nossos dias ao qual tivemos a desventura de assistir, descrições que são tudo quanto ha de mais mentiroso, sendo alias accites como boas e authenticas por quantos, que não se encontravam no local da tragedia, as suppõem com o fundamento que sabemos bem não podem ter.

Ora quando isto se dá com um facto passado em nossos dias, forjando-se mentiras que d'aqui a seculos ainda mais acreditadas serão, como não havemos de suppôr inquinadas da mesma falta de verdade as descontraidas noticias que dos longinquos tempos da batalha de Guadalete teem chegado até nós?...

Não crêmos que haja mais razão para acreditar na lenda que dá o rei godo como morto na batalha, do que na que o dá como vivo e fugitivo no sitio da Pederneira e, depois, como trasladando-se para Viseu e morrendo ahi.

A. BELDIABO.





## Rio da Sombra

— *Ilissus e Calirrhoe se fundiram...* —  
*E assim nasceste do divino abraço*  
*Em que a treva e a luz se confundiram,*  
*Sobre o terreno e maternal regaço...*

*Rio da Sombra!... — Palas Atenêa*  
*Viu-te, saudoso e triste, a soluçar,*  
*Como as paisagens sob a lua cheia,*  
*Branco soluços mudos de luar...*

*E envolveu-te na sombra da folhagem*  
*Em que o teu pranto, á luz, reverdecia,*  
*P'ra que fosses a alma da paisagem,*  
*Divinisada sob a luz do Dia...*

*Corpos de ondina — rútilos cabellos,*  
*Torrentes de oiro e luz sobre marfim, —*  
*(Só Policleto fez corpos tam bellos,*  
*Fidias sómente os concebeu assim...)*

— *Corpos de ondina, como lírios quêdos,*  
*Escutam o silencio, a murmurar...*  
— *E nas sombras de sonho e de segrêdos*  
— *Andam sônhos, segrêdos pelo ar...*

*Ponte dos faunos! Curva carinhosa*  
*Onde os caprinos pés signaes deixaram,*  
*E as ninfas, a sorrir, se debruçaram*  
*Sobre o espelho da agua silenciosa...*

*Fonte dos Faunos! — Fiosinho de agua,*  
*Labios leaes da generosa boca...*  
— *Para a sêde maior da nossa magua,*  
— *Toda a alegria, toda a crença é pouca!...*

*Soluços de agua, pranto claro, — e vêde*  
*Como ella canta e segue e vae contente!...*  
— *Pranto da Terra, como mata a sêde!*  
— *Pranto de Dôr como allivia a gente!...*

*E olhae como ella pára de cansada  
E se extasia a reflectir a vêre  
Comunidade calma, debruçada,  
Que em seu regaço liquido se pèrde!...*

*Bebei de bruços, meus irmãos, — o peito  
Sobre o seio da Terra, unidamente,  
— Porque foi sempre a Terra o melhor leito,  
— E a Terra gosta de embalar a gente!...*

*Bebei! — Sêde infinita, insaciavel,  
Sêde de Amor, de rútila Bellêza,  
Só a pode extinguir o inexgotavel  
Seio materno e bom da Naturêsa...*

*Bebei! — Tremem na agua transparente  
Fundos incertos, vagos, nebulosos...*

*— Hade a agua correr constantemente,  
— Para extinguir a sêde aos sequiosos!...*

*— Bebei! que a Terra anciosamente clama  
O maternal desejo de se dar...  
— Agua divina ou creatura, ou chama,  
— Vida esboçada, ou sentimento, ou lar!...*

## Arvore tragica

*E aquella ancia vegetal? E aquella  
Attração invencivel que tortura  
A fôrma calma, a quietação mais bella  
De tronco exuberante ou creatura?*

*Vêde que desespero e que ternura!  
— Febre de monge rude em 'streita cela,  
— Ancia de artista impávido á procura  
Da fôrma ideal, esplendida que anhela!*

*— Vêde que bem querer, que heroica mágua,  
— Torceu, lançou nervosamente os ramos  
— Como garras crueis por sobre a agua...*

*— Olhai! — que tendes muito para ver!  
— E é bem necessario que aprendamos  
— Só contemplando as coisas — a vencer!*

COIMBRA — S. João do Campo  
Outubro, 1909

*Augusto Casimiro.*



ARVORE TRAGICA — (De pé o poeta Jaime Cortesão)



# A carta roubada

(CONCLUSÃO)



Logo que elle partiu, o meu amigo entrou em explicações: — Quando G... nos contava detalhadamente a maneira como inspeccionára a casa de D..., tinha a certeza de que a busca fôra effectuada com a maior perfeição. As medidas fôram boas e excellentemente postas em pratica. O defeito era de serem inapplicaveis ao caso e ao homem de que se tratava. O nosso prefeito possui uma pequena collecção de habilidades a seu modo e que são deveras engenhosas, mas que constituem uma cama de Procusto á qual adapta os seus planos á força. Quando se engana é sempre porque foi muito profundo ou muito superficial, conforme o negocio que tinha, entre mãos; e mais de um rapaz de escola se mostra com melhor logica do que elle. Conheci eu um de oito annos, cujos successos de adivinhação no jogo dos pares e impares excitavam a admiração universal. Esse jogo é simples.

«Um jogador tem na mão um certo numero de bolas e pergunta a outro se a quantidade é par ou impar. Se este acerta ganha uma bola, se não paga uma. O rapaz de que fallei ganhava todas as bolas da escola. Naturalmente tinha um certo methodo de adivinhação, methodo baseado na simples observação e na apreciação do grau de astucia dos seus adversarios. Por exemplo, tem por adversario um palerma que, levantando a mão, lhe pergunta: «Par ou impar?» O nosso estudante responde «impar» e perdeu. Mas da segunda vez ganha, porque racio-

cina: «Aquelle estúpido tinha um numero par da primeira vez e toda a sua malicia não vae mais longe, da segunda vez, do que a leval-o a jogar impar.» E diz «impar» e ganha. Agora com um jogador d'um nivel intellectual superior teria certamente pensado assim: «Elle viu que na primeira vez eu disse impar e a sua primeira ideia seria variar simplesmente de par para impar como fez o outro, mas então uma segunda reflexão suggerir-lhe-ha que essa é uma variação muito simples e decidir se-ha finalmente pelo par como da primeira vez. Direi, pois, par.» E diz par e ganha. Pois bem, este methodo de raciocinio do rapaz de escola que os seus camaradas chamam sorte, em ultima analyse, sabe o que é?

— E' simplesmente, respondi, da parte d'aquelle que raciocina, o facto de identificar a sua intelligencia com a do adversario.

— E' isso; e tendo perguntado ao rapaz por que meio effectuava essa completa identificação, d'onde tirava todo o seu successo, deu-me esta resposta: «Quando quero apreciar o grau de sagacidade ou de estupidez, de bondade ou de malevolencia d'um individuo, ou conhecer quaes são os seus pensamentos de momento, componho a expressão do meu rosto tão exactamente quanto possivel á imitação do seu, e espero então as ideias ou os sentimentos que germinarão no meu espirito e no meu coração e que se associarão áquella expressão da minha physionomia.» Esta resposta do rapaz de escola deixa muito atraz a falsa profundeza que se quiz attribuir a La Rochefoucauld, a Machiavel e a Campanella.

— E a identificação do intellecto do que raciocina com o do seu adversario, se bem comprehendendo, depende da maior ou menor exactidão com a qual elle mede o intellecto d'esse adversario?

— Depende, com effeito, sob o ponto de vista do seu valor pratico. Se o prefeito e os seus acolytos se enganam tão frequentemente, é, em primeiro lugar, porque desprezam uma tal identificação, e em segundo, porque apreciam mal, ou omittem completamente o apreciar a intelligencia com a qual teem de se haver.

«Não levam em conta, proseguei Dupin, senão o engenho das suas proprias ideias, e se procuram uma cousa occulta, só pensam nos processos que teriam de empregar para a esconder. N'um sentido, não vão mal, porque o seu proprio engenho é uma fiel representação do da massa; mas quando a astucia de um determinado criminoso é d'um character differente da sua, naturalmente, o delinquente conserva-os em cheque. E' o que sempre acontece quando a habilidade d'este é maior do que a sua, e o que succede muitas vezes ainda quando é menor. Não sabem variar o principio das suas investigações; exaggeram ao extremo os velhos processos da sua rotina, sem modificar em nada esse principio. Assim, no caso de D..., o que se fez fóra do usual? O que são todas essas perfurações, sondagens, pesquisas, de microscopio na mão, a divisão das superficies da habitação em pequenos quadrados numerados? O que é isso senão a applicação exaggerada d'um systema ou d'uma serie de systemas de investigação que são baseados unicamente no conjuncto das noções que o prefeito adquiriu ácerca do engenho humano, systemas aos quaes se costumou na longa pratica da sua profissão? Não vê que elle considera como ponto assente que *todos* os homens, quando teem uma carta para es-

conder, se servem, senão exactamente d'um furo de verruma no pé d'uma cadeira, pelo menos n'um buraco ou n'um ponto afastado cuja escolha será suggerida pela mesma ordem de ideias que fez escolher para esconderijo, *uma certa vez*, um furo de verruma no pé de uma cadeira?

«E não vê ainda que esconderijos tão *recherchés* (\*) não conveem senão em occasiões ordinarias e só são adoptados por espiritos ordinarios: porque em todos os casos em

que se trata de objectos occultos, o facto de que foram dissimulados de uma maneira *recherchée* (\*) é á primeira vista presumivel e presumido; assim a descoberta do objecto depende, não da penetração dos pesquisadores, mas simplesmente do cuidado, da paciencia e da decisão que põem nas buscas. Comprehende agora o que eu queria dizer afirmando que se a carta roubada tivesse sido escondida no dominio da investigação do prefeito, por outras palavras, se a ordem de ideias que sugeriu a escolha do esconderijo se encontrasse comprehendida na ordem de ideias do prefeito, não ha sombra de duvida que a carta teria sido descoberta. Ora este funcionario foi completamente mystificado; e a causa

primaria do insuccesso reside em ter considerado o ministro como um doido, porque este adquiriu uma certa reputação de poeta. Todos os doidos são poetas, segundo o nosso prefeito, e o seu unico erro foi uma *non distributio medii* visto que deduziu d'este termo que todos os poetas são doidos.

— Mas é realmente o poeta? perguntei. São dois irmãos. O ministro, creio, escreveu um notavel trabalho sobre calculo differencial. Elle é o mathematico e não o poeta.



PUZ UNS OCULOS VERDES E APRESENTEI-ME EM CASA DO MINISTRO ...

(\*) No texto está em francez.

— Engana-se. Conheço-o muito bem. Elle é um e outro, poeta e mathematico; como tal, devia raciocionar judiciosamente. Como simples mathematico não teria raciocinado absolutamente, estaria á mercê do prefeito.

— Surprehende-me; não tem a pretensão de reduzir ao nada uma ideia que muitos seculos amadureceram. A razão mathematica é desde largo tempo considerada como a razão por excellencia.

— Os mathematicos teem feito todo o possível para acreditar o erro popular de que se fez echo. Assim, por um artificio digno de melhor causa, applicaram á algebra o termo de analyse. Os francezes foram na origem os culpados d'essa fraude. Mas se é preciso ligar alguma importancia á terminologia, se o valor das palavras provem da sua applicação — então a palavra *analyse* significa *algebra*, pouco mais ou menos como a palavra latina *ambitus* significa *ambição*, como *religio* significa *religião*, como as palavras *homines honesti* significam um grupo de *gente honrada*.

«Contesto a efficacia e por conseguinte o valor pratico de todo o raciocinio que é cultivado por outros processos que não sejam os da logica pura. Contesto em particular o raciocinio formado pelo estudo mathematico. As mathematicas são a sciencia da fórma e da quantidade; o raciocinio mathematico é simplesmente a logica applicada á observação da fórma e da quantidade. O grande erro consiste em suppôr que, mesmo as verdades do que se chama algebra pura são verdades abstractas ou geraes.

«E este erro é tão completo que estou confundido em o ver acolhido com tal unanimidade. Os axiomas mathematicos não são axiomas d'uma verdade geral. O que é verdadeiro sob o ponto de vista da fórma e da quantidade é muitas vezes grosseiramente falso a respeito da moral, por exemplo. N'esta ultima sciencia, é muito correntemente inexacto que a somma das partes seja igual ao todo. Em chimica igualmente, o axioma é erroneo. Acontece o mesmo na mechanica: porque dois motores animados cada um d'uma dada força não teem necessariamente, associados, uma força igual á somma das suas respectivas forças. Ha um bom numero de outras verdades mathematicas que não são verdadeiras senão nos limites da *relação*. Briand, na sua sapientissima My-

thologia, menciona uma origem analoga de erros, quando faz notar que, apesar do descredito geral em que cahiram as fabulas do paganismo, tiramos ainda quotidianamente consequencias como o fariamos de realidades existentes. A respeito das realidades dos algebricos, que são propriamente pagãos, dá-se fé ás suas *fabulas pagãs* e tiram-se d'ellas consequencias, não tanto por esquecimento como por um vicio inconcebivel do nosso cerebro. Em poucas palavras, não tenho ainda encontrado mathematico puro a quem se possa confiar fóra das suas equações, ou que não tenha como artigo de fé clandestina que  $x^2 + px$  é igual a zero, de um modo absoluto e incondicional. Diga a um d'esses senhores, se quer ter essa fantasia a titulo de experiencia, que em sua opinião se podem apresentar casos em que  $x^2 + px$  não é, de uma maneira absoluta, igual a zero. Mas quando lhe tiver feito comprehender o que lhe quer dizer, ponhã-se a salvo porque não resta duvida que elle tentará bater-lhe.

Como eu me contentasse em rir das suas ultimas observações, Dupin continuou:

«Concluo que se o ministro não tivesse sido senão um mathematico puro, o prefeito não se veria na dura necessidade de me confiar o mandato. Eu conhecia-o como sendo ao mesmo tempo mathematico e poeta e adoptei a minha maneira de proceder á sua capacidade, tendo em conta outra parte das circumstancias em que elle se tinha collocado. Sabia tambem que era um homem da côrte, intrigante e decidido. Um tal homem, pensei, deve estar sem duvida, ao corrente dos methodos ordinarios da policia; não deve deixar de prever — e os successos ulteriores assim demonstraram — os laços que lhe hão de armar. Reflecti que devia ter igualmente previsto as buscas secretas que foram effectuadas em sua casa; as frequentes ausencias do seu domicilio, á noite, ausencias que o prefeito saudára como motivos de successo, considerava-a seu como *ardis* destinados a deixar á policia o campo livre e o tempo necessario para realizar as buscas e para lhe suggerir mais facilmente a convicção, a que, de facto, G... finalmente chegou, de que a carta não estava em casa. Toda a serie de considerações que acabo de pormenorizar, com alguma prolixidade a respeito dos principios invariavel-

mente rotineiros que dirigem a policia nas pesquisas de objectos occultos, necessariamente se apresentaram ao espirito do ministro. Deviam imperiosamente leval-o a desprezar os esconderijos complicados, queridos do vulgo. Não podia no meu entender, ser sufficientemente creança para não ver que o mais recondito logar da sua casa, estaria tão exposto como os quartos mais abertos da sua habitação, aos olhos, ás sondas, ás ver-rumas e aos microscopios do prefeito. Presenti emfim que seria animado pela necessidade dos factos a usar de meios *simples*, ainda mesmo que não fosse levado a isso por uma escolha deliberada. Deve recordar-se talvez das gargalhadas excessivas com que o prefeito acolheu a ideia que lhe suggeri na sua primeira visita, de que elle se encontrava muito embaraçado n'este mysterio por causa da sua grande simplicidade...

— Sim, lembro-me perfeitamente.

— O mundo material, continuou Dupin, comporta numerosas e muito exactas analogias com o immaterial; e é isso o que dá alguma côr de verdade a esse dogma de rhetorica, em que uma metaphora ou uma comparação são capazes de reforçar um argumento tão bom como embellezar uma descripção. O principio de *vis inertiae* (força de inercia), por exemplo, parece ser identico nas sciencias physicas e metaphysicas. Nas primeiras, está estabelecido que um corpo de grandes dimensões é movido com mais esforço do que um de pequenas dimensões, e o movimento é proporcional a esse effeito; na metaphysica, as intelligencias de vasta capacidade, mais poderosas, mais estaveis e mais susceptiveis de acção do que as de grau inferior, são as mais difficeis de pôr em movimento e as mais embaraçadas e as mais hesitantes nos seus

primeiros passos para a frente; um e outro principio são egualmente verdadeiros n'uma e outra sciencia. Do mesmo modo, tem notado, nas ruas, quaes são sobre as portas das lojas, as taboletas que attrahem mais a attenção?

— Nunca pensei n'isso.

— Ha um exercicio de adivinhação, que se faz sobre uma carta geographica.

«Um dos que entra no jogo pede ao outro para descobrir um certo nome, de cidade, de rio, de paiz, uma palavra qualquer sobre a superficie versicolor e cheia do mappa. Um novato, n'este jogo, procura geralmente embaraçar o adversario dando-lhe para procurar as palavras escriptas em letra extremamente meuda; mas os maldosos escolhem palavras escriptas em grandes caracteres e que chegam de um lado a outro do mappa. Essas palavras, como as taboletas e os cartazes em letras muito grandes, escapam á observação em razão da sua excessiva evidencia; aqui, a inattenção physica é um phenomeno exactamente analogo á inattenção moral que deixa escapar sem as ver, as considerações muito indiscretamente e muito materialmente evidentes. Mas este é um ponto muito além da comprehensão do prefeito. O nosso homem nunca julgou provavel ou possivel que o ministro tivesse posto



O MINISTRO

a carta á vista de toda a gente com o fim de melhor impedir que a vissem. Quanto eu mais reflectia no character brilhante, distincto e original de D..., mais me convencia que o documento devia estar ao alcance da mão, e que o ministro recorrera ao engenhoso e sabio expediente de não tentar escondel-a.

«Compenetrado d'este facto, puz uns olhos verdes, e apresentei-me uma bella manhã, como por acaso, em casa do minis-

tro. Encontrei-o como de ordinario, e declarando-se cheio de aborrecimento. E' talvez o homem mais energico que existe hoje, mas sómente quando está bem certo de que ninguém o vê. Para me pagar na mesma moeda, queixei-me da fraqueza da minha vista e deplorei a necessidade de usar oculos, á sombra dos quaes eu inspeccionava minuciosamente todo o gabinete, tendo o ar de que estava todo occupado com a conversa.

«Fixava especialmente a attenção para a grande secretária junto da qual estava sentado, e sobre a qual estavam misturados com outros papeis e varias cartas, um ou dois instrumentos de musica e alguns livros. Todavia, aqui, depois de um minucioso e prolongado exame, nada vi que particularmente excitasse as minhas suspeitas.

«Por fim, os meus olhos fixaram-se n'um *porte-lettres* que estava suspenso por uma fita azul desbotada a um botão de latão, e que nos tres ou quatro compartimentos tinha alguns bilhetes de visita e uma carta, muito suja e amarrotada, e quasi rasgada em duas pelo meio. Parecia que tinham tido a intenção de a rasgar completamente como se fôsse um papel sem valor e que depois se mudou de ideia. Tinha um grande sinete preto de D... muito visível e o nome do ministro em caracteres minusculos, escripto por mão de mulher. Tinha sido posta alli negligentemente e parece mesmo com certo desdem.

«Desde o primeiro golpe de vista persuadei-me de que era a que eu procurava. Diferia, absolutamente, por todas as apparencias, dos signaes que o prefeito me dera. O sinete era preto e grande, com a letra D... e não pequeno e vermelho com o escudo ducal da familia S...; o nome do ministro estava em caracteres minusculos e de mão

feminina e na outra o nome era de uma pessoa real e com uma letra notavelmente rasgada e decidida. O unico ponto commum era o formato da carta. Mas todas essas differenças, pelo proprio facto do seu exaggero, a porcaria, o mau estado do papel rasgado, circumstancias tão contrarias aos verdadeiros habitos de D... — que é o methodo personificado; todas essas differenças, que suggeriam tão bem o designio de desviar o investigador ácerca da importancia do documento; tudo isso junto á situação mais que impudente d'esse documento, que saltava aos olhos de todas as visitas e concordava exactamente com as minhas conclusões preliminares; tudo isso corroborava singularmente as suspeitas.

«Prolonguei a minha visita o mais que pude e enquanto sustentava uma discussão muito animada com o ministro sobre um thema que eu sabia susceptivel de o interessar e enthusiasmar, a minha attenção concentrava-se na carta. No decurso do exame, gravei na minha memoria a sua apparencia exterior e a sua disposição no *porte-lettres*; e cheguei por fim a uma descoberta que dissipou a mais leve duvida que ainda poderia conservar. Reparando nas bordas do papel, notei que estavam enroladas de um modo pouco verosimil. Apresentavam

o aspecto quebrado de um papel que teria sido dobrado uma vez com uma faca e depois tornado a dobrar em sentido contrario nos mesmos sitios e com o mesmo formato da carta original. Essa descoberta era decisiva. Era claro para mim que o sobrescripto tinha sido voltado como uma luva, de dentro para fóra, com um novo endereço e tornado a fechar. Despedi-me do ministro, deixando a minha caixa de rapé, de oiro, sobre a meza.



DUPIN

«No dia seguinte pela manhã, voltei a buscar a caixa de rapé e proseguimos com animação a nossa conversa da vespera. Quando estávamos assim entretidos, ouviu-se uma violenta detonação, como a de um tiro de pistola, mesmo por baixo das janelas da casa, seguida de gritos de susto e de clamores d'uma multidão aterrorisada. D... precipitou-se para uma janella, abriu-a e olhou para fóra. Durante este tempo fui direito ao *porte-lettres*, tirei a carta, metti-a na algibeira e substitui-a por um *fac-simile*, (pelo menos exteriormente), *fac-simile* que cuidadosamente havia preparado em casa.

«Quando acabou o barulho na rua, D... tirou-se da janella onde eu estava tambem desde que me apossei da carta. Alguns instantes depois despedi-me e sahi. O pretendido doido estava nas minhas mãos.

— Mas qual era a sua intenção, perguntei eu, substituindo a carta por um *fac-simile*? Não teria sido preferivel, logo na primeira visita, apoderar-se d'ella, sem outras formalidades e safar-se de seguida?

— D... , respondeu Dupin, é um homem que tem lume nos olhos, e não deixava de ter creados inteiramente dedicados aos seus interesses. Se tivesse tentado a insensata empreza de que me falla, não sahiria vivo dos aposentos ministeriaes. Poderia ser que o povo de Paris jamais ouvisse fallar de mim. Além d'estas considerações tinha uma intenção particular. Conhece as minhas preferencias politicas. N'esta occasião inspirei-me nos interesses do partido da senhora de que se tratava. Durante dezoito mezes o ministro teve-a sob o seu dominio. E' ella que está de cima agora, pois que, não tendo sido advertido de que a carta já não está em seu poder, quererá continuar, como antes, os seus processos de *chantage*. D'este modo

a sua ruina politica será inevitavelmente obra das suas proprias mãos. A sua quêda não será menos precipitada do que grotesca. E' de bom tom evocar o *facilis descensus Averni* (1); mas todas as vezes que se tratar de alcançar um pincaro, pode-se repetir o que a Catalani dizia do canto: é muito mais facil subir do que descer. No caso presente, não experimento nem *sympathia* nem piedade por aquelle que vae dar a cambalhota. Esse *monstrum horrendum* é um homem de genio, mas completamente desprovido de escrupulos. Confesso entretanto que gostaria de conhecer a còr exacta dos seus pensamentos no momento em que, posto ao desafio por aquella que o prefeito denominou *uma certa pessoa*, elle fosse levado a abrir a carta que lhe deixei no *porte-lettres*.

— O que? Poz dentro do sobrescripto alguma cousa de particular?

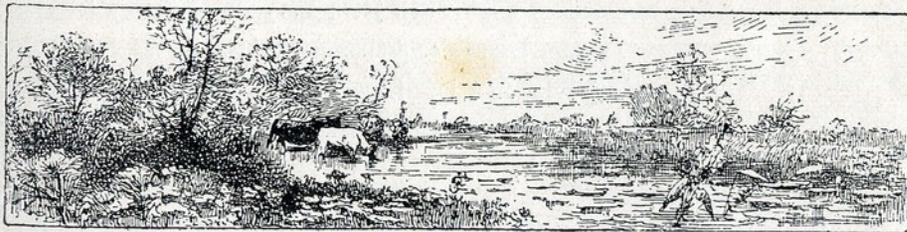
— Parecia uma descortezia deixar o sobrescripto vasio. Seria uma especie de injuria. D... em Vienna fez-me uma partida e eu prometti-lhe, em tom de gracejo, de me recordar d'ella. Assim, prevendo que poderia ter curiosidade em conhecer a identidade de quem o houvera mystificado, pensei que seria realmente pena não lhe fornecer qualquer indicação a esse respeito. Elle conhece perfeitamente a minha letra e copiei mesmo no meio da folha de papel branco estas palavras:

.....*Un dessein si funeste,  
S'il n'est digne d'Atrée, est digne de Thyeste.*

Encontral-as-ha na *Atrée* de Crebillon.

(1) E' facil descer ao inferno.

EDGARD POE.





# Vida Nova

~ ~ ~ ~

«— Escuta, ó meu Adão, meu companheiro  
(Eva diz com suave e clara voz):  
— Quero exprimir-te o meu prazer primeiro  
De vivermos ainda, — embora sós —.

«— Pensei morrer de susto quando a noite  
Estendeu sobre nós seu manto escuro,  
Mas agora da sorte o rijo açoite  
Já não temo, e confio no futuro.

«— És para mim, — Adão, o ser mais caro;  
Só a morte nos pode separar!  
Vamos viver: — sê tu o meu amparo,  
Pois eu tudo farei por te ajudar.

«— Quando o corpo sentires alagado  
De suor-promissor de bellos fructos,  
Meus carinhos de esposa, ó meu amado,  
Tornarão teus trabalhos menos brutos.

«— Creio que o meu affecto e a tua idéa,  
Mais forte hão-de fazer nossa união;  
Nossa vida será uma epopéa  
Em que a mente se ligue ao coração.

«— Não fiquemos inertes... É preciso  
Conhecer toda a terra em que pisamos...  
— Não queres fazer d'ella um Paraizo?!...  
Leva-me pela mão: — marchemos, vamos!

Cheios de fé, mas de recursos — pobres,  
Nessa mesma pobreza inda conseguem  
Unificar o seu querer fecundo...  
Eva — levando os sentimentos nobres,  
E Adão — a idéa-força, — eil-os que seguem  
A conquista do mundo!

*José da Costa Sampaio.*



# Os Soberanos da Europa

## I

### O IMPERADOR DA ALLEMANHA

#### Guilherme II

*Como vive o Imperador — A sua mocidade — O dia do «Kaiser» — Um fabricante de porcelana — Maximas — O guardanapo ao pescoço — Guilherme II e o piloto — Sob diversos aspectos — Um collega imperial — Exemplos dignos d'imitação — Anecdotas.*



actual Imperador conta 51 annos, e é minha tenção — oxalá ella não falleça — deixar aqui a característica do homem que, mesmo por entre os seus caprichos e temeridades, apresenta sempre alguma cousa de pessoal e de varonil.

Não conseguiu tornar-se sympathico a todos, mas a verdade é que a ninguem é indifferente.

Se não constitue uma individualidade, tambem não está alli um qualquer. E é assim que os seus caprichos e as suas temeridades teem o que quer que seja d'attrahente.

Dotado d'uma grande coragem, d'uma resistencia á prova das luctas mais tenazes, insinuando que a chegada das tropas allemãs do general Blücher ao campo de batalha de Waterloo fôra um enorme auxilio para a victoria dos alliados, lembrando aos seus soldados que a Allemanha então muito contribuiu para o desastre francez, Guilherme II evoca recordações gloriosas de feitto a manter sempre elevado o espirito do seu exercito. E se a este liga grande amor não é menos o que toma pela armada, pois

na força da marinha de guerra vê o factor primario do seu desenvolvimento commercial, caminho pelo qual tem enveredado com tanto exito.

E digam o que quizerem escriptores como Lepelletier, Guilherme II é *alguem*, não só como Imperador, mas tambem como homem, quer quando annulla um Bismarck, quer se rehabilita um Abdul-Hamid...

Ao dar-se a catastrophe do Bazar da Caridade, em Paris, foi o primeiro a enviar um telegramma de sentimento, mas não se esqueceu no dia seguinte d'apparecer como conquistador nos campos de Gravelotte. Conseguiu que a esquadra franceza fosse a Kiel e que os soldados allemães confraternisassem com os seus camaradas francezes em Canéa. E, sempre original, respondeu á rethorica dos discursos com que Paris saudou a chegada de Nansen, indo pessoalmente esperá-lo á estação e apontando-o aos filhos:

— Dêem a mão a esse *homem*. Olhem-n'obem, para quando estiverem em condições d'apreciar a sua obra, poderem dizer: *Vimos Nansen*.

E' assim: observador attento e profundo,

diplomata sagaz e perigoso... Conquistou Paris com sentimentalismos e cortezias; mas nunca perdeu o ensejo de demonstrar aos adversarios que sem consentimento seu não se move uma folha das arvores...

### A sua mocidade

O actual Imperador é filho de Frederico III e da Imperatriz Victoria e nasceu em Berlim.

Disse-se que descendia de Coligny. Parece, porém, que, por seus avós, pertence a outra illustre familia franceza — os Guises.

Eis as filiações:

A filha de Gaspar de Coligny esposou, em 1583, Guilherme Nassau Dillenburg; d'este casamento houve Frederico Henrique de Nassau, *stathoder* dos Paizes-Baixos; sua filha Luiza Henriqueta desposou o grande eleitor Frederico Guilherme I de Brandeburgo, do qual o Imperador allemão descende directamente. Por sua mãe, descende do duque Claudio de Guise, porque a filha d'esta, Maria de Lorraine, matrimoniou-se com Jacques V da Escossia; sua filha, Maria da Escossia, uniu-se a Jacques VI, mais tarde Jacques I d'Inglaterra; uma filha nascida d'este enlace, Isabel, ligou-se a Frederico V, eleitor palatino. E um filho da sua descendencia, Jacques II, é ascendente de Victoria, rainha d'Inglaterra, mãe de Victoria, mulher do Imperador Frederico III.

Aos 7 annos deram-lhe como aio o general Stalberg, sendo encarregado de o dirigir nos seus estudos o conselheiro Hinzpeter, que cumpriu excellentemente a missão.

Depois entrou em 1874 para o Licæum Fridericiamum, de Cassel, passando em 1877 para a Universidade de Bonn. Nomeado tenente n'esse anno, dedicou-se aos estudos militares, subindo ao throno a 15 de junho de 1888.

Fez uma viagem á Russia, Suecia e Dinamarca, reformou os quadros do exercito, substituiu o feld-marechal Moltke, chefe do estado-maior, pelo conde de Waldersee, e, cioso das suas prerogativas, acceitou a 20 de março de 1890, depois de a ter provocado, a demissão do Principe de Bismarck, nomeando successivamente chancelleres do imperio o general Caprivi, o Principe Hohenlohe e o conde de Bülow, governando elle

acima de todos, mas desvelando-se sempre pelas classes operarias.

Casou a 18 de fevereiro de 1881 com a Princeza Augusta Victoria Landesburgo Augustenburgo, de quem tem sete filhos, sendo a esposa sete mezes mais velha do que elle.

O *Kaiser* foi um bom estudante, muito pontual, tendo uma predilecção especial por Horacio, gostando de procurar o commentario dos auctores nos monumentos, nas moedas, nas medalhas, e na historia agradava-lhe sobre tudo o que se referia ás grandes familias Hohenstanfen, Habsburgo e Hohenzollern. No exame final, em dezeseite alumnos, foi o decimo classificado, e recebeu uma das medalhas destinadas aos tres alumnos mais applicados de rethorica. No dia em que se festejava a sua maioridade foi investido com a ordem da Aguia Negra.

O Principe Real e o ministro da Instrucção elaboraram o programma d'estudos, aprovado tambem por Guilherme I.

O professor manteve sempre relações com o seu discipulo, que ao ser nomeado chefe d'Estado, conferiu-lhe todas as condecorações que um particular póde ter: o titulo de Excellencia, uma cadeira na Camara dos Senhores da Prussia, e mandou collocar o seu busto na Galeria Nacional.

Em Guilherme II ha o duplo cunho da pertinacia e da energia guelfas, da vontade e do idealismo dos Hohenzollern.

Através todas as phases do seu desenvolvimento, ante todas as metamorphoses, o character manteve-se sempre na mesma linha. Soube resistir — embora creança fraca e delicada, a quem um accidente de nascença tornava difficil servir-se do braço esquerdo — ás influencias exteriores, assim como se esquivou á disciplina do pensamento. A parte mais difficil da educação dos principes, cuja attenção se distrahe com mil cousas, é combater a falta de faculdade de concentração. E para o conseguir com Guilherme foi preciso muita severidade e a cooperação de todas as auctoridades interessadas para debellar essa opposição, até ao dia em que a consciencia desperta e guia a vontade. De sua mãe herdou o gosto pelas artes, de seu pae a desprevenção de castas, do seu preceptor, que raciocinava e philosophava, tomou o habito de discutir e d'argumentar, embora a influencia directa não fosse consideravel. O metal em que o vasaram não

se modificou ainda; por vezes, acreditou-se que soffria de formações, — illusão que se mudou muitas vezes em desenganos!

Recebendo a instrucção religiosa d'um ecclesiastico liberal, passou bruscamente para as mãos d'um orthodoxo, pois nem mesmo assim no espirito do joven Principe se deu a menor confusão: seguiu o seu caminho e apenas as suas inspirações.

Um traço que bem o caracteriza.

Na infancia, detestava a agua e tinha um enorme horror pelo banho frio, que a mãe lhe impunha, segundo o costume inglez.

E para se esquivar, escapava das mãos das creadas e fugia para o fim do jardim.

Ahi divertia-se em passar e repassar por defronte da sentinella, lisonjeado, vendo o soldado de cada vez apresentar-lhe armas.

Mas uma manhã, com enorme surpresa, notou que o granadeiro que estava de sentinella, na sua marcha automatica, não fazia nenhum caso d'elle.

Voltou ao palacio, e foi direito ao gabinete de trabalho do pae.

— O que é que te aconteceu? Porque choras? perguntou o então *Kronprinz*.

O Principe Guilherme explicou o que se passara.

Mostrou-se o pae surprehendido e contrariado, mas fazendo-o sentar nos joelhos, e examinando-o dos pés á cabeça, em seguida a um pequeno silencio:

— Meu filho, a sentinella não fez mais que o seu dever.

Admiradissimo o Principe perguntou:

— Porque, papá?

— Porque um soldado nunca deve apresentar armas a um Principe sujo!...

E o *Kronprinz* continuou o seu trabalho sem prestar mais attenção ao queixoso.

E' claro que toda esta scena estava preparada afim de servir d'estimulo, e a lição foi proveitosa.

Sem sobrenenhuma fórma levar vida d'escandalo, o



O IMPERADOR DA ALLEMANHA

Principe divertia-se como lhe reclamava a sua impetuosa mocidade, gosando de todas as distracções da sua posição. Rigoroso para comsigo — porque desconheceu sempre a esturdia, — assim como para os outros, em questões de serviço, que tomava muito a peito, nunca permitiu que o prazer sobrelevasse o dever. E para se fazer obedecer precisava dar o exemplo.

### Como elle vive

O Imperador prefere ler a que lhe leiam, o contrario de tantos Soberanos, e com esse fim reúne um limitado grupo d'intimos, que escutam durante hora e meia, sem interrupção, artigos de jornaes, revistas e livros allemães, francezes e inglezes.

A leitura das linguas estrangeiras para ouvidos allemães, requer uma pronuncia accentuada e forte, que nenhuma pessoa da sua casa sería capaz de fazer.

Após essas sessões estabelece-se a discussão, em que Guilherme II não é o menos apaixonado, e a sua voz continúa sempre clara e sonora, porque pertence a um organismo que parece aço, devido a um trabalho regular e a uma vida austera e hygienica.

A força physica do Monarcha é extraordinaria, tantos são os exercicios desportivos a que se sujeita.

Toma, pelo menos, um banho diario, mas a bordo prefere os d'agua fria tirada do mar, seguindo-se uma ducha.

Joga muito o *tennis*, com pessoas que saibam, durando a partida duas horas.

E' ao mesmo tempo peão apaixonado e cavalleiro. Cada passeio é n'um galope rapido de seis a dez kilometros, tornando-se difficil ao seu sequito acompanhá-lo. A pé anda depressa e em passo largo, e, nem por isso deixa de conversar, não se lhe importando que o tempo esteja mau ou tempestuoso.

Alpinista entusiasta, na Noruega subiu á montanha mais alta, nas proximidades de Dingermulen. Como caçador, é magnifica a sua pontaria. A distancia de 400 ou 500 passos mata um veado só com um tiro.

Não aparenta nunca nenhuma fadiga e assim após alguns dias de manobras, trabalha com os seus generaes até ás 2 da noite nos planos d'exercicio do dia seguinte, e ás 4 da madrugada todos o vêem já a cavallo.

Tanto em caminho de ferro como a bordo não descansa, e o seu dia deve compôr-se de 17 horas uteis, tal é a sua existencia febril, semelhando um animatographo movido a vapor.

Levanta-se ás 5 horas, veste-se rapidamente e come ás 6 <sup>1</sup>/<sub>2</sub>, compondo-se o *menu* d'ovos, carnes frias e café, tudo preparado

e servido por sua mulher n'um delicioso aposento com tapeçarias de seda resedá, quadros de Watteau, de Pesne e de Lancret.

A média diaria das cartas que elle escreve ou dicta por dia é superior a 24. O papel que usa são grandes folhas azues ou côr de chumbo, tendo na parte superior o seu braço com lindas illuminuras.

Occupou-se no anno findo de 5:857 negocios externos e 50:200 internos, o seu gabinete militar e naval de 100:145, e com a sua propria mão escreveu 7:000 telegrammas, cartas, ordens e diversos documentos.

No seu gabinete de trabalho esperam-o montanhas de cartas, nada menos de 600 a 700, correspondencia recebida durante a noite, que correios especiaes levam de madrugada ao castello de Berlim ou ao palacio de Potsdam, e as communicações manuscriptas dos ministros e altas auctoridades administrativas. Como é elle que resolve pessoalmente todos os assumptos, lê tudo com minucia — o que estabeleceu como principio — não podendo perder um momento.

A's 7 horas vae beijar os filhos, seguindo-se o receber os funcionarios do palacio com quem estuda o programma d'esta ou d'aquella solemnidade, o projecto d'uma viagem e as despesas respectivas, e resolve os assumptos da vida quotidiana e domestica.

Pelas 8 encontra-se com os ministros, o chefe da policia, os generaes e funcionarios superiores que lhe dão de viva voz informações relativas aos decretos e documentos que levam á assignatura.

Em sendo 9 dá um passeio de carruagem ou a cavallo, e pelas 11 recomeça as conferencias e as communicações. E' tambem a hora das audiencias, em que comparece o funcionalismo recentemente, promovido, os officiaes que subiram de posto, os representantes dos Estados.

N'essas recepções muda cinco e seis vezes d'uniforme. Se o filho d'um general d'artilharia lhe vae participar a morte do pae, Guilherme II veste a farda d'artilheiro, ou a de cavallaria, a d'infantaria ou a farda d'almirante, segundo a pessoa que recebe e a situação que ella occupa; se é o representante ou addido militar d'uma potencia estrangeira, põe as condecorações respectivas d'esse paiz.

Cousa curiosa: no seu guarda-roupa tão complicado não ha um *robe de chambre*. Seu avô tambem não tinha. Um dia, varias damas mandaram-lhe um, bordado pelas suas mãos. O velho Imperador reenviou-o com estas laconicas palavras:

— Os Hohenzollern não usam «robe de chambre», por ser em demasia feminino.

Todo esse fatigante ceremonial dura até á 1 da tarde, hora a que vae almoçar com a familia.

Come bem e bebe apenas uma pequena quantidade de Champagne ou vinho de Moselle, misturado com agua mineral. Poz de lado a cerveja, assim como o whisky, Cognac e outros licorres. Só em viagem fuma dois a tres charutos diarios, mas quando chega a metade deita-o fóra, e a não ser n'esse caso uns oito cigarros turcos.

Passa a conferenciar com os generaes e ministros sobre os negocios do Estado, depois vae posar aos ateliers, inspecciona os quartéis e as repartições publicas, e se o tempo não se apresenta mau, dá outro passeio de trem até ás 5 ou 6 horas.

Ás 6 e meia ouve ainda algumas pessoas que teem reclamações a fazer-lhe. lê relatorios e assigna os decretos da manhã.

Janta ás 7, seguindo-se a lição de esgrima.

Toma uma leve refeição ás 10 horas, e retira-se logo para os seus aposentos ficando-lhe á cabeceira uma mesa com papel e lapis afim de poder assentar as observações ou apontamentos que lhe occorrem durante a insomnia ou ao despertar.

E como trabalha sempre, escrevendo, assignando ou dando expediente quer nos comboios ou no hiate, em muitas occasiões não dorme mais que duas a tres horas.

O seu gabinete de trabalho do castello de Rominten tem as paredes cheias das seguintes maximas:

O mundo é tão grande e o homem é tão pequeno, que não é possível que este seja o centro d'aquelle.

Não desejem o que não se pôde obter.

Sejam fortes na dôr.

Procure-se o bem em todas as cousas e a alegria na natureza e nos homens.

Uma hora d'alegria basta para fazer esquecer mil d'amargura.

Tome-se o dia como elle vem e os homens como elles são.

O homem desconfiado faz mal ao proximo e a si mesmo.

E' nosso dever considerar o proximo como



A IMPERATRIZ DA ALLEMANHA E O FUTURO «KRONPRINZ»

homem de bem até que elle prove o contrario.

— Mesmo quando alguma cousa nos choca ou nos offende, quem sabe se ella não é necessaria á creação universal?

Faze sempre o que tiveres a fazer o melhor que possas, sem te importares com a recompensa.

Tudo n'este mundo, bom ou mau, é obra da grande e sabia vontade do Creador Omnipotente e Omnisciente, e nós, miseráveis creaturas, podemos não comprehender, mas seja sob que fórma fór, o bem é sempre a vontade de Deus.

### A pontualidade é a divisa dos Reis

Uma antiga maxima, cuja paternidade alguns attribuem a Luiz XIV e outros a... qualquer outro Monarcha, diz que a exactidão é a delicadeza dos Reis. O Rei Sol praticava-a a rigor, e a fama diz que nunca fez esperar ninguem por elle á hora que determinara. Assim não tolerava a menor infracção n'essa materia.

— Tive que esperar, senhor... observava uma vez asperamente a um dos seus dignitarios que acudira com um minuto d'atrazo.

Napoleão I exigia tambem dos seus subordinados uma escrupulosa exactidão.

— Faltar a ella, dizia algumas vezes, é sempre uma falta d'atensão, e em muitas occasiões póde ser um perigo.

O grande capitão como que presentia uma das causas principaes do seu desastre final. Se o general Grouchy tivesse chegado á hora certa á entrevista que o Imperador lhe aprazara em Waterloo, a tremenda derrota que soffreram os francezes n'aquella sangrenta jornada, ter-se-hia convertido em brilhante victoria. Se se perdeu a partida decisiva que Bonaparte jogava com os seus inimigos, o unico culpado foi o infeliz Grouchy.

O actual Imperador da Allemanha, que professa uma viva admiração pela memoria d'esses dois illustres Soberanos imitando-os no que póde, observa escrupulosamente o sentimento da pontualidade e quer que os mais façam o mesmo. Nos primeiros dias do seu reinado foi á Opera uma noite em que o não esperavam. Sentou-se no seu cama-

rote e decorridos alguns minutos da hora marcada, mandou chamar o director de scena, que se desculpou da demora, allegando que o tenor chegara um pouco tarde e que ainda se estava vestindo.

— Por acaso não lhe pagam pontualmente? perguntou.

— Com mais pontualidade não póde ser, Majestade, cobra sempre adiantado!

— N'esse caso diga da minha parte ao burgomestre que lhe imponha a multa de 500 marcos. Ninguem tem direito de fazer esperar o publico. Nem mesmo os reis... embora sejam de theatro.

Outro exemplo do seu amor pela exactidão deu-o ao coronel d'um regimento de dragões da guarda real prussiana.

Estavam os soldados de manhã na parada do quartel prestes a marcharem para as manobras que se deviam realisar nos arredores da capital. Tudo a postos desde os homens a cavallo, em irreprehensivel posição, segurando as redeas e os sabres, e os officiaes nos seus logares. Não faltava ninguem, a não ser o coronel, que estava ainda nos seus aposentos vestindo-se socegadamente.

Davam as seis horas, a marcada para a partida, e ainda não soara a ultima badalada, quando appareceu Guilherme II, de uniforme, montado, acompanhado d'um ajudante. Ao notar a ausencia do coronel, franziu as sobrançelhas, mas deu ordem que o não prevenissem que elle estava alli.

— Esperaremos...

E assim passou meia hora, até que por fim se avistou o commandante.

Com certeza ao ver o Soberano o coração pulsou-lhe com violencia, ante aquelle rosto frio e impassivel, que embora não revelasse a menor irritação, tambem não indicava benevolencia.

Feitos os respectivos toques, o Imperador poz-se á frente dos esquadrões, dirigindo-se o regimento para o campo de manobras, effectuando-as segundo o plano combinado, e assim decorreram tres horas, sem que elle dirigisse uma só palavra d'approvação ou censura ao atterrorizado militar, que, inquieto, por mais d'uma vez se equivocou com as ordens que deu. Sua Majestade conservava uma attitude d'esphinge, e quando terminaram os exercicios, saudou militarmente, e sem pronunciar uma syllaba, espo-

reou o cavallo e retirou-se a galope para o palacio.

O coronel dos dragões passou 48 horas em mortaes angustias. A cada momento esperava uma mensagem notificando-lhe o desagrado imperial. Decorreram os primeiros dias, e já principiava a tranquillisar-se suppondo

que a sua inexactidão fôra relegada, quando no terceiro viu chegar um emissario do Imperador que lhe entregou um pacote cuidadosamente atado e selado com as armas imperiaes, onde se lia:

*Da parte de Sua Majestade.*

Perturbadissimo, abriu-o, e achou uma artistica caixa, tendo dentro um magnifico relógio despertador!

Tambem o seu barbeiro era d'uma inexactidão deploravel.

Uma occasião a demora foi de tal ordem, que o Imperador enviou-lhe um chronometro, o que não obstou a que as irregularidades continuassem. Guilherme mandou chamar o irreverente *Figaro* e perguntou-lhe:

— Ainda tens o relógio que te dei?

— Sim, Majestade. Aqui está.

— Bem! Visto que elle regula tão mal, toma lá este de nickel, e passa-me esse que é d'ouro!

## Um anel

O Imperador possui um anel, que é o talisman da familia e tem uma historia muito curiosa.

Conta a lenda que desde o tempo do Eleitor João de Brandeburgo, cada membro reinante da casa de Hohenzollern entrega antes de morrer um embrulho lacrado ao seu successor.

Encerra-se alli um anel com uma pedra negra. Quando a esposa do Eleitor deu á luz um filho varão, appareceu um enorme sapo que deixou cahir sobre o leito essa pedra negra, desapparecendo em seguida.

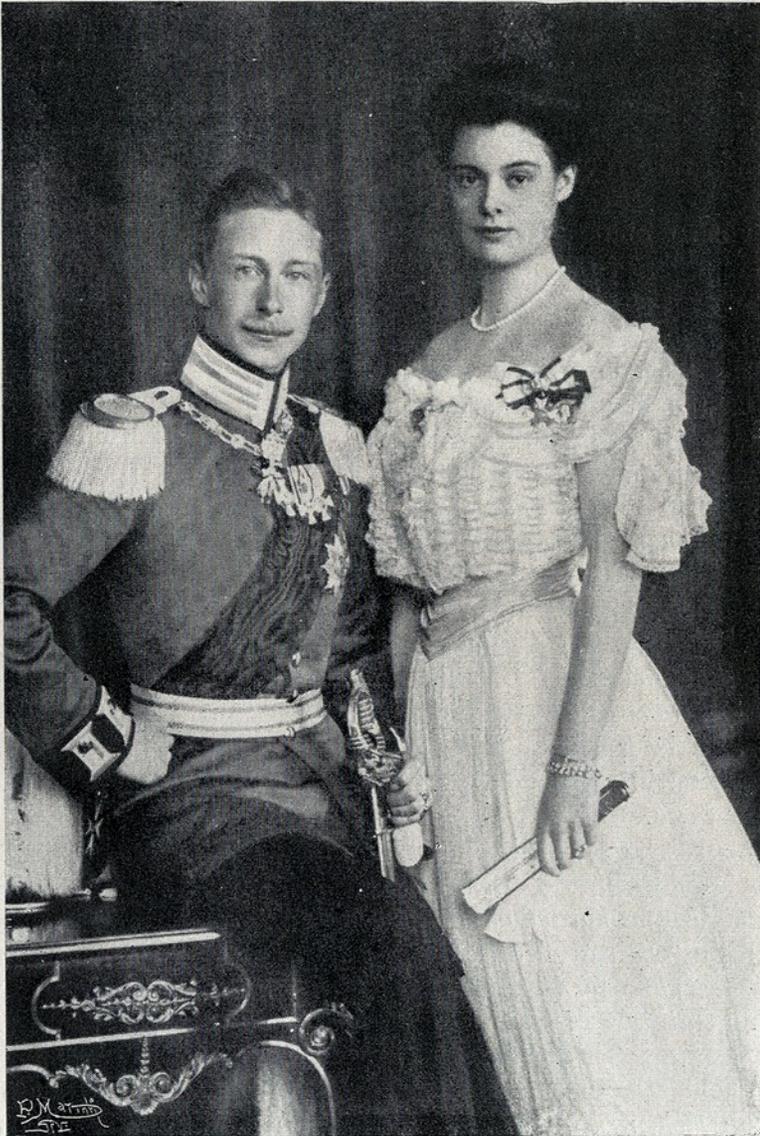
Sendo cuidadosamente arrecadada, o pae de Frederico o Grande mandou-a montar n'um anel.

Desde então este tem pertencido ao chefe da

casa Hohenzollern. Guilherme II usa-o nas grandes solemnidades, e como todos os membros da sua familia, consagra a maior veneração a essa antiga reliquia.

E' crível que alguém sorria.

Mas a verdade é que não se devem criticar estas tradições, porque n'ellas ha algo de subtil que escapara aos espiritos grosseiros.



O ACTUAL «KRONPRINZ» FREDERICO GUILHERME  
E SUA ESPOSA A PRINCEZA CECILIA DE MECKLEMBURGO

## Uma fabrica de porcelana

Com fundos do seu cofre particular mandou o Imperador construir no seu solar de Cadinen uma fabrica de porcelana onde se empregam mais de 2:000 operarios.

Embora á sua frente esteja um profissional, elle não renuncia á sua direcção. Assim escolhe o alto pessoal administrativo, caixeiros, empregados, chefes de serviço e até os operarios.

Indica-lhes os artigos preferidos pelo publico, e todos os modelos são submettidos a um exame, não sendo raro rectificar a obra dos artistas.

Estes vivem em casas confortaveis, cujos projectos foram delineados por Guilherme II, tendo cada uma o seu jardim. Trabalham desde segunda-feira até á sexta, 10 horas diarias, e no sabbado tres, observando-se ao domingo a folga com o mais stricto rigor.

Pensando em tudo, estabeleceu pensões para os velhos, viuvias e orphãos. No verão teem *sports* ao ar livre e no inverno jogos licitos em locaes abrigados, salas de leitura, bibliotheca, onde se vêem os jornaes mais importantes e as melhores revistas.

Se o Imperador está na sua residencia favorita, todos os dias, pelas 6 da manhã, vae visitar a fabrica, e aos operarios mais competentes pede-lhes informações sobre o fabrico e acaba por convidar para o almoço um dos chefes de serviço.

Ao relatorio que recebe semanalmente e onde está indicado o movimento d'esses oito dias, responde com um *memorandum* contendo censuras, elogios ou instrucções.

O capital alli empregado foi de 500 contos e rende 9 0/0.

Essa porcelana vende-se em Berlim n'um predio de quatro andares, onde se lê em enormes caracteres: *Hohenzollern*.

## Anecdotas

A' mesa do Imperador não se encontram só officiaes, diplomatas, politicos e cortezaes.

Uma vez convidou para jantar um homem que se distinguira varias occasões salvando da morte o seu semelhante, e, por sua ordem, fê-lo sentar no meio dos Principes. Ora, n'um caso d'esses, ha uma tra-

dição que se respeita na côrte da Allemanha: o convidado tem direito a encher o bolso de sobremesas e de gulodices e de as levar para os seus, para a familia, para aquelles a quem estima.

E assim o nosso homem, quando chegou esse momento, tirou do bolso um grande lenço em quadrados, e tratou de lhe pôr fructas, bolos, etc., e, terminada a colheita, foi o proprio *Kronprinz* que o ajudou a atar o embrulho.

\*

Estava Guilherme II em Hamburgo quando soube que a bailarina milaneza Antoinette Dell'Era, que residia na Allemanha desde 1881, resolvera retirar-se da scena, e annunciara a sua despedida em Berlim.

Partiu immediatamente para alli, ordenando que ao espectáculo se desse o character de gala, e assistiu a elle com o seu uniforme d'hussards, que só enverga nas importantes solemnidades.

Antes, porém, enviara á artista uma magnifica pulseira com o monogramma imperial em brilhantes.

Ao terminar a recita mandou-a chamar ao seu camarote, e, depois de lhe manifestar o seu pesar por ella abandonar o theatro, inclinou-se e beijou-lhe a mão.

O Imperador descera do throno para prestar o seu tributo d'admiração a uma filha do povo da Lombardia.

\*

A Allemanha mostrou-se uma vez desgostosa com elle: foi ao saber que o *Kaiser* dissera que a musica de Wagner era ruidosa em excesso.

Um amigo do grande musico ficou tão indignado, que publicou n'um jornal varios artigos criticando aquella opinião.

O chanceller Bülow, considerando essas diatribes como crime de lesa-majestade, chamou para ellas a attenção imperial.

O alvejado devolveu os periodicos com esta laconica resposta:

— Isto não é questão de lesa-majestade; é, simplesmente, questão d'ouvido.

\*

No decurso d'uma caçada que se realisou na Allemanha do Norte, Guilherme II man-

dou prevenir um castellão das cercanias, recentemente casado, que o honraria com a sua visita.

No dia seguinte, sentava-se á sua mesa, e emquanto conversava com a linda esposa do dono do solar, serviram-lhe uma taça de caldo.

Entretido com a conversação e suppondo que tinha ante si uma chavena de chá, o soberano pediu assucar e uma colher pequena. A castellã, lisonjeada com a attenção que lhe prestava o visitante, ou não se atrevendo a impedir uma ordem vinda de tão alto, calou-se.

O Imperador mexeu e depois levou-a aos labios. Percebendo o engano, mas ante a afflicção da dama, não deixou transparecer nada, e, estoicamente, enguliu a horrivel mistura até á ultima gotta.

E o almoço proseguiu alegremente.

Foi elle que aboliu o antigo costume allemão de prender o guardanapo debaixo do queixo.

Pouco depois d'essa ordem era convidado a jantar um funcionario que, conforme o habito, collocou o guardanapo ao pescoço.

Todos tremiam, buscando inquirir o que diria Sua Majestade ao notar uma tal falta d'etiqueta.

O Imperador, absorto na leitura d'um telegramma, não fizera immediato reparo, mas não tardou em observar, e, sorrindo, perguntou ao desgraçado conviva:

— Dar-se-ha o caso, excellentissimo, que esteja esperando o barbeiro?

Não costuma elle tolerar replicas dos seus subditos, mas ás vezes ainda as premeia.

Uma occasião ia a bordo do *Hohenzollern* e ao approximar-se d'um porto de mar do Norte, o *yacht* imperial recebeu o piloto da barra.

Guilherme II poz-se a seu lado e d'ahi a pouco fazia um gesto de quem ia ajudá-lo a manejar o leme, mas o velho lobo do mar, ignorando quem era o intruso, olhou para elle e com maus modos:

— Quem é aqui o piloto? o senhor ou eu? Surprehendido com aquellas palavras o

*Kaiser* não encontrou resposta e retirou-se para o seu camarote; mas, pouco depois, voltava á ponte e offerecendo uma caixa de charutos ao marinheiro, disse-lhe affectuosamente:

— O piloto eras tu!

No palacio de Potsdam notou um dia que uma das sentinellas parecia triste, embora desempenhasse rigorosamente a sua obrigação.

Acercando-se d'ella, interrogou-a com bondade.

Após umas certas hesitações, contou-lhe que devido a revezes da fortuna, esgotara as suas economias e se encontrava na impossibilidade de realisar o seu sonho, que era o de casar com uma rapariga da sua aldeia.

O Imperador mandou proceder a averiguações e vendo que era verdade o que o soldado lhe dissera, nomeou-o cabo, deu-lhe uma magnifica gratificação e fez com que a mulher entrasse para o serviço da Imperatriz.

Guilherme II tem o habito d'agarrar, á menor contrariedade, entre o pollegar e o index da mão esquerda o lobulo da orelha direita e puxar por ella com uma certa força.

Quando esteve em Inglaterra, por occasião do funeral do Rei Eduardo, recebeu um telegramma, que não lhe deveria ser muito agradavel, porque de seguida principiou a martyrisar o orgão auditivo.

O filho do duque de York perguntou-lhe:

— Porque é que o tio está puxando a orelha?

— Porque estou aborrecido.

— E faz sempre isso quando está aborrecido?

— Sempre.

— E se está aborrecidissimo?

— Puxo a orelha d'aquelle que me maça com perguntas.

Indo o *Kaiser* visitar um ponto afastado dos seus dominios, um dos alumnos da eschola primaria deu-lhe as boas vindas em nome dos seus camaradas.

O Imperador agradeceu e apontando uma laranja, perguntou:

— A que reino pertence este fructo?

— Ao reino vegetal, Senhor, respondeu uma menina.

Tirando uma moeda d'ouro, interrogou:

— E este dinheiro?

— Ao reino mineral.

— E a que reino pertence eu?

Corou, receiando offender o Imperador Guilherme dizendo que elle pertencia ao reino animal; mas, n'uma inspiração engenhosa, respondeu com os olhos a brilharem-lhe:

— Ao reino de Deus, Senhor.

O Monarcha ficou commovido e uma lagrima lhe assomou aos olhos. Pondo a mão na cabeça da creança, disse:

— Oxalá eu seja digno d'esse reino!

Devia ser a resposta de quem declarou uma vez:

— Ha só um homem que eu nunca invejaria: aquelle que não ama a sua patria.

Conta-se que Sua Majestade vae dirigir um jornal O fundador é o Principe Max Egon de Farestenberg, e combater-se-ha alli o socialismo e os candidatos da extrema esquerda nas eleições que se devem realisar no proximo anno.

O modelo adoptado no novo periodico será o da imprensa americana.

## Notas

O numero 9 apparece nas datas principaes da historia do Imperador.

E' o 9.º Rei da Prussia, nasceu em 1859, entrou no exercito em 1869, terminou os estudos em 1879, e as datas do seu nascimento e casamento (27 de janeiro e 18 de fevereiro) sommando os dois algarismos dão como total 9.

— Sempre que se photographa na companhia da Imperatriz procura que ella fique sentada e elle de pé, tanta é a desproporção d'estatura.

— Como é um colleccionador entusiasta

dedicou-se a reunir autographos d'homens notaveis e os que possui são valiosissimos.

— Muito generoso, em cada visita que faz a Inglaterra, deixa em gorgetas para aquelles que alli o servem quantia superior a mil libras.

— Uma das tradições de familia dos Hohenzollern é que cada filho do *Kaiser* saiba um officio, mas a fundo. Quando o principe Joaquim completou 19 annos, Sua Majestade ordenou que fosse para o instituto de veterinaria de Pleven aprender o officio de ferrador, onde tinha as mesmas horas de trabalho que os seus companheiros.

— São innumeradas as estatuas que ha na Allemanha de Guilherme II.

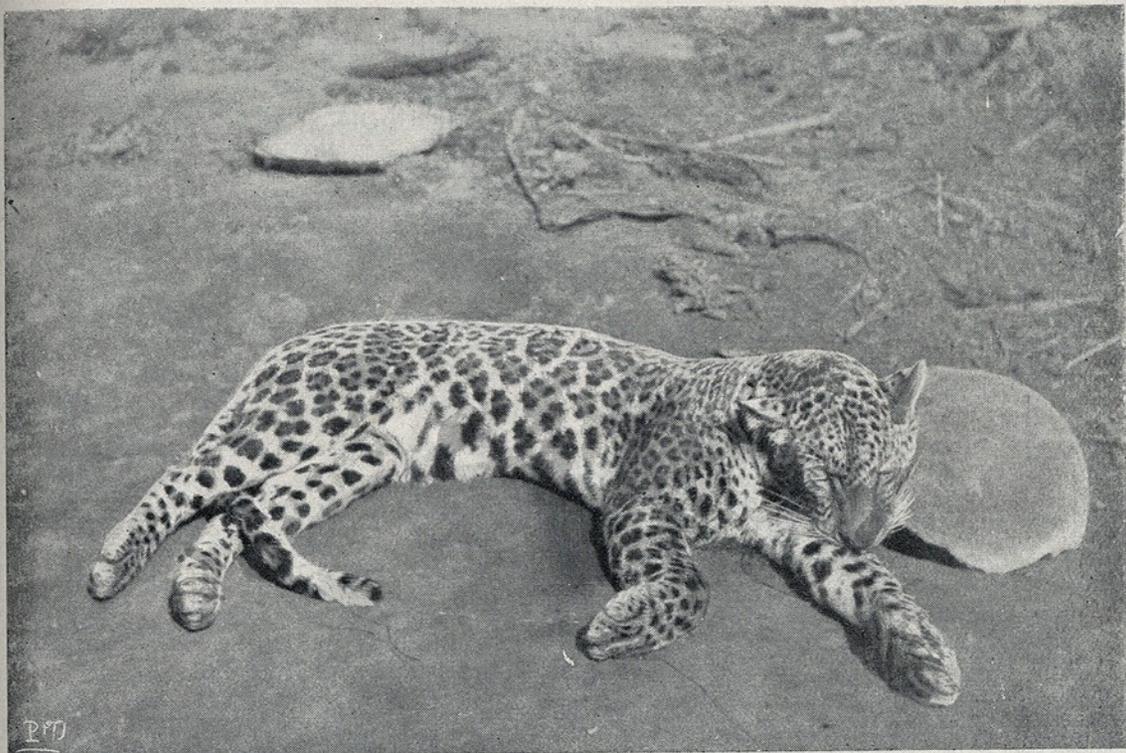
Em Munich está fardado de almirante; em Colonia a cavallo com o uniforme de couraceiro da guarda imperial e o capacete encimado pela aguia prussiana; no sanatorio do Monte das Oliveiras com a armadura dos cavalleiros das cruzadas e ostentando a corôa dos reis de Jerusalem; na Academia das Artes e Sciencias figura d'Imperador romano, de cabelleira e com uma corôa de louro; vê-se ainda no edificio dos correios, em Strasburgo, e a sua effigie esculpida no portico da cathedral de Metz, representando o propheta Daniel.

Pois este homem que é generalissimo, almirante, musico, architecto, archeologo, poeta, *yachtman*, philosopho, pintor, escriptor, que faz caricaturas, é critico d'arte, insigne em discursos, e basta um gesto seu para que a Europa se apavore, a um americano que lhe perguntou se não gostaria de fazer uma viagem aos Estados-Unidos, respondeu:

— Muito; não desejava lá ir como Imperador, mas apenas como *private gentleman*. E não por quinze dias como qualquer *globe trotter*, mas, pelo menos, por tres mezes. Entretanto quem me substituiria, e o que pensaria o meu collega Taft que tem por principio: *Hard work, little play?* (Muito trabalho e poucos divertimentos.)

Guilherme II, sendo tudo... não consegue ser um cidadão livre!

Que admira que pelo rosto lhe transpareçam de vez em quando sombras de melan- cholia!



LEOPARDO

## Gorongozo, paiz de caça

**F**A no Territorio de Manica e Sofala, administrado pela Companhia de Moçambique, varias regiões onde abunda a caça; mas d'essas regiões a mais povoada de animaes é a que occupa quasi toda a Circumscripção da Gorongozo e parte da de Cheringoma, parecendo que toda a fauna africana elegeu alli o seu habitat.

Outros paizes africanos, tambem abundantes em caça, são gabados em annuncios e reclamos como sendo superiores á Gorongozo em numero e variedade de especies animaes. Esta escolha da Gorongozo para

termo de comparação basta de per si para dar idéa, não só de quanto este paiz pode merecer o nome, que já lhe tem sido dado, de *paraiço dos caçadores*, mas tambem de quanto elle é universalmente conhecido como tal.

Ora, se realmente ha regiões mais favorecidas sob o ponto de vista que nos occupa, é de notar que n'essas regiões a caça está espalhada por uma area muitas vezes superior á da Gorongozo, havendo por isso necessidade de uma grande demora para obter uma collecção de trophéos compensadora das fadigas e despezas. O que será difficil de encontrar n'outra qualquer parte do mundo é um paiz, onde, dentro de uma area relativamente acanhada, e por isso rapida

de percorrer, se encontre a variedade de especies e a quantidade de individuos que o caçador tem a certeza de ver na Gorongoza.

Accresce que, ao passo que os outros paizes de caça ficam a centenas de kilometros da costa, obrigando o caçador a uma demorada e fatigante viagem, a Gorongoza dista apenas um dia da Beira; de maneira que o viajante que embarque n'um dos pa-

para Villa Machado (5 horas de caminho), onde um hotel mais modesto mas conveniente, pôde fornecer abrigo durante a demora que alli possa haver.

Se o caçador tiver tomado a tempo as suas disposições, poderá encontrar em Villa Machado, á sua chegada, os carregadores e guias que tiver requisitado á Companhia de Moçambique, cujo representante alli, assim como depois os da Gorongoza e Cherin-

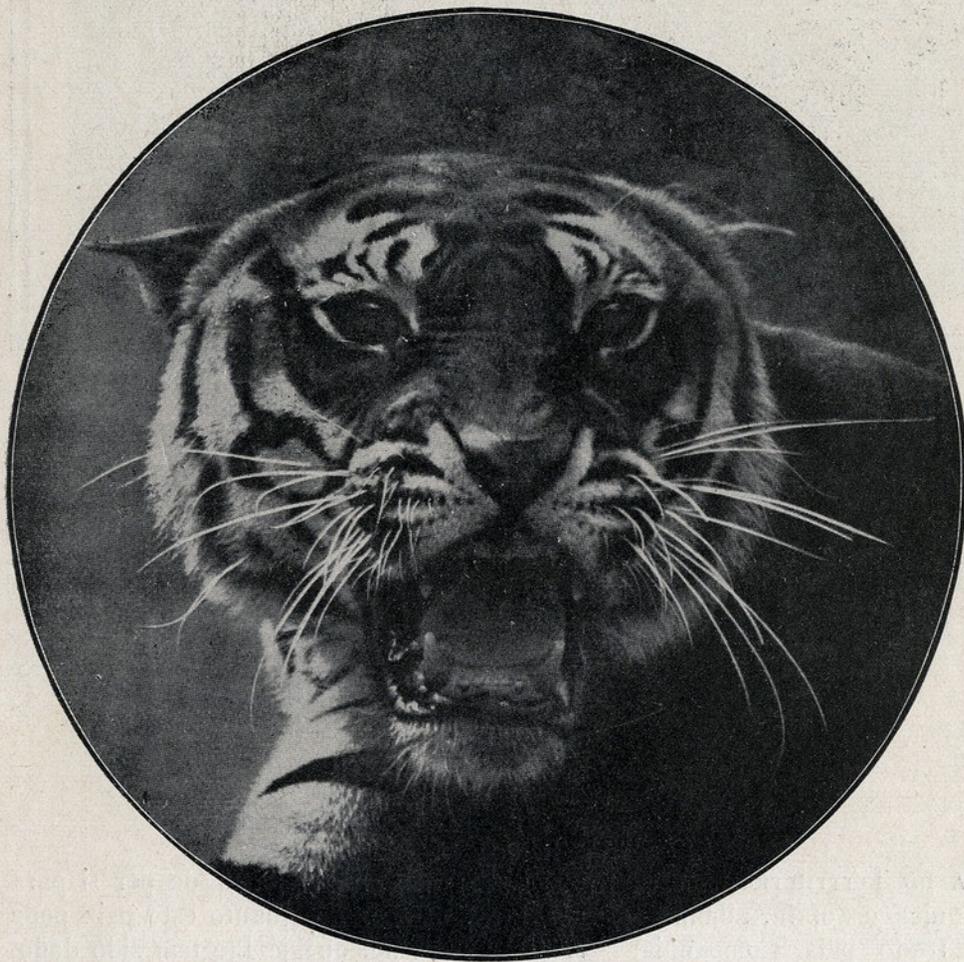
goma, lhe proporcionará todas as facilidades de que necessite para o bom exito da sua expedição.

De Villa Machado para a Gorongoza a viagem pôde fazer-se a pé ou de machila, gastando-se n'este caso seis a sete horas para attingir o rio Pungwe, que é sempre vadiavel na época propria da caça (maio a novembro).

Se fôr avançada a hora da chegada, a noite poderá passar-se n'uma das aldeias indigenas que abundam na margem do rio. No dia seguinte, poucos kilometros andados, começará o viajante a encontrar

alvo para os seus tiros. E em poucas semanas poderá retirar satisfeito com uma magnifica collecção dos mais bellos e raros specimens.

Com effeito, á excepção da girafa e do avestruz (que aliás existem em outros pontos do territorio, como por exemplo no Alto Save), não ha especie da fauna sul e léste africana que não esteja representada, e em muitos casos numerosamente representada, na Gorongoza.



CABEÇA DE TIGRE

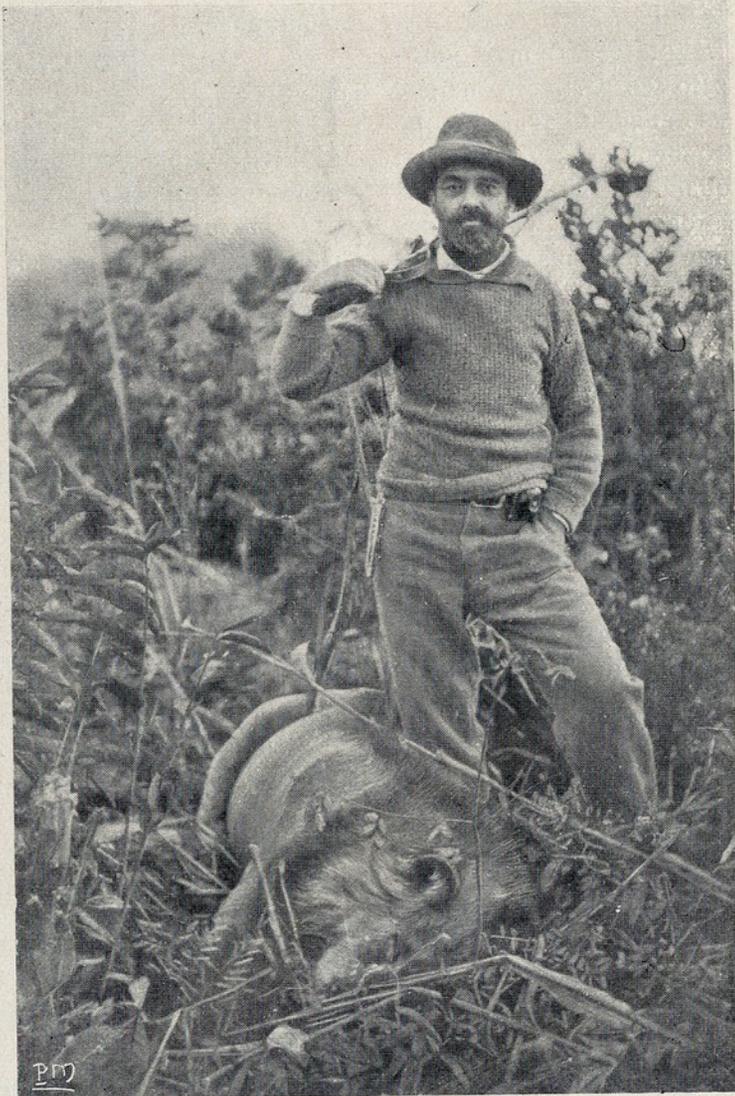
quetes da União-Castle até Cape-town, e alli tome o caminho de ferro para a Beira, pôde achar-se acampado em plena região de caça menos de 20 dias depois da sua partida da Europa.

A demora na Beira, necessaria para a organização da caçada, obtenção de licença, compra de provisões, etc., pôde ser de poucos dias durante os quaes um excellent hotel fernecerá uma installação confortavel. A viagem recomençará tomando o comboio

Algumas especies são raras como em toda a parte, outras são extremamente abundantes como em parte nenhuma.

Não cabe nos limites d'este artigo a enumeração completa e a descripção minuciosa de todas e de cada uma das especies de caça que o amator d'este genero de sport encontrará seguramente n'este paiz privilegiado. Farei apenas uma rapida resanha das principaes, apontando aos que menos perfunctoriamente se queiram inteirar do assumpto, as importantes e bem conhecidas obras dos srs. F. Vaughan Kirby (*Sport in East Central Africa*), R. C. F. Maugham

(*Portuguese East Africa*), e G. Vasse (*Trois ans de chasse au Mozambique*).



VENCEDOR E VENCIDO

tureza alagadiça das margens, e sendo por isso difficil de caçar; mas apparecendo ás vezes nos rios Pungwe, Ndingedinge e Urema, sendo então de mais facil caça;

O *rhinocerronte* — muito raro, mas podendo ser procurado com exito no Maringwe, Santa e Cheringoma.

Depois de estes grandes animaes, ultimos restos de uma fauna de outras edades, merecem especial menção os seguintes:

O *bufalo* — que proporciona uma caça movimentada e que, em perigo, pouco cede á do elephante;

E a *zebra* — bello e enoffensivo animal, que na Gorongoza vive em numerosas ma-

nadas que offerecem á vista um espectaculo formosissimo, e deveras attrahente.

## Grandes mammiferos

Todos os grandes mammiferos terrestres hoje existentes estão representados na Gorongoza:

O *elephante* — cuja caça é de todas a mais fatigante, a mais perigosa, mas tambem a que maior prazer pode proporcionar ao caçador feliz;

O *hippopotamo* — que vive geralmente em lagôas de difficil approximação pela na-

## Antilopes

A vasta familia dos antilopes está representada pelas mais bellas e algumas das mais raras especies, d'entre as quaes citarei as seguintes:

O *leucorix* — o maior antilope do mundo, podendo attingir a altura de dois metros na agulha, e possuindo bonitas armas que podem attingir mais de 0,75 de comprimento;

O *condoma* — mais raro, não menos bello

e quasi tão corpulento, e possuindo (o macho) armas helicoidaes que n'alguns velhos individuos chega a quasi dois metros (o maior specimen registado por Rowland Ward media 64 pés inglezes ao longo da curva exterior);

O *antilope negro* — talvez o mais notavel dos antilopes, pelo seu porte airosissimo, pelas suas côres, pela elegante armação que constitue um dos trophéos mais apreciados; bastante perigoso quando ferido, assegurando-se que a fôrma das armas, recurvadas para traz, lhe permite defender se com vantagem do proprio leão;

O *antilope roan* (como lhe chamam os inglezes) — bastante parecido com o antecedente, mas maior, com as armas e as crinas mais curtas, as orelhas maiores.

A graciosissima *impala* — que vive geralmente em numerosos bandos, e cujas armas de tamanho desproporcionado com a relativa pequenez do animal, são elegantissimas;

O *gnú* — desgracioso e grutesco animal, mixto de antilope, de boi e de cavallo, «verdadeira caricatura de todos estes animaes tão graciosos e tão nobres», como diz Brehm;

O *cobo* — cuja frequencia o sr. Maugham considera quasi fatigante;

A *gondonga* — cuja côr a torna ás vezes difficil de distinguir na paizagem circumjacente, mas cuja falta de presença de espirito faz com que seja uma facil victima;

A *chitakatira* — um pouco parecida com a antecedente, e que passa por ser o mais ligeiro e o mais resistente dos antilopes;

A *inyala* — tão rara em toda a parte, mas tão abundante no Maringwe, apesar do *dogma* corrente, e acceite pelo sr. Maugham, de que não existe entre o Save e o Zambeze;

A *mbauara* — que se encontra por toda a parte, e que, apesar da sua relativa pequenez, pode ser perigosa quando ferida;

A *cervicabra* — tão elegante.

E os antilopes de pequeno corpo:

O *oribi* — de pequenas armas direitas e agudas;

O *duiker* — que não excede 17 pollegadas de altura, e é caracterizado pela côr avermelhada e pelo tufo de pellos que tem na cabeça e lhe encobre parte das pequeninas armas conicas;

O *antilope de Livingstone* — bastante semelhante ao *oribi*, do qual se distingue por caracteres pouco importantes;

O *steinbuck*;

E o agil *klipspringer* — que habita as montanhas.

## Porcinos

A familia dos porcinos é representada, além do hippopotamo já mencionado, por mais duas especies:

O *porco bravo* — de côr geralmente avermelhada com riscas amarellas, e apresentando acima da tromba duas proeminencias osseas caracteristicas;

E o horrendo *phacochoero* — caracterizado pelas quatro verrugas que lhe afeiam as faces.

## Primatas

Os primatas teem como representantes:

O *papião* — que se encontra em grandes bandos, o flagello das plantações; mas que, apesar da sua fealdade, é tão interessante no estado de domesticidade que acceita com incrivel facilidade;

O *macaco de Moçambique* — tambem facil de domesticar, e tambem grande destruidor de plantações quando em liberdade.

O gracioso *cercopitheco albigularis* — de linda pellagem;

E o grande *galago-l'emur* ou *falso macaco* — notavel pela belleza do pélllo.

## Desdentados

Ha dois desdentados, apesar do sr. Maugham mencionar só um:

O *tamanduá do Cabo* — o unico representante actual dos orycteropideos;

E o *pangolim* — de tão curioso aspecto na sua armadura de escamas imbricadas.

## Pequenos mammiferos

N'esta classe inteiramente arbitraria, que adopto por commodidade de exposição, agruparei os seguintes animaes, apesar de tão diversos:

O *gato-tigre* — de côres tão brilhantes, perseguidor encarniçado da pequena caça;

A *gineta* — grande inimigo das capoeiras;

O *gato-bonga* — quasi semelhante ao gato domestico;

O *gato de algalia* — notavel pela substancia fetida analoga ao almiscar que se segrega n'uma bolsa que tem proximo do anus;

O *chacal* — pobre rebuscador de restos dos grandes carnivoros;

O *coelho* — pouco abundante;

O *ratel* — guloso de mel;

O *manguço* — inimigo implacavel das serpentes;

O agil e gracioso *esquilo*;

O mysterioso *porco-espinho*;

A *lontra*;

O interessante *Hyrax* — o minusculo animal que a tyrannia dos methodos taximonicos agruparam muito tempo, ora com os roedores, ora com os rhinocerontes (!), ora com os masurpiales, mas que hoje tem a honra de constituir uma ordem especial;

E um grande rato, que os indigenas chamam *sendzi* — e de cuja carne são muito gulosos.

## Animaes ferozes

Mencionarei as seguintes especies:

A antipathica *hyena* — cuja ferocidade é de resto accentuada, ou talvez antes contrariada pela natural cobardia e escassez de meios de ataque;

O *cão selvagem* — pequeno e fraco animal, mas que costuma caçar em grandes bandos, tornando-se pelo numero tão temivel, que se affirma impôr respeito ao proprio leão.

O *leopardo* — terrivel destruidor de rebanhos, e, occasionalmente, inimigo serio com que o homem deve contar;

E por fim *l'ast but not least* — o leão — o imponente e bello animal, cuja caça constitue o sonho de todo o caçador que pisa o sólo africano.

Da abundancia e da ferocidade do leão na Gorongoza, diz Vaughan Kirby: «... *the real home of the lion in portuguese east Africa is the valleys of the Urema and Pungwe rivers, where also they have a reputation for unusual pugnacity.*»

## Aves

Uma enorme variedade de aves offerece tambem vasta occupação á carabina do caçador: umas apreciaveis para enriquecer os menús, ordinariamente pouco variados, das

refeições no matto; outras apenas interessantes pela belleza ou valor commercial da plumagem; outras ainda que apenas interessam ao naturalista ou ao curioso.

Do primeiro grupo citarei:

O *francolim* — especie de grande perdiz, de carne abundante e succulenta;

A *perdiç* — quasi semelhante á da Europa;

Duas especies de *pintadas* — que, convenientemente preparadas, se tornam de uma tenrura e succulencia dignas do gastronomo mais difficil;

A *codorniz* — semelhante á da Europa;

Três variedades de *rôlas*;

Um *pombo verde*;

Varias especies de *patos* — todos apreciaveis e alguns excellentes.

Do segundo grupo podem citar-se:

O grutesco *marabú*;

As elegantes *garças*;

Os *piriquitos*.

Do terceiro grupo, muito mais numeroso, indicarei apenas:

As varias *aguias*;

Os *abutres*;

Os *pelicanos*;

As variadissimas *pernaltas*, etc.

## Reptis

Na grande familia dos reptis merecem menção:

O *crocodilo* — facil de encontrar nas margens do Ndingedinge e Urema, e casualmente n'algumas lagôas do interior;

Uma variedade de *iguana*, talvez o *agama* — cuja pelle parece um tecido de misangas polychromas;

Duas especies de *tartarugas* — uma dos pantanos, outra de terra;

Muitas *serpentes*, a maior das quaes a *python* — fornece um apreciado trophéo.

Esta longa, bem que incompleta enumeração, dá idéa da somma e da variedade de sensações que estão destinadas ao amator de caça que escolha a Gorongoza para exercicio d'este sport. Se se tratar de um verdadeiro caçador, que junte á sua paixão cinegetica uma regular dextreza e a persistencia indispensavel, não pôde haver duvida de que o resultado da sua expedição excederá a sua expectativa, e que toda a vida conservará d'ella a mais viva recordação.

Para melhor se julgar da quantidade e variedade de caça que se pôde matar n'este paiz encantado n'um lapso de poucos dias, leia-se o que ha pouco publicava um jornal da Beira (*The Beira Mail*):

«As partidas de caça que ultimamente sahiram da Beira para o interior, parece terem gosado bom sport — e muito — a julgar pelo exito que tem tido a viagem do major Statham, de Pretoria. Intrepido caçador (elle matou o seu primeiro tigre na India quando tinha apenas onze annos de idade), o major Statham chegou á Beira ha cêrca de um mez e largou de Villa Machado, sendo apenas acompanhado por indigenas. Seguiu para a Gorongoza e Cheringoma — districtos que já tinha visitado o anno passado — e, nos primeiros quinze dias de caçada, tinha tido um excellente bag, comprehendendo quatro leões de juba, duas *inyalas*, três *bufalos*, três *gnús*, um *condoma*, e varios *impalas* e outros antilopes menores. . . .»

O grande caçador Selous, que aliás da Gorongoza apenas visitou as proximidades do Pungwe, chama-lhe: «os ultimos sitios da Africa do Sul frequentados pela caça.»

E o sr. Maugham, no seu livro já mais de uma vez citado *Portuguese East Africa*, diz:

«A meu vêr, o grande encanto do vasto districto onde se deram os successos que tenho descripto, reside em não poder nunca uma pessoa prever de um momento para o outro que esplendido, imprevisito representante das mais raras especies de caça, pôde atravessar o seu caminho. N'isto reside talvez o principal attractivo de uma classe de sport que não tem egual quanto a interesse, sustentado e penetrante *excitament*.»

Villa Paiva de Andrada — Março de 1910.



CABEÇA DE HYENA

.....  
E' sabido que os caçadores portuguezes formam legião, e creio que muitos d'elles trocariam com prazer as perdizes e os coelhos que o solo natal lhes offerece, por caçadas de maior interesse e perigo; mas tambem sei que são necessarias varias condições, difficéis de reunir, para que esse sonho se possa realizar.

Mas não é impossivel que um ou outro meu compatriota seja bastante feliz para reunir essas condições, isto é, que seja bastante desoccupado para poder dispôr dos três ou quatro mezes indispensaveis, que seja bastante rico para poder gastar as centenas de mil réis precisas, e que tenha bastante força de vontade e bastante amor pela caça, pelas viagens e pelas aventuras, para trocar por dias de fadiga; por noites inconfortaveis e por momentos de perigo, os prazeres, commodos e habituaes, de uma estação á porta da Havaneza, ou de uma pacata cavaqueira na pharmacia da aldeia em que vive.

Se essa *rara avis* existe, escreva-me; eu terei o maior prazer em lhe mandar as informações complementares de que necessite, em lhe preparar na Beira e na Gorongoza o que fôr necessario para a sua viagem no interior, e até em o acompanhar em parte da sua caçada, tanto tempo quanto m'o permittirem as minhas occupações officiaes. E esse meu prazer será tanto maior que, durante os dez annos que tenho vivido na Gorongoza, e tendo caçado com varias pessoas vindas de longe para esse fim, só uma vez ouvi falar portuguez. . . e foi a um brasileiro: Sua Alteza o sr. D. Pedro de Orléans e Bragança.

G. BIVAR PINTO LOPES.



## HISTORIA D'AMOR

# Luiz XIV e La Vallière

POR Alice e Claude Askew

«Estarei aqui ao abrigo do mundo, minha irmã?» — a que assim falava, era pouco mais que uma creança; olhou, tremendo, para o alto muro do jardim do convento; pareceu-lhe uma barreira insuperavel, mas de que serviria, contra aquellè perante quem todas as portas se abriam, cuja palavra era mais que a lei, que o sentimento, que a fé? Poderia a santa egreja defendel-a contra a magestade do rei?

«Tende piedade d'uma alma, em que entrou a tentação!» — tinha ella dito uns dias antes, prostando-se aos pés da irmã superiora. O seu cabello solto, uma maravilhosa teia de seda dourada, brilhava aos raios do sol e emmoldurava a brancura lactea do seu rosto. — «Salvae-me, oh! minha irmã, salvae-me de mim mesma, e da voz da tentação. A vós, que sabeis a inclinação da minh'alma, venho eu implorar piedade...»

«Ergue-te minha filha, e diz-me o que te perturba» — respondeu a freira erguendo gentilmente Luiza de La Vallière, Luiza, a doce e terna creança, cuja alma era tão branca como o niveo rosto, cujos olhos eram tão azues como o céu na primavera, cujos labios santificados pela oração, estavam puros e innocentes.

Esses lindos olhos, agora perturbados, humedeciam de lagrimas as delicadas faces; os labios tremiam, tambem, como no terror d'um perigo indefinido e vago.

A sua historia era triste; pedia protecção contra aquelle que tudo podia, cuja vontade era uma ordem, a cujos caprichos ninguem ousava oppór-se; triste, por revelar aquella fraqueza consciente; e depressa foi contada.

«Não sei quando foi a primeira vez que elle ergueu para mim os olhos, — suspirou Luiza, com o rosto meio escondido pelo habito austero que lhe cobria o despedaçado coração — «Eu era apenas um creança do sequito da rainha, tão pequena, tão humilde, a ultima de todas!» — Assim falava, sem reparar na sua belleza divina, no seu rosto que tinha o encanto da primavera, no seu lindo corpo que era a promessa da flór que se entreabre. — «Levaram-me para a cõrte, minha irmã» — continuou ella — «embora não fõsse essa a minha vontade, juro-lhe. Temia aquelle esplendor. Primeiro riam-se, as outras damas, porque eu mal parecia uma dama tambem. E então», — o rosto purpureou-se-lhe delicadamente — «começaram a dizer que eu era bella; que se quizesse, os mais nobres da França ajoelhariam aos meus pés, que escolheria o marido do meu gosto, ou um amante, e escarneciam-me quando falava em vir para o convento. O convento, para quem já tinha experimentado o que era a vida na cõrte de Luiz XIV! O convento, para quem tinha este cabello, estes labios, não era um peccado, perguntavam ellas, não era fazer pouco da belleza que Deus me

tinha dado? Tudo isto me diziam, minha irmã, e eu, não sube que ellas diziam a verdade, senão quando me vestiram á moda da côrte e me ensinaram a copiar-lhes os modos. Depois, começou a accôrda em mim qualquer coisa que até alli desconhecia.»

«Perdoae-me irmã, se assim cheguei a conhecer-me» — continuou ella com o rosto baixo — «Eu era como as outras que me rodeavam e porque sou fraca, assim me deixei levar.»

«Mas o rei? Relata-me o que se passou com elle», — interrompeu a freira com alguma severidade — «A tentação veio-te d'elle; dize-me, não é verdade?»

Durante alguns minutos os soluços embargaram a voz da pobre rapariga; depois, mais calma, falou distinctamente como se tomasse a desesperada resolução de proclamar a verdade inteira, nada esconder dos recantos do seu coração, pôr a nú a sua propria alma. Mesmo no meio de seu desespero, um certo orgulho, forçava as suas palavras, triumphava como se quizesse, na sua aspiração á pureza, arrancar de si as sensações terrestres.

«Amo-o, minha irmã, é esse o meu peccado; e o castigo, doce e amargo, como o fructo prohibido, é que este amor é correspondido. Juro-lhe que se tivesse fechado este segredo para sempre no meu peito, elle tel-o-hia advinhado. Mas a despeito de orações, a despeito de lagrimas, — porque eu chorava e orava noite e dia — não consegui matar a paixão que me possuia. E então, desde que vi que por mim nada fazia, era por elle que eu resava; mas tudo foi em vão; em vão tambem, eu me escondia, quando o rei se approximava, pondo-me de traz das minhas companheiras, que troçavam da minha simplicidade, da côr que tingia as minhas faces. Mal adivinhavam o que me oprimia; mas elle, os seus olhos percorrendo os outros rostos, vinham demorar-se no meu. Sentia como se alli não estivesse mais ninguem e elle só a mim visse. Sorria-me e o seu olhar» — a joven uniu as mãos n'um gesto de angustia — «era um olhar tão doce, tão meigo, tão submisso, e tão triste! Que mais hei-de eu dizer minha irmã? E' Luiz XIV, o meu rei!»

«Criança, peccaste e peccaste gravemente.» — A freira estendeu as suas mãos pal-

lidas e magras e tocou o peito da desventurada Luiza. — «O peccado está aqui, dentro de ti, e precisa remido com penitencia, mortificação e abstinencia. Não é ainda demasiado tarde, uma vez que fugiste á tentação e pediste o soccorro de Deus, o unico soccorro que podes ter». — Calou-se a freira e estabeleceu-se o silencio entre as quatro paredes da cella; silencio apenas interrompido pelo respirar opresso da penitente.

«Essa nefasta paixão» — continuou a religiosa algum tempo depois — «não cedeste a ella, pois não, minha filha?»

«Foi temendo o que poderia acontecer que eu fugi da côrte e vim para o santuario da vossa protecção. minha irmã» — respondeu Luiza de La Vallière com o rosto a arder e as mãos unidas ao peito. — «Pois quem póde resistir ao rei? Não é um capricho passageiro», — disse ella — «nem um amor ephemero que sinto dentro do peito. Elle ama-me — e os seus lábios tremeram com a dôr da renuncia — «tanto como eu o amo. Desejar-me-hia a seu lado, mesmo que todo o mundo o visse.»

«Já não ha lugar ao seu lado direito», — respondeu a freira — «e o seu lado esquerdo é o caminho do inferno.»

«Bem sei» — um estremecimento tornou convulso o seu rosto sereno — «mas como o mau caminho apparecia lindo, atapetado de flôres, quente de sol! Estive á beira d'elle, minha irmã e os meus pés moviam-se impacientes; mas alguma coisa dentro em mim fez-me conservar na sombra; foi como que uma delicada mão pousada no meu hombro, que me fez voltar e vêr que ia fóra do caminho divino». — Calou-se e depois accrescentou suavemente: — «Minha irmã, e é para Deus que eu venho.»

A freira fez com a mão um ligeiro signal da cruz sobre o peito e a fronte da penitente. «Assim seja, minha filha» — disse ella simplesmente.

E assim se passaram dias; mas nem a penitencia, nem a abstinencia, nem a oração traziam a paz ao espirito atormentado de Luiza de La Vallière. Como podia ella entregar-se ás coisas espirituaes, com o constante terror de que o seu real amado, a quem nunca fôra recusado um coração, a procurasse na sagrada reclusão do convento e rindo-se d'ella como d'uma creança desobediente, a levasse comsigo, sem olhar a

lagrimas e protestos, para o ambiente perturbador a que ella tinha fugido?

Amargas eram as lagrimas que chorava.

— «Possam ellas fazer desaparecer a belleza do meu rosto —», dizia no extase da oração — «Possa o ajoelhar, deformar o meu corpo, para que ninguem me deseje! Porque o céo não precisa da belleza da forma e seria então a noiva de Senhor!»

E havia occasiões, na solidão da cella, em que queria despedaçar o peito até que o sangue saltasse, no desejo selvagem de arrancar o amor que alli se abrigava, essa paixão terrestre que triumphava de todos os supplicios da carne, que a fazia suspirar pelo amor humano, embora só quizesse pensar no amor divino.

«Elle ha-de vir um dia» — dizia Luiza a si propria, mil vezes, e então, prostrando-se deante da cruz, resava para que não viesse.

«Estarei aqui bem guardada, minha irmã?» — Era a sua pergunta constante, e a invariavel resposta da irmã superiora trazia algum alivio á sua alma torturada.

«A chave da porta da cêrca está a teu cargo, minha filha. Está pendurada ao teu

pescoço; não te posso reter aqui contra vontade. Não ha votos que te prendam; não ha obrigações a cumprir. Alcança a paz do Senhor, ella te bastará.»



AMO-TE, LUIZA; E EU, O REI, IMPLORO O TEU AMOR!

Assim falou a religiosa n'essa manhã a Luiza de La Vallière, quando a viu só no jardim do convento, e esta mais uma vez lhe fez a sua pergunta. Mas hoje o rosto da

Superiora era mais grave que o costume, mais triste, e comtudo, mais suave.

Luiza imaginou comprehender a transformação que n'ella se operára, como se fôsse intimamente prevenida d'um perigo, mas o olhar da freira não denunciou emoção, as linhas do seu rosto permaneceram serenas e calmas; a sua frente, pura.

«Vae para a capella minha filha» — continuou a freira — «vae resar mais do que nunca. Prosta-te ante a cruz e deixa que a sombra te envolva. E possa Aquelle que tudo vê, e nossa Senhora, Sua Mãe, guiar-te e guardar-te.

Inclinou-se e beijou a creança na frente; depois, fazendo o signal da cruz, sahiu tranquillamente para ir juntar-se a um pequeno grupo de freiras que estava n'um canto do Jardim. Pareceu a Luiza que os olhares d'aquellas sanctas creaturas tinha estado pousado n'ella, n'esse dia, mais insistentemente, com uma especie de curiosidade e espanto.

Tremendo com um receio que ella mesma não sabia como justificar, dirigiu-se para a capella, e inclinou-se, como sempre, em frente do altar. A calma e o silencio amorteceram a excitação dos seus nervos; a capella estava fresca e escura tambem, porque o sol mal entrava n'esse dia pelos vitraes das janellas. Estava só, porque ainda não era bem a hora da reza e as freiras estavam occupadas nos seus labores domesticos. E comtudo, ao entrar n'aquelle sancto asylo, tinha olhado receosa para todos os lados, como se temesse que alguma extranha apparição sahisse da sombra e lhe interceptasse o caminho. Que temia ella? Homem ou espirito? Nem o sabia; mas desejava ardentemente chegar ao altar, e apressou os passos, a tremer.

Prostrada alli, recomeçou a sua agonia, com toda a intensidade. A alma e o corpo, agitavam-se igualmente: espirito e carne — céo e terra — havia n'ella uma tempestade indomavel. Apertou as mãos na cabeça para não ouvir os seus propios pensamentos, mas em vão, fechou os olhos para não vêr as ameaçadoras fórmias e rostos que lhe appareciam na sombra; rostos zangados, todas as paixões materializadas da humanidade, luctando em volta de uma immensa cruz branca, ensanguentada. Fechou os olhos, tapou os ouvidos, tudo em vão; prostrou-se nos degraus do altar escondendo o rosto nas ondas

douradas dos seus cabellos soltos. Céo ou inferno, Deus ou demonio — a quem pertenceria a victoria?

Chegou elle — o Rei — e foi como se a sua vinda trouxesse os raios do sol que penetraram na capella escura, illuminando-a, dourando-a com uma gloria nova. Parou um momento, observando a gentil, a fragil figurinha de mulher que se prostrava ante o altar, com os louros cabellos esparsos de ambos os lados da frente, deixando vêr a brancura assetinada da sua nuca, e as mangas largas, deixando a nú os braços que se erguiam n'um supplica apaixonada e ferverosa.

O rei continuou a olhal-a, mas Luiza de La Vallière, n'esse momento, estava indifferente a qualquer emoção terrestre e inconsciente da sua presença; elle então, ajoelhou a seu lado, e tomou entre as suas, as delicadas mãosinhas que a prece fizera erguer.

«Luiza!» — o seu nome proferido n'um murmurio, pareceu-lhe vir do céo, a voz, d'algum que ella conhecia e amava.

«Luiza!» — chamou elle de novo. Seria d'elle a victoria? Sim! Porque Luiza não se sentiu mais desgraçada e o sol que illuminava a capella, enchia-lhe a alma de luz. A cruz branca, nem a via já, deslumbrada; a propria cruz se escondeu...

«Luiza!» — ella ergueu a cabeça, lançando para traz as ondas soberbas do seu cabello louro e fixou os olhos vagos no rosto do homem que lhe tinha desviado as mãos da prece ferverosa. Seria d'elle a victoria, ou teria ella sido vencida na lucta que o seu espirito travára? Que importava se o resultado era o mesmo?

Ajudou-a a levantar-se; Luiza tremia como uma pobre folha que o vento impelle, mas o sangue voltava ás suas faces e os seus labios vermelhos desúniram-se como as pétalas d'uma rosa orvalhada.

«Luiz! Meu rei!» — Não pode dizer mais nada, mas esse grito, foi a canção victoriosa da carne, triumphando emfim!

Luiz, rei de França passou o seu braço em volta da delicada cintura que precisava amparo, porque na realidade, a creança succumbia á lucta que se travára no seu coração. Não lhe oppôz resistencia, antes se encostou meigamente ao seu peito, á doçura d'aquelles braços fortes.

Quanto lhe era doce aquelle refugio, de-

pois da tortura do seu espirito finalmente conquistado e submettido!

«Creação louca, fugir de mim!» — murmurou elle n'uma leve censura. — «Não sabias que te havia de encontrar onde quer que estiveses e te havia de trazer comigo? Porque te amo, Luiza, e eu, o teu rei imploro o teu amor. Mas é já meu o teu coração, não é verdade?» — acrescentou triumphante. — «Não ha palavras que m'o digam melhor que os teus olhos. Sim, embora tivesses fugido, amavas-me; e que somos nós, para poder arrancar o amor dos nossos corações? Amor, que está acima da realeza, acima da religião, rei e sacerdote, elle proprio, conquistador do corpo e da alma! Viver sem amor não é viver!»

Calou-se, mas Luiza não replicou; apenas inclinou a sua linda cabeça sobre o peito. A submissão era completa.

«Fizeste a tua escolha» — proseguiu, o rei, enquanto a afastava do altar — «e o futuro dirá se escolheste bem ou mal. Eu, nada temo, embora roube ao céo a sua noiva. O amor terrestre não póde manchar

a tua pureza, Luiza, antes fará a tua alma mais branca, porque um affecto como o teu, ennobrece e não degrada, tanto á que o



VOLTARAS PARA O ALTAR QUE AGORA ABANDONAS,  
PARA COMPLETAR O SACRIFICIO!...

dá, como ao que o recebe. Vem, Luiza, a tua alma pertence-te, mas tu... tu és minha!»

Seguiu-o como n'um sonho; nem uma vez

olhou para o Christo que pendia sobre o altar, suspenso na cruz que ella quizera abraçar.

O seu coração palpitou quando se abriu a porta da capella e o sol entrou, trazendo consigo a vida e a luz da terra. A briza era suave, com o perfume inebriante da primavera e o canto harmonioso dos passaros. A natureza chamava-a; estava no ar que respirava; o seu perfume embriagava-a, alegrava-lhe a vista e o sussuro dos folhas sobre a sua cabeça, parecia a velha canção d'amor que entôa sempre a natureza. A morte ficava atraz d'ella; alli era a vida. O seu peito ergueu-se n'uma longa aspiração de ar e luz; encostou-se mais ainda ao braço que a protegia.

Das sombras d'um claustro adjuncto, onde esperava o resultado d'uma conferencia em que não tomára parte, a irmã superiora appareceu. Atraz d'ella, um pequeno grupo de freiras silenciosas.

«Minha filha é essa a tua escolha?» — Não havia colera na sua voz, nem ameaças. A freira permaneceu erecta, alta, com as mãos cruzadas no peito.

Luiza de La Vallière estremeceu, mas ainda mais se acolheu á protectora caricia dos braços do rei.

«A minha dama volta para a côrte, para a vida a que fôra destinada. Tal é a minha vontade, irmã superiora». — Era o rei que falava.

«Será assim por alguns annos» — disse a freira erguendo os braços como se prophetisasse o futuro — «Vae, creança louca» —

disse, dirigindo-se directamente a Luiza — «e prova as delicias terrestres; algum dia a consciencia te perseguirá, mais forte que o amor, para não mais te abandonar. E por fim...»

Algumas palavras tremeram nos labios do rei, e fez como que um movimento para interromper a freira, mas havia, n'ella qualquer coisa que induzia ao silencio. Apertou Luiza mais docemente nos braços, d'encontro ao seu peito, de fórma que ella nem quasi pudesse ouvir ou vêr.

«E por fim...» — continuou a irmã superiora — «o negro véo do arrependimento cobrir-te-ha da cabeça aos pés, e será por tua culpa. Voltarás para o altar que agora abandonas, victima da penitencia, para completar o sacrificio. Lançar-te-has viva, no caixão do remorso. Chamarás a morte que te não ha-de ouvir. E' tua a mocidade, é tua a vida, mas por breves annos, e depois, virá o escuro valle que conduz á paz do Senhor. E agora vae, porque disse já tudo o que queria».

Apontou com a pallida mão para a porta do convento e silenciosamente afastou-se.

Luiz XIV, rei de França, e aquella que por algum tempo devia ser o objecto dos seus reaes favores, mas que já levava em si, no fundo da alma torturada, a semente do castigo, sahiram a porta do convento, para entrar no vasto mundo que lhes sorria, cheio de promessas.

Encaminharam-se para a vida; mas de traz d'elles, os sinos do convento tocaram tristemente, como um dobre de finados.

Trad. de B. DE SALLES.



# As lições da Italia

## I

### Goldoni

Mais personagens da comedia italiana—*Guido d'Arezzo, Crispino, Fenocchio, Flautino, Flavio, Fracasso, Fritellino, Grandellino, O bello Leandro, Lelio, Mario, Meneghino, Menego, Meo Patacca, Orazio, Ottavio, Trivellino, Pupazzo, Colombina, Fiorinetta, Isabel, Silvia, Violeta*—*Guarini*—*Fagiuoli*—*Gigli*—*Zeno*—*Lorenzini*—*Goldoni*—«*Pamela*»—«*Locandiera*»—Os dois irmãos *Gozzi*.

Ainda sobre personagens de theatro e antes de completar a galeria que principiámos no capitulo anterior, será interessante saber, para os que não estão na posse do segredo, que no libreto da opera *Africana*, historicamente tão mal delineado por Scribe, a principal figura, depois da do protagonista, é «*Vasco da Gama*». Quando a admiravel partitura se cantou pela primeira vez em Lisboa, o marquez de Niza, descendente do glorioso descobridor, oppoz-se tenazmente a que apparecesse em scena tão nesciamente deturpado o seu antepassado, e, desde então, quando aqui se affixam cartazes annunciando o formoso *spartito*, o illustre navegador é substituido por *Guido d'Arezzo*, que carrega com toda a supina ignorancia do libretista em assumptos historicos.

*Crispino* é uma personagem de origem italiana. Introduziu-o em França, levado de Hespanha, Scarron, em 1654, no *Ecolier de Salamanque* ou nos *Ennemis genereux*,

imitado de Francisco de Rojas. *Crispino* é um creado chocarreiro, medroso, fanfarrão, velhaco, com umas dedadas de latim e de philosophia como os seus amos, sempre prompto a lisonjeá-los ou a injuriá-los, vestido quasi como elles (chapéo pequeno e fato preto, golilha branca, botas molles, cinto de couro e espada), apto para todos os misteres. Ora hospedeiro, como no *Fou raisonnable*, de Poisson, 1664; ora cavalleiro, como no *Crispin chevalier*, de Champmeslé, 1761; ora musico, como no *Crispin musicien*, d'Hauteroche, 1674; ora fidalgo, como no *Crispin gentilhomme*, de Montfleury, 1677; ora preceptor, como no *Crispin précepteur*, de La Thuillerie, 1679; ora medico, como no *Crispin médecin*, d'Hauteroche, 1680, ora espirito agudo, como no *Crispin bel sprit*, d'Abeille, 1861; etc. Uma dynastia de actores francezes, a dos Poisson, incarnou com grande exito no theatro o papel de *Crispino*. As duas melhores comedias francezas em que apparece esta personagem são: *Crispin rival de son maître*, 1707, de Le Sage, e a celebre comedia de Regnard, *Le legataire universel*, 1708.

O typo de *Fenocchio* data de 1560. *Fenocchio* apresenta-se como o eterno creado patife, intrometido sempre em intrigas amorosas. Apaixona-se de quando em quando por «*Olivette*», que, na sua qualidade de cozinheira, lhe é duplamente cara. «*Arlequin*» arvora-se em rival natural de *Fenocchio*, e este, fecundo em manhas e em vinganças, prega ao seu rival as partidas mais estupendas. Personagem singular, uma especie de «*Scapino*», razoavelmente mau e prodigiosamente travesso, *Fenocchio*, apparece ainda

nas comedias improvisadas de Napoles e de Florença.

*Flautino*, typo de servo, na comedia italiana, foi creado por João Gherardi, em Paris, em 1675, e tinha muita analogia com o de *Scapino*. A sua originalidade consistia em imitar com a garganta o som da flauta.

*Flavio* é um apaixonado. Rapaz bonito, irreprehensivelmente vestido, a quem as mulheres amam pela sua galantaria, pela sua habilidade para o soneto, para a musica, e porque ostenta maneiras palacianas, e anda em ponto de rebuçado. O typo foi criação de Ruzzante. *Flavio* apresenta-se vestido de preto, com enfeites brancos.

O *Capitão Fracasso* pertence simultaneamente á comedia franceza e italiana e á categoria geral dos *capitães*. O capitão *Fracasso*, tomou o seu nome de gigante *Fracassus* (parte tudo) pae de Ferragú, de que fala Merlin Cocaie, na sua *Macaronéa*. O capitão *Fracasso* corresponde ao *Matamouros* hespanhol. Esta personagem de bigode de leopardo, de collar engommado, de chapéo com plumas, de nariz no ar, com a mão na terrivel espada, tem o aspecto de quem quer furar toda a gente. Na realidade, engole prudentemente os insultos e as cacetadas que apanha todos os dias. Tem por antepassado o militar fanfarrão, *miles gloriosus*, o *Pyrgopolinice*, «conquistador de praças fortes», de Plauto e do seu modelo grego. Calot, no principio do seculo XVIII, colloca no numero dos typos comicos dos seus *Petits danseurs* um *Fracasso*, de sabre de pau na mão, muito differente do capitão *Fracasso* ordinario.

*Fritellino* passou da comedia italiana do seculo XVI para a farça franceza. Desempenhava os papeis de creado na companhia de Tabarin.

*Grandellino* constitue uma variante de «Scapino». E' tambem um typo de servo. A sua criação data de 1687, e foi feita em Paris, por Constantin Constantini, então no theatro italiano que funcionava n'aquella cidade. A sua interpretação ficou lendaria.

O *Bello Leandro*, era na sua origem, o elegante apaixonado de Izabel ou de Beatriz. Aparecia fresco, rosado, coberto de fitas e de rendas, enganava os barbaças, paes ou maridos. Corneille transportou o papel para a comedia franceza; encontra-se ainda em *Destouches*. Envelhecendo adquiriu um feitiço ridiculo. O *Leandro* do theatro no seculo XVII, tem, nos seus papeis de apaixonado, o que quer que seja de «matamouros»; é gabasola e poltrão, e n'essas circumstancias começam a escarnecê-lo, e até, quando é necessario, a sová-lo.

*Lelio*, novo, bonito, amado pela heroina da peça, é com frequencia rival do «Arlequin». *Lelio* passou para o repertorio francez e encontra-se a miude nas peças de Marivaux. O papel de *Lelio*,

creado em França por Andeini, foi desempenhado após elle por Luiz e Francisco Riccobini, Antonio Luiz Balletti e Zanucci.

*Mario* não differia essencialmente do lindo «Leandro» e de «Lelio». Deveu sobretudo a sua particularidade ao excellente actor que interpretou o primeiro *Mario*, José Balletti, da companhia que L. Riccoboni levou para França em 1716. Foi no *Amante romanesco*, 1718, que creou esse papel e ficou-lhe o nome de *Mario*. Depois da morte de Balletti, 1762, Zanucci transmittiu ainda um certo brilho ao papel de *Mario*.

O *Meneghino* corresponde no Milanez ao «Stenterello» da Toscana e ao «Gianduja» do Piemonte. E' um camponez distraído, ingenuo e poltrão, mas não privado de bom senso, e que diz com rudeza verdade fortes. Deriva de «Menego» do seculo XVI, e talvez tambem do «Menghino» e da «Lena» de Ariosto.

*Menego* é uma personagem creada por Marco Aurelio Alvarotto, actor da companhia paduana de Ruzzante. *Menego*, diminutivo de Dominico, é um typo comico, especie de camponez ingenuo e poltrão, fiel imagem dos costumes rusticos da Italia na primeira metade do seculo XVI, e que, sob a mascara de uma aparente patetice, se queixa com amargura dos vicios da sua época.



SCAPINO



CAPITÃO FRACASSO

*Meo Patacca* apresenta-se como uma especie de Pulcinella transteverino. Espirituoso e insolente, não soffre contradicções e recorre perpetuamente ao seu cajado. Fala o dialecto de Roma. Giuseppe Berneri escreveu um poema inteiro em dialecto popular de Roma ácerca de *Meo Patacca*, em 1685, illustrado em 1823 por Bartolomeo Pinelli. Este artista dá a *Meo Patacca* o fungo com grandes abas e o manto; liga n'uma grande roseta sobre o peito uma especie de faixa que lhe serve de enfeite nos hombros. Pende-lhe de um cinto de couro um solido cacete. O collete, com rebordos, abotoa-se de lado. Os calções são abertos nas pernas.

*Orazio* é um apaixonado da comedia italiana, creado em 1645, em Paris, por Marco Romaguezi. *Orazio* é uma especie de «Don Juan» sem impiedade. Seduz todas as mulheres; está sempre prompto a casar-se e a bater-se. *Orazio* vestia um justilho verde-mar ou verde claro, calções de setim branco, bordados a prata e cobertos de laços; meias de Milão, de seda; sapatos com pala, bastão e espada; «bacalhãos» de cassa bordados com renda «guipure»; cabelleira frisada e anelada; chapéo cinzento com plumas brancas.

*Ottavio* apresenta outra variante de «Lelio». Foi creado por Andréa Zanotti, de Bolonha, em 1660, e tornado a representar com mais exito, em 1688, por J. B. Constantini. *Ottavio* occupa-se muito mais de canções e de dansas que de duellos e cavallos.

*Trivellino* foi um typo da Comedia Italiana, tambem creado em Paris pelos meados do seculo xvii. E' um lacaio, uma especie de «Arlequim» com menos finura, mas com maior dose de perversidade. Domenico Locatelli representou-o na Comedia Italiana, com exito, em 1653. O segundo dos *Trivellinos* foi Pedro Francisco Biancotelli, nascido em 1681, que desempenhou o papel, em Tolosa, em Montpellier, em Veneza, em Milão, em Parma, em Mantua, em Genova, e porfim em Paris, na companhia do Regente. O vestuario tradicional de *Trivellino* consistia n'um casaco e calças côr de camurça, matizado de triangulos de fazenda verde; galões e ca-

nhões vermelhos; crescentes e estrellas encarnadas; botões de metal; manto verde forrado de vermelho e debruado de amarello; chapéo cinzento, com pelle de coelho; cinto de couro amarello; sapatos de cabedal tambem amarello com laços encarnados; meias escarlates, mascara bordada de seda preta. Em francez é citado para designar um farçante, um bobo.

*Pupazzo* é a «marionette» italiana, que não tem senão uma cabeça e mãos de madeira, sendo o corpo um bolso no qual se mette a mão, de fórma que o pollegar e o medio fingem de braços fazendo o index mover a cabeça.

Vejamos agora quaes são os typos femeninos da comedia italiana. Um d'estes, dos mais conhecidos, é *Colombina*. Ora filha de «Cassandro» ou de «Pantalone», ora cortejada por esses velhos apaixonados, ora amante ou mulher de «Arlequim» ou de «Pierrot», *Colombina* é sobretudo uma viva e travessa creadinha. Foi assim que a delinearam Regnard e Dufresny, nas peças que compozeram para a primeira companhia que foi de Italia estabelecer-se em Paris e representar comedias jocosas em francez. Esta personagem modifica-se passando pelos diferentes tablados, mas, em geral, conservam-lhe o vestido branco, o avental verde e o barretinho casquilhamente posto. Foi no theatro da Comedia Italiana, no *Retour de la foire de Bezons*, 1695, que *Colombina* vestiu, pela primeira vez, o traje d'arlequina. Conservou-o depois tradicionalmente.

*Fiorinetta* é uma apaixonada de um genero especial; aprendiz de cortezan que, sob o imperio de um amor puro, fica pelo menos desinteressada. Uma intermediaria dá-lhe a conhecer um homem que lhe agrada, por quem ella se apaixonou; liga-se a elle e permanece-lhe fiel. Ruzzante, Parabosco e Calmo são os tres mestres da *Com-*

*edia dell'arte* que puzeram em scena com maior exito o typo de *Fiorinetta*. O seu traje consiste n'um vestido de setim branco, mangas tufadas de setim branco e segunda saia com desenhos lilazes e côr de rosa, cadeia e collar de ouro. Ha a juntar os ca-



ORAZIO



OTTAVIO

bellos louros, que são obrigatorios do caracter e da tradição.

O typo de *Isabel* foi creado em Paris, em 1578, por uma actriz da companhia da *Gelosi*, Isabel Andreini. Este typo converteu-se, depois d'ella, no papel de Virginia Ramponi, em 1601. Os comediantes do palacio de Borgonha adoptaram-no egualmente; confundiu-se depois com o papel das apaixonadas. Deu-se ainda o nome de *Isabel* a um typo de creada que mystificava os bajoujos e ludibriava os velhos; era sobretudo um papel de mudanças de vestuario que subsistiu por algum tempo no Theatro Italiano de Paris e nos tablados de feira.

*Silvia* corresponde a um papel de apaixonada, creado em 1716, em Paris, por Gianetta Rosa Benozzi, que o representou durante quarenta e dois annos. As peças francezas de Marivaux apresentam com frequencia esse typo.

*Violeta* era uma variante de «Colombina». Foi creado em 1716, em Paris, por Margarida Rusca. Era a amante obrigada de «Arlequin», mas o seu papel acabou por se perder e diluir no de «Colombina».

Voltemos agora aos comediographos dos seculos xvii e xviii.

Alexandre Guarini, filho do grande Giovanni Baptista Guarini, nada mais se sabe d'elle senão que morreu em 1636 e que deixou a comedia *La Bradamante gelosa*, 1616; *L'apologia di Cesare*, 1638; e *Il frenetico savio*, 1644.

João Baptista Fagiuoli, um dos fundadores da Academia dos apathistas, nasceu em Florença em 1660 e ali morreu em 1742. As suas poesias burlescas e as suas comedias distinguem-se pela facilidade, espirito, graça e por uma jocosidade que não fêre nunca a decencia. Publicou em 1729, *Rima piacevole*; em 1734-1736, *Commedie*; em 1737, *Proze*.

José Nenci Gigli, alcunhado *Jeronymo*, nasceu em Sienna, em 1660, e morreu em Roma, em 1722. Cultivou simultaneamente a historia, a philosophia, a astronomia, a musica e sobretudo a poesia. Fez comedias, dramas, satiras, libretos de operas que tiveram exito. Traduziu *Tartufo* com o titulo de *Don Pilone*.

Apostelo Zeno nasceu em Veneza em 1668 e ahi morreu em 1750. A leitura dos clas-

sicos latinos, de Dante e de Petrarca, levou-o a fazer uma guerra encarnçada ao mau gosto. Foi com este objectivo que, de combinação com Salvini, Redi, Magliabecchi, fundou em Veneza, em 1691 a academia *Degli Animati* (dos corajosos), depois empreheudeu em 1710, com Vallisnieri, a publicação do *Giornale de litterati*, do qual publicou vinte volumes no espaço de oito annos, e que appareceu até 1733. Foi chamado a Veneza por Carlos VI, que o nomeou, em 1718, poeta e historiographo imperial. Empreheudeu egualmente dar mais gravidade e estylo aos libretos das operas e escreveu um grande numero d'essa especie de obras, que, pela maior parte, fôram postas em musica por Caldora. Deixou sessenta e tres peças d'este genero publicadas com o titulo de: *Poesie dramatiche*, 1774. Compoz tambem uns vinte melodramas sacros sobre assumptos biblicos, 1735. Voltou para Veneza em 1728.

Francisco Maria Lorenzini nasceu em Roma em 1680 e ahi morreu em 1743. Ligou-se com as personagens mais distinctas do seu tempo; entre outras com o papa Clemente XII e com o cardeal Borghese, que lhe arbitrou uma pensão. Tornou-se membro, em 1705, e depois presidente, em 1728, da academia dos Arcades. Escrevia com pureza e elegancia. Citaremos d'elle, além das *Poesias* italianas e latinas insertas em diversas collecções litterarias, dramas sacros: *Jahel*, 1701; *Athalia*, 1703; *Maria Magdalena des Pazzi*, 1707; *Bethoabêa*, 1708; *Il Cardo*, 1728; *Dialogos sobre as taboas anatomicas de Eustachio*; etc.

Carlos Goldoni nasceu em Veneza, em 1707 e morreu em Paris em 1793. Formado em direito pela universidade de Padua, mas ficando advogado sem causas, escreveu uma tragedia: *Amalante*; em seguida uma pequena opera buffa: *O gondoleiro veneziano*, que obteve grande exito. Ligado a uma companhia de venezianos, que dava representações em Veneza, em Padua, Verona, começou a fornecer em abundancia comedias em esqueleto e peças de mascaras. Foi então que, fatigado de tecer sempre a mesma trama, Goldoni pensou em reformar o theatro italiano e em dotá-lo com peças mais litterarias; aboliu a mascara, poz o vestuario



TRIVELLINO

em harmonia com o estado das personagens, emfim substituiu chocarrices, com frequencia indecentes, pela pintura dos costumes contemporaneos. A peça por onde começou esta innovação é *O homem perfeito*, representado em 1737. *O corteção veneziano*, *O prodigo*, e sobretudo *A mulher de cabeça*, 1741, completaram a reforma. Goldoni fez ainda representar successivamente: *O filho do Arlequim perdido e encontrado*, *O creado com dois amos*, *A feliz herdeira*, *A rapariga honesta*, *A boa mulher*, *A viuva astuciosa*, *Os apaixonados*, *A casa nova*, *A estalagem de posta*. Chamado a Paris pelos gentishomens da camara real, trabalhou immediatamente para o Theatro Italiano, tornou-se leitor e professor de italiano dos filhos do rei, e fez representar *O amor paterno*, depois *Le bourru bienfaisant*, comedia escripta em francez, 1771, e que se manteve muito tempo no repertorio. Só deu depois *O avarento faustoso*, 1773, e consagrou os ultimos annos da sua vida a escrever em francez curiosas memorias, 1787. A fecundidade de Goldoni é surprehendente. Ha d'elle mais de cento e cincoenta peças. A edição mais completa do seu theatro é a de Veneza, 1788: *Carlo Goldoni, Raccolta di tutte le sue opere teatrali*. As *Obras primas dramaticas de Goldoni*, 1801, contem uma selecção das suas melhores peças, traduzidas em francez por Amar Duvivier.

A *Pamela* de Goldoni, é uma comedia que ainda hoje se representa. Foi extrahida de um romance inglez de Richardson (1740 e 1741). Pamela é uma creada nova, filha de uns rendeiros, educada por uma ama indulgente e generosa. A ama de Pamela morre, e no seu leito de morte confia a a seu filho, o conde de Belfort. Este é um libertino que trata com rudeza a rapariga, que a ameaça, que a isola porfim nas mãos de uma intermediaria. Pamela, joven e innocente, espanta-se, desculpa o seu joven amo, depois compre-

hende o que elle quer d'ella e resiste-lhe. Pamela resiste tão solidamente, derrama tantas lagrimas, que acaba por fazer com que o patrão case com ella. A comedia, como o romance, cheio de sensibilidade e de moral, obteve um grande exito.

A *Locandiera* é uma deliciosa peça, de trama simples, bordada entre poucas personagens e sem nenhuns d'esses ardis, atavios e surpresas que emaranham as actuaes obras de theatro. As personagens são desenhadas de um traço, mas com pulso firme e com objectivo determinado; o dialogo é castiço, com taes ou quaes resaios de classicismo, mas sem lhe banir a graça, a graça como se comprehendia n'aquellas épocas, com uma pontinha de malicia e sem a torturante preocupação de rebuscar a phrase. Ha scenas, que pela sua despreendida singeleza pa-

recerão infantis, mas que possuem um adoravel cunho de realidade, ainda mais valorizado quando a interpretação lhe dá o devido realce. A vaidade feminina posta em jogo, entre um marquez orgulhoso e pobre, entre um conde rico e pouco atilado, e entre um galanteador de novo genero, que desdenha as mulheres para as... conquistar, mimoséa-nos com tres actos vivos, um verdadeiro mimo litterario, apesar de ter passado por cima d'ella mais de um seculo. A *Locandiera* foi traduzida para portuguez por Mello Barreto e representada no theatro de D. Maria em 1896. Quer a *Locandiera* quer a *Pamela* subiram á scena em Lisboa, em italiano, no theatro D. Amelia, ambas interpretadas pela actriz italiana Tina di Lorenzo, a primeira em 1907 e a segunda em 1909.

Os dois irmãos Gozzi occuparam um logar importante na litteratura dramatica do seu paiz.

Gaspere Gozzi nasceu em Veneza em 1713 e morreu em Padua em 1786. Pertencia a uma familia nobre. Obrigado a trabalhar para viver, traduziu livros francezes e comedias. O logar de inspector da bibliotheca, que obteve da republica de Ve-



FIORINETTA



CARLOS GOLDONI

neza, permittiu-lhe entregar-se a trabalhos mais importantes. Citam-se d'elle: *Julgamento dos antigos poetas sobre a critica moderna de Dante*, 1748; *Cartas familiares*, 1755; *O observador veneziano*, 1768, jornal de critica; *O triumpho da humildade*, 1759, poema em quatro cantos; *O mundo moral*, 1760. As suas obras completas, *Opere in versi e in prosa*, foram publicadas em Veneza em 1759.

O conde Carlo Gozzi, irmão do precedente, nasceu em Veneza em 1722 e morreu em 1806. Como seu irmão, principiou por fazer traducções do francez, mas abandonando depressa essa via, pediu as suas inspirações aos velhos *Contos de fadas* da Italia, e começou a compôr uma porção de «magicas» vivas e brilhantes, que fizeram as delicias do povo de Veneza, chamadas *fiabescos*. A comedia de costumes acabou por o empolgar, e Carlo Gozzi cahira n'um esquecimento profundo, quando, muito mais tarde, o reivindicaram para a escola romantica como um dos creadores do drama. As suas obras foram publicadas em Veneza em 1772-1791. Além das suas magicas, contem diversas outras peças de theatro e uma estranha epopéa romanesca, *La Mas fisa bizzarra*. Carlo Gozzi tambem publicou *Memorias* muito interessantes em 1790. Os assumptos dos *fiabescos* de Gozzi aproveitou-os elle de uma collecção de contos e de lendas populares: *Lo cunto delli cunti*, muito semelhante ao *Gabinet des fées* em França. Com o titulo de *Theatro fiabesco de Carlo Gozzi*, A. Royer traduziu para francez cinco d'essas engraçadas magicas venezianas: *O corvo*, *O rei veado*, *Turandot*, *A Zobeida*, *O passarinho verde*. Citam-se ainda: *O amor das tres laranjas*, *A dama serpente*, *O monstro azul ferrete*.

N'esta época, no theatro como nos outros ramos de litteratura, accentua-se um renascimento efficaz. O genio tragico de Alfieri, a veia comica de Goldoni, a fantasia, como sublinhamos, de Carlo Gozzi, foram poderosos auxiliares d'esse movimento. A Metastasio deve-se a creação do scenario da Opera.

Ainda n'esta época a orientação dada ao theatro italiano pelas individualidades de maior talento concorreram, não pouco, para se preparar a unidade da Italia, que se devia realizar no seculo XIX.

## II

**A dramaturgia da unidade italiana**

Cerini — Federici — Ponte — Rezzonico della Torre — Os irmãos Pindemonte — Ballochi — Avelloni — Nota — Giraud — Rosini — Canale — Marengo — Brofferio — Spuches — Montanelli — «Camma» — Pepoli — Ongaro — Ricciardi — Della Testa — Aureli — La Farina.

Carlos Goldoni deixou uma pleiade de continuadores. Um d'elles foi José Cerini, nascido em Solferino em 1738 e fallecido em Milão em 1779, Era advogado em Milão, onde fez representar com exito algumas peças de theatro: *Clary* (1772); *Cattiva matrigna* (1773), etc. Publicou tambem uma collecção de *poesias anacreonticas* (1776), cheias de graça.

João Baptista Frederico Viassolo, conhecido por Camillo Federici, nasceu perto de Mondovi em 1749 e morreu em 1802. Para seguir uma atriz formosa, Camilla Ricci, abandonou a magistratura, fez-se comediante, e escreveu numerosas peças, onde se encontram graça e sentimentos scenico. A sua obra prima, *A mentira dura pouco*, foi traduzida para francez por Creuzé de Lerner e Roger e representada com exito na Comédie-Française, com o titulo de *La revanche* (1809). As suas *Obras dramaticas* fôram publicadas em Turim em 1793. Uma outra peça: *O remedio é peor que o mal*, foi tambem traduzida em francez.

Lourenço da Ponte era um aventureiro nascido em Ceneda, Veneto, em 1749 e fallecido em Nova-York em 1838. Alumno do grande seminario de Treviso, onde era professor, foi expulso de Veneza pelas suas satiras contra o governo. Refugiou-se em Goertz, em Dresde e em Vienna, onde escreveu libretos de operas para Salieri, Martini e Mozart (libretos do *Casamento do Figaro* e *D. João*). Depois da morte do imperador de Austria, José II, partiu para Trieste, onde casou com a filha de um negociante inglez. Estabelecendo uma livraria em Londres, falliu e embarcou para a America. Foi professor de italiano no Columbia-College de Nova York. Contou as vicissitudes da sua accidentada vida nas *Memorias* (1823-1827).

Carlos Gastão Rezzonico della Torre nasceu em Como, em 1742, e finou-se em Nápoles, em 1796. Depois de seguir a carreira das armas, succedeu em 1769 a Frugoni na qualidade de secretario perpetuo da Academia de Bellas Artes de Parma, viajou depois pela Europa e relacionou-se com Frederico II, com Voltairè e com Cagliostro. As suas obras completas appareceram em 1835. Comprehendem composições dramaticas, pequenos poemas, poesias ligeiras, discursos academicos, relatorios de viagens e uma traducção da *Batrachomyomachia*, etc.

Os dois irmãos Pindemonte tambem deixaram bom nome na litteratura dramatica italiana.

O marquez Giovanni de Pindemonte nasceu em Verona, em 1751, e ali morreu, em 1812. Fez parte do grande conselho de Veneza, foi podestá em Vincencia e, banido pelo seu escandaloso procedi-

mento, refugiou-se em França e d'ali seguiu para Milão, onde se tornou membro do governo da Republica Cisalpina. Residiu de novo em Paris, regressou a Milão em 1802 e elegeram-no deputado ao parlamento italiano. Era um improvisador notavel. Além das peças de theatro, publicadas com o titulo de *Compossimenti teatrali* (1804) escreveu poesias lyricas e fez uma traducção em verso dos *Remedios de amôr*, de Ovidio (1791).

Seu irmão, o cavalleiro Hippolyto Pindemonte, nasceu tambem em Verona em 1753 e ahi se finou em 1828. Deixou em 1783 a ordem de Malta e partiu para Aversa, proximo de Verona, onde escreveu as suas poesias campestres (1788), agradaveis e graciosas composições. Escreveu mais: *Arminio* (1804) tragedia não destinada ao theatro e que contém grandes bellezas; *Epistole in versi* (1805); *I Sepolcri* (1805), poema cheio de sentimentos patheticos e de elevados sen-

timentos sobre a immortalidade; *Dodici sermone politiche* (1819), satiras á maneira de Horacio; *Stanze* (1828), etc. A suas *Obras completas* fôram publicadas em Milão em 1829.

Luiz Balochi ou Balloco nasceu em 1766 e morreu em Paris em 1832. Compoz librettos e peças de apparato para o theatro italiano de Paris. Foi um dos auctores do *Cerco de Corintho* com Soumet (1816), e com Jouy, do *Moyisés* (1827).

Francisco Avelloni, appellidado *Il Poetino*, por causa de ser de baixa estatura, nasceu em Veneza, em 1756, e morreu em Roma, em 1837. De uma grande fecundidade, compoz, affirma-se, perto de seiscentas peças, nas quaes procurou imitar a «maneira» de Beaumarchais.

O barão Alberto Nota nasceu em Turim em 1775 e ahi morreu em 1847. Successivamente empregado na

côrte de Turim, substituto em Verceil (1811), tornou-se em seguida empregado do principe de Carignan e entrou na carreira da administração em 1820. Estreou-se em 1804 como auctor dramatico, com a *Duqueza de La Vallière* e em seguida fez representar: *Os primeiros passos no vicio* (1808); *Os dilettanti comicos* (1808); *O novo rico* (1809); *Os demandistas* (1811); *O philosopho celibatario* (1811), a sua obra prima; *A garrida* (1812); *O doente imaginario* (1813); *A mulhe ambiciosa* (1817); *A feira* (1826); *Educação e natureza* (1847); *A paz domestica*; *O amor terrivel*. As suas melhores comedias fôram traduzidas para francez por Bettinges; *Theatro d'Alberto Nota* (1839).

O conde João Giraud nasceu em Roma em 1776, de uma familia franceza e falleceu em Nápoles em 1834. A sua primeira peça *L'onesta non si vinci* representou-se em Roma em 1798. N'essa época organizou á sua custa um esquadrão de cavallaria em defesa de



A MORTE DE HIPPOLYTO  
(Quadro de J. F. de Troy)

Pio VI contra os francezes. A melhor das suas comedias é o *Preceptor em embarços* (1807), critica espirituosa a uma educação muito severa. E' auctor de uma collecção de comedias infantis: *Theatro domestico*.

João Rosini, auctor do drama historico *Torquato Tasso* (1835), nasceu em Lucignano, Toscana, em 1776, e morreu em Pisa, em 1855. Foi professor durante muito tempo na universidade de Pisa. Deve-se-lhe uma collecção de poesias (1819), mas é principalmente como romancista que se distinguiu. *A religiosa de Monza* (1829), *O conde Urgolino da Gherardesca* e *Luiza Strozzi* (1833) são obras notaveis pelo interesse da narrativa, do enquadramento e pela exactidão historica.

Tornou-se tambem afamado na critica artistica e litteraria.

São bastantes os escriptores italianos do seculo XIX que se dedicaram á tragedia.

Miguel José Conale nasceu em Genova em 1800 e morreu em 1890. Existe d'elle uma tragedia historica, *Simão Boccanegra* (1833). Além d'esta obra escreveu varios romances historicos: *O castello de Ricolfago* (1837); *Paolo da Novi, doge de Genova* (1838); *Jeronymo Adorno* (1846), e uma porção de innumeradas obras historicas sobre Genova: *Historia da republica de Genova* (1864); *A Criméa e os seus senhores, desde as origens até o tratado de Paris* (1857); *A vida e as viagens de Christovam Colombo* (1863); *As tentativas dos navegadores genovezes para attingir as Indias* (1882).

Carlos Marenco nasceu na aldeia de Casolo, provincia de Lomellina, em 1800, e morreu em 1846. *O Levita de Ephraim* (1841) e o bello drama de *Buondelmonte* (1828) começaram a sua reputação. Produziu em seguida: *Corso Donati*, quadro das discordias politicas dos italianos; *Ezzelin III*, onde pintava de maneira empolgante a queda d'esse tyranno; *Ugolino*, *A familia Foscari*, *Arnaldo de Brescia*, *Adeliza*, *Manfredo*,

*Joanna I, Pia de Tolomei*, *Henrique de Suabia*, *A guerra dos barões*, *Corandino*. Todas estas tragedias historicas contem em geral a descripção fiel dos caracteres, e são notaveis pela vivacidade da intriga e pela elegancia do estylo. A sua *Pia de Tolomei*, tirada de um episodio celebre de Dante, foi representada em Paris com grande exito.

Angelo Brofferio nasceu em 1802 em Castellonovo-Calcea, no Piemonte, e morreu ali em 1866. Fez representar com exito a tragedia *Vitigé, rei dos godos*. Em 1830 achou-se comprometido n'uma conspiração e foi encarcerado. Solto no momento da aclamação de Carlos Alberto, Brofferio entregou-se á advocacia e a sua eloquencia breve lhe



MORTE DE FRANCESCA DE RIMINI  
(Quadro de Cabanel)

proporcionou uma grande reputação. Eleito em 1848 deputado ao parlamento, tornou-se um dos oradores mais applaudidos e o chefe da opposição democratica, ao mesmo tempo que propagava as suas idéas para a fundação de novos jornaes. Combateu energicamente a politica moderada e a diplomacia do conde de Cavour, que atacou n'uma comedia satirica intitulada *O Tartufo politico* (1815). Depois da annexação das provincias italianas ao Piemonte, a sua auctoridade, um pouco diminuida pelo surgimento de novas personalidades parlamentares, ficou, no entanto, consideravel. Entre os seus trabalhos litterarios, além d'outras peças applaudidas, como o *Castello de Kenilworth* e *Angelica Kauffman*, citaremos: *Historia do Piemonte de 1814 até os nossos dias* (1850), e principalmente *Memorias do meu tempo* (1858-1861).

Giuseppe de Spuches, principe de Galati, nasceu em Palermo em 1819. Começou por collaborar em diversas publicações litterarias e publicou uma primeira tentativa de traducção grega, o *Cedipo-rei*, de Sophocles (1838). Apareceram em seguida, d'elle: *Discursos philologicos* (1860); *Epigraphes inéditas e outros documentos archeologicos*

(1865); *Poesias*, collecção de trechos poeticos e de pequenos poemas de um grande encanto (1868); *Medéa*, *Hippolyto*, *As phenicias*, *Hecuba*, *Rhesus*, *O Cyclope*, traducção de tragedias de Eurípedes (1871); *Carmina latina et graeca*, composições originaes do auctor e versos latinos e gregos (1871); *Algumas versões do grego*, collecção comprehendendo a *Iphigenia em Aulida* e *As Heraclides*, d'Euripides, *Os Idyllos* de Moschus e de Bion, *Hero e Leandro*, de Museu (1878). Todas estas traducções denotam um gosto muito delicado pela antiguidade grega e latina e os pequenos poemas italianos, entre outros *Adelia de Borgonha*, em *terça-rima*, insertos na collecção intitulada *Poesias*, collocaram Giuseppe de Spuches na categoria dos melhores escriptores contemporaneos. Spuches foi mandado ao Parlamento como deputado por Palermo. Sua mulher, da familia Turrisi-Colonna (1822-1848), foi igualmente uma poetisa de valor.

José Montanelli nasceu em Fucecchio, Toscana, em 1813, e falleceu em 1862.

Advogado em Pisa, muito dedicado ao papado e a Pio IX, foi a alma do movimento toscano e da resistencia á politica reaccionaria do grande duque. Em 1848, combateu nas fileiras do batalhão universitario, constituido por estudantes e commandado pelos professores, e foi ferido em Curtatona. Mal

curado, voltou a Florença, entrou no Parlamento, e succedeu, como presidente do conselho, a Gino Capponi. Após a fuga do grande duque para Gaeta, tornou-se triumviro da Toscana com Guerrazzi e Mazzoni, depois demittiu-se das suas funcções para representar a Toscana em França. Foi durante estes dez annos que escreveu as suas

*Memorias*, e traduziu para a Ristori, a *Medéa* de Legouvé; para a mesma tragica escreveu *Camma*, representada depois da *Medéa* no Theatro-Italiano. Após a libertação da Italia, a opposição que fez a Victor Manuel tirou-lhe uma parte da sua popularidade. Conseguiu, todavia, fazer-se eleger deputado, quando morreu.

Camma foi uma heroína galata. No seu *Tratado das virtudes das mulheres*, Plutarco conta um rasgo celebre. O marido de Camma morrera assassinado por Synorix, que a desejava para mulher, ella consentiu em desposá-lo. Mandava o uso que o esposo e a esposa bebessem ambos na mesma taça. Camma pegou primeiro na taça que encherá de veneno, e, depois de beber, apresentou-a a Synorix, que esvaziou o copo fatal. Então, Camma, transportada de alegria, exclamou que morria satisfeita, porque o marido estava vingado. Sobre este assumpto escreveram-se duas tragedias: uma de Thomaz Corneille; a outra, muito superior, de Montanelli, como atraz referimos, na qual

Adelaide Ristori tinha um dos seus mais portentosos papeis.

Carlos Popoli nasceu e falleceu em Bolonha (1801-1881). Tomou parte na insurreição de 1831, pertenceu ao governo provisorio estabelecido em Bolonha e em seguida recebeu a collocação de administrador das

provincias de Urbino e de Pesaro. Vencido o seu partido, dirigiu-se a Paris, onde escreveu o libretto dos *Puritanos*, depois a Londres, onde produziu dois novos librettos: *Malek-Adel* para Costa, e *Jane Grey* para Vaccai. Fundou um curso publico da historia da Italia e da historia das Bellas-Artes (1837). De 1839 a 1848,



O JURAMENTO DOS HORACIOS  
(Quadro de David)

occupou a cadeira de litteratura italiana na Universidade de Londres. Chamado á Italia pelos acontecimentos de 1848, nomearam-no deputado, depois vice-presidente da Camara, reunida em Roma; a dupla invasão austriaca e franceza de 1848 forçou-o a voltar para Londres, onde se occupou principalmente de trabalhos historicos. De regresso definitivamente á sua patria, em 1859, foi eleito, em 1861, deputado ao Parlamento italiano. Publicou quatro volumes de *Miscelaneas* em verso e prosa (1833).

Francisco dall'Ongaro, um dos escriptores italianos mais fecundos, nasceu em Odezzo, Veneza, em 1808, e finou-se em Napoles, em 1873. Foi obrigado a renunciar ás funcções ecclesiasticas por causa das suas idéas avançadas; fundou em Trieste a *Favilla* e breve se viu forçado a refugiar-se em Roma, onde o nomearam, em 1849, membro da Assembléa Constituinte, director do «Monitor Romano» e combateu junto de Garibaldi contra o general Oudinot. Emigrou em seguida para a Belgica, dirigiu-se para Paris em 1856 e collaborou em diversos jornaes. Por occasião da guerra de Italia, em 1859, voltou para a Peninsula, e tornou-se titular de uma cadeira de litteratura dramatica em Florença. As suas obras são cheias de graça, de imaginação, de uma ardente dedicação á idéa da unidade italiana. Os seus melhores dramas são: *Il Fornaretto*, *Bianca Cappello* e *Os dalmatas*; os seus dramas e poesias foram colleccionados com o titulo de *Fantazie dramatiche e liriche*. Devem-se-lhe tambem duas comedias: *Fasma* e *Il tesoro*; e poeticas canções em dialecto veneziano: *Alge della laguna*; etc.

José Napoleão, conde Ricciardi, que tanto enalteceu a litteratura da sua patria, nasceu e morreu em Napoles (1808-1885). Vivo partidario, desde muito novo, da unidade italiana, fundou, em 1832, a revista *Il progresso*, mas teve breve de sahir da Italia e, de retorno a Napoles, viu-se preso como chefe de uma conspiração republicana (1834). Ao fim de oito mezes, transferiram-no de uma prisão para uma casa de doidos. Restituido á liberdade, emigrou para Hespanha, de lá para Paris, onde publicou artigos nos jornaes, poesias italianas (1844-1848) e brochuras politicas. Em 1848 elegeram-no deputado ao parlamento napolitano e depois do golpe de Estado de 15 de maio, penetrou

na Calabria, sublevou-a e organizou um governo provisório. Forçado a retirar ante as forças do general Nunziante, conseguiu embarcar para Corfu. D'ali passou para Roma, em seguida para a Corsega e voltou para Paris. Foi em Genova que escreveu a sua *Historia da Revolução de Italia* (1850). De novo em França, internaram-no em Tours. Condemnado á morte por contumacia (1853) sequestraram-lhe os bens e encontrou-se quasi sem recursos. Datam d'esta época os seus dramas historicos: *A liga lombarda*, *As vesperas sicilianas*, *Masaniello*, *A expulsão dos austriacos de Genova*. Publicou em seguida: *O martyrologio italiano de 1792 a 1848* (1856); *Memorias autographas d'um rebelde* (1857); *A historia de Italia* (1857) e a *Historia da independencia italiana* (1859). De regresso a Italia, finda a campanha de 1859, elegeram-no deputado ao parlamento italiano, em 1861. Demittiu-se depois do caso d'Aspromonte. Deve-se-lhe ainda: *A historia de Garibaldi*, *Masaniello*, *historia da sublevação de Napoles em 1647*; *os papas e a Italia* (1862); etc.

Giuseppe Revere nasceu em Trieste em 1812 e falleceu em Roma em 1889. Estreou-se com grandes dramas historicos: *Savonarola*, *La Piagnonini*, *I arrabbiati* (1843); *Sampiero de Bastelica*; *O Marquez de Bedmar*; *Lourenço de Medicis*, este ultimo traduzido por Alexandre Dumas. Revere escreveu mais um episodio da historia italiana: *La cacciata degli Spagnuoli da Siena* (1847), poesias lyricas: *Sdegno ed affetto* (1845). *Sonetti* (1849); *Persone ed ombre* (1862); *Osiride* (1879); *Sgoccioli* (1881), de uma feição espirituosa e humoristica.

Luigi Rocca, o renovador, por assim dizer, da opera comica na Italia, nasceu em Turim em 1812. Licenciado em direito, entrou para o jornalismo, depois publicou diversos volumes de versos: *Estudos poeticos* (1838); *Poesias alegres* (1840); diferentes monographias: *O Sanctuario d'Oropa* (1839); *A igreja dos santos martyres* (1843); uma collecção de novellas: *Scenas de costumes contemporaneos* (1845). A revolução de 1848 atirou o durante um momento para a scena politica e elegeram-no deputado (1848-1849), mas breve voltou para as letras. De 1863 a 1878, publicou varias collecções de novellas, *Ultimas vigílias*, poe-

sias (1878), e fez representar algumas operas comicas: *Amôr e capricho* (1869); *Os recrutas* (1878). De 1869 a 1873, dirigiu a excellente revista *A Arte na Italia*, que fundara de collaboração com Biscarra.

Paulo Giacometti, auctor do celebre drama *Morte civil*, nasceu em Novi em 1817 e falleceu em Roma em 1882. Filho de um senador, Giacometti destinava-se á magistratura. Revezes de fortuna decidiram-no a buscar recursos no theatro. Fez representar um grande numero de peças baseadas em assumptos, geralmente, historicos: *Camões*; *Luiza Strozzi*; *A familia Foscari*; *Isabel de Fiesco*; *Carlos II Stuart*; *Elisabeth, rainha de Inglaterra*; *Torquato Tasso*; *Maria Antonieta*; *Miguel Angelo Buonaroti*, etc.

*Uma louca ambição* foi a comedia que, em 1845, deu a conhecer o valor de comediographo do conde Thomaz Gherardi Della Testa. Nasceu este auctor dramatico italiano em Tirricinola, perto de Pisa, em 1818, e morreu em Pistoia, em 1881. Depois de tomar parte na lucta contra a Austria em 1848, publicou primeiro alguns livros e tentou em seguida o theatro. A sua primeira comedia, *Uma louca ambição*, representou-se com exito em Florença. De então até morrer produziu umas vinte peças, entre as quaes são dignas de nota: *Um momento de erro*, *Uma viagem de instrucção*, *O conde e a actriz*, *O primeiro drama de um bas-bleu*, *Vingança e perdão*, *Cabeça e coração de mulher*, *Ambição e avareza*, *Prometter e cumprir*, *Amante e mãe*, *O reinado de Adelaide*, representada em 1885, em Paris; *O baile de mascaras*, *O cão da prima*.

Mariano Aureli, professor italiano, nasceu em Bolonha em 1820. Deu ao theatro: *O complacente*, comedia representada em Bolonha, em 1854; *A filha do veterano e a grande dama*, drama representado na mesma cidade e no mesmo anno; *Carlos I e Oliveiro*

*Cromwell*, drama, representado em Turim, em 1861; *Justiça e rigor*, comedia, representada em Parma, em 1865. Deve-se-lhe mais um *Diccionario do dialecto bolonhez*, publicado em Bolonha, em 1857 e um *Discurso sobre Jov. Pontanus*, publicado em Spoleta, em 1865;

Guisepe La Farina distinguiu-se não só como estadista, mas ainda como dramaturgo. Nasceu em Messina, na Sicilia, em 1815, e falleceu em Turim, em 1863. Pediu, em 1828, para compartilhar do captiveiro de seu pae, preso por causas politicas. Tornou-se, em 1837, um dos chefes da revolta siciliana, e sahiu da ilha, onde voltou em 1839. Tendo fundado varios jornaes que foram supprimidos, e ameaçado sem cessar com a prisão, foi viver para Florença, em 1841, onde publicou, entre outras obras, uma *Historia popular de Italia*, em 1846, bem como dois dramas, e fundou, em 1847, o jornal democratico o *Alba*. No momento da revolução siciliana, em 1848, regressou a Palermo, foi eleito deputado, contribuiu para a expulsão do rei de Napoles e en-

viaram-no em missão a Roma, Florença e Turim, subiu a ministro, pronunciou-se pela resitencia a todo o custo, e, quando a auctoridade real foi restabelecida, dirigiu-se para Paris, onde residiu até 1853, depois habitou em Turim, 1854, onde fundou a *Rivista encyclopedica*, depois o *Piccolo corriere d'Italia*. Patriota ardente, foi um dos fundadores da Sociedade nacional italiana.

Tomou assento no Parlamento, e fundou, em 1863, a *Revista Contemporanea*. Entre as suas obras citaremos: *Historia da revolução siciliana de 1848-1849* (1851); *Historia da Italia de 1815 a 1850* (1851-1852); *Escriptos politicos* (1870).

Termina aqui a serie dos escriptores dramaticos italianos de hontem. Falaremos depois nos de hoje.



TORQUATO TASSO EM SORRENTO  
(Quadro de Curzon)



# Sanatorio

---

*Tysicos . . . vão tão tristes e derreados . . .  
Olha aquelle casal : é do Desterro !  
Conheço-os bem : tão funebres, coitados !  
Um idyllio e dir-se-ia que é um enterro !*

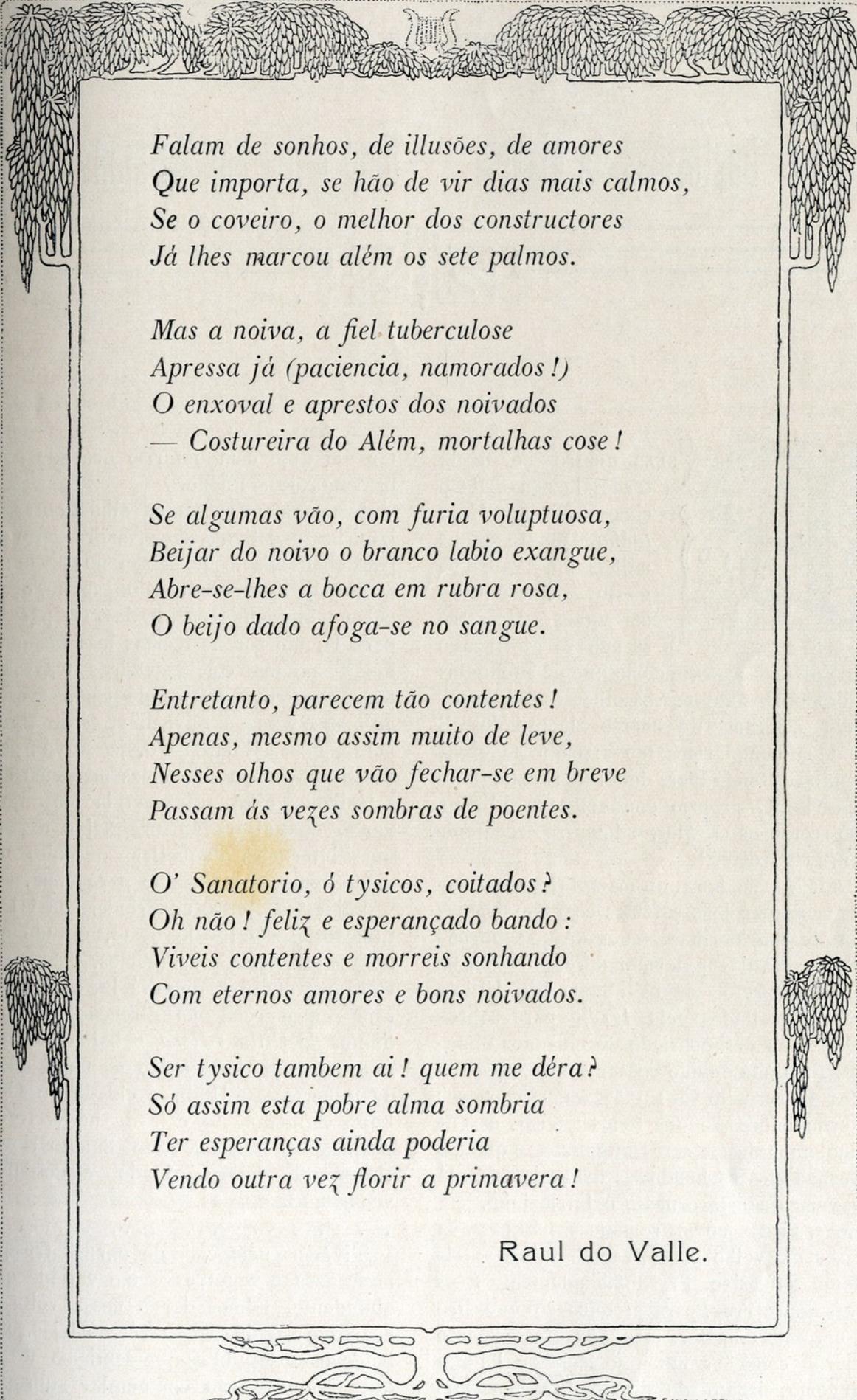
*Olham-se com esse olhar de quem muito ama  
Mal sabem elles, candidas crianças  
Que a Morte está a lhes fazer a cama  
Nas ruínas das proprias esperanças !*

*Dos tysicos o bando lutulento  
Sonhando passa, tragico e dantesco :  
Pernas tão finas . . . chega a ser grotesco !  
Dir-se-ia até que as vai levar o vento.*

*E que lindos perfis de lua nova !  
Vão de vagar (os vultos tão franzinos !)  
Para que pressa ? Hão de chegar á cova  
Com as cruzes fataes dos seus destinos.*

*Vão tristes, vão somnambulas, caladas  
Os passos morrem como nas alfombras :  
Dir-se-ia assim ao vel-as, nas estradas,  
Uma macabra procissão de sombras.*





*Falam de sonhos, de illusões, de amores  
Que importa, se hão de vir dias mais calmos,  
Se o coveiro, o melhor dos constructores  
Já lhes marcou além os sete palmos.*

*Mas a noiva, a fiel tuberculose  
Apressa já (paciencia, namorados!)  
O enxoval e aprestos dos noivados  
— Costureira do Além, mortalhas cose!*

*Se algumas vão, com furia voluptuosa,  
Beijar do noivo o branco labio exangue,  
Abre-se-lhes a bocca em rubra rosa,  
O beijo dado afoga-se no sangue.*

*Entretanto, parecem tão contentes!  
Apenas, mesmo assim muito de leve,  
Nesses olhos que vão fechar-se em breve  
Passam às vezes sombras de poentes.*

*O' Sanatorio, ó tysicsos, coitados?  
Oh não! feliz e esperançado bando:  
Viveis contentes e morreis sonhando  
Com eternos amores e bons noivados.*

*Ser tysico tambem ai! quem me dêra?  
Só assim esta pobre alma sombria  
Ter esperanças ainda poderia  
Vendo outra vez florir a primavera!*

Raul do Valle.



Mark Twain

Impressões de viagem — Uma visita aos Mormons



ELAS quatro horas da tarde alcançavamos o cimo da *Grande Montanha*, distante quinze milhas do Lago Salgado, no momento em que o Universo se achava glorificado

pelo sol no occaso, e como que de subito, eis se desdobra ante nossos olhos o mais estu-pendo panorama de cerros alcantilados. E nós a contemplarmos tão assombroso espe-taculo e tendo por docél um refulgente arco-iris! O proprio conductor da diligen-cia arretou os caválos, e ficou-se a contem-plar, embevecido!

Dali a meia hora, ou mais, talvez, substi-tuiram as parelhas e fômos cear em compa-nhia de um Mormon — um «Anjo extermi-nador». «Anjos exterminadores» conforme eu o interpreto, são os «Santos da Ultima Hora», escolhidos pela *Igreja* para sobre-intender na desappareição de cidadãos obno-xios. Eu tinha ouvido contar coisas espaven-tozas a respeito dos taes anjos mormons exterminadores, e dos feitos tetricos e san-guinolentos destes seres angelicos, e quando transpusémos os humbraes daquella casa, já levavamos á mão o nosso calafriozinho.

Mas, ai dos nossos romances, não passava de ser um velho patife, espalhafatozo, mal-falante, offensivo. Era sufficientemente faci-nora, quero crer, para preencher o cadastro de um exterminador, mas, ora digam, acaso poderão conceber um anjo, seja qual fôr a *categoria*, isento de dignidade? Poderiam tolerar um anjo de camisa suja e sem sus-pensorios? Acham-se com animo de respei-

tar um anjo com um riso orneado e umas bravatas de salteador?

Achavam-se presentes ainda outros ma-landrins — collegas do primeiro — e um su-jeito com aspecto de pessoa fina — um filho de Herber-C-Kimball, alto, esbelto, orçando pelos trinta annos. Cirandavam, para cá e para lá, um ror de femeas mal amanhadas, numa azafama, com cafeteiras, travessas de pão, e outros aprestos da ceia, esposas do *anjo*, que assim o ouvi dizer — de algumas, pelo menos. E eram-n'ò, já se vê; pois se acaso houvessem sido umas mercenarias as-salariadas, ellas aturavam lá um anjo bai-xando das alturas a praguejar e a fazer uma inferneira daquellas, e muito menos vindo como este, debaixo para cima.

Foi esta a nossa experiencia da tal «insti-tuição especial» do oeste, e tudo menos aprazivel, para que digamos. Não nos de-morámos muito a observá-la, antes accele-rámos a marcha em direcção ao lar dos *Santos da Ultima Hora*, o baluarte dos pro-fétas, a capital do unico monarca absoluto da America, — Utah, a cidade do Grande Lago Salgado. Ao caír da noite, transpu-nhamos os humbraes do Sanctuario — da Mansão do Lago Salgado, e desenfarda-vamos as bagagens.

.....  
Tivémos uma ceia de carnes fresquissi-mas, aves e vegetaes — tão variada quanto abundante. Fômos dar a nossa volta pelas ruas, em seguida, para vêr as lojas, e esta-belecimentos publicos; e sentiamo-nos como que fascinados ao contemplar subrepticia-mente a quanto individuo suppunhamos ser um Mormon.

Aquillo era para nós um país de fadas — a todos os respeitos — uma terra de encantamentos, de trasgos e duendes, de misterio e pavôr.

A curiosidade impelia-nos a indagar de cada criança com que topávamos de quantas mães dispuñhã, e se acaso as podia differençar umas das outras; e todos nós estremeciamos sempre que se abria ou fechava a porta de qualquer habitação, desvendando um vislumbre de humanas cabeças, costas e espáduas — pois a tal ponto almejávamos por obter uma visão satisfatoria de uma genuina familia mormonica, em toda a sua comprehensiva amplitude, disposta nos habituaes anneis concentricos do circulo familiar.

A breve lance, o governador do territorio apresentou-nos a outros «gentios» e entretivemos em companhia delles uma hora de sociabilidade. «Gentios» são os individuos que não pertencem á seita dos Mormons. O nosso companheiro de viagem, o Bennis, foi tratando de si, durante este lapso de tarde, e não com um exito por ahí além, aqui para nós, pois nos appareceu na sala commum do hotel, pela volta das onze horas, alegrissimo, e a falar pelos cotovêlos, sem nexo e a torto e a direito, a arrancar, de vez em quando, uma palavra esfarrapada pela raiz, e com mais soluços do que sillabas. Isto e, conjuntamente, o elle pendurar o casaco a arrastar pelo chão, na cadeira, e o collete no lado opposto da mesma, e a arrastar pelo chão, igualmente, e pôr-se depois a contemplar o resultado, como supersticioso respeito, e finalmente, declarar que «excedia a sua comprehensão» — e meter-se na cama, de botas e tudo, levou-nos a recear que haveria comido o que quer que fosse com que o estomago se lhe não dera bem.

Mas viémos depois a saber que fôra qualquer coisa que tinha bebido. Era o refresco exclusivo dos Mormons, — «O cortume do valle». «O cortume do valle», ou uma das fórmulas do sobredito, pelo menos, é uma especie de whisky, ou um primo direito d'este; é um invento mormonico e fabricado apenas em Utah. Reza a tradição que é feito (*importado*) de fogo e enxofre. Se a memoria me não falha, os estabelecimentos publicos de bebidas não eram consentidos no reino pelo pontifice Brigham Young e o uso

particular de bebidas espirituosas expressamente prohibido entre os fieis, excepto o limitarem-se ao uso do «cortume do valle».

No dia seguinte andámos a jardinar por toda a parte, através das ruas largas, direitas, apraziveis, gozando a estranheza agradavel de uma cidade com quinze mil habitantes e sem vadios perceptíveis, e com absoluta ausencia de ébrios ou de gente aruaceira; com uma limpida levada a esfervelhar e a correr a eito por todas as ruas, em vez do immundo caneiro de esgoto; quarteirão após quarteirão de casas asseadissimas, com armação de madeira e adobes cozidos ao sol — cada uma com um espaçoso pomar e jardim nas trazeiras, ao que me pareceu — ramaes das levadas das ruas a serpentear por entre os canteiros dos jardins e arvores fruteiras — e um aspecto geral de asseio, de cuidado, de aproveitamento e de conchêgo, por toda a parte. E por todos os lados, officinas, fabricas e industrias de toda a sorte; e fisionomias absortas, mãos occupadas, a cada canto que nos atrahia a vista; e a retumbar-nos aos ouvidos o constante retinir dos martêlos; o zãozão do trafego, e a zoeira alacre dos trabalhadores e das rodas dentadas.

O brazão do meu Estado nativo consistia de dois ursos dissolutos, a aguentarem, de sucia, o tampo de um casco vazio, e a emitirem a pertinente observação» *Unidos, aguentamo-nos*» — (*um soluço.*) — *Apartados, caímos*». A alegoria foi sempre por demais figurativa para o autor destas linhas. O brazão dos Mormons, comtudo, era quanto ha de mais comprehensivel. Tão simples, tão isento de ostentação, e ajustando como uma luva. Era a representação de um *cortiço de abelhas, de ouro*, com as abelhas todas a trabalhar! A cidade é situada á beira de uma planicie nivelada, com a largura do Estado de Connecticut, agachada por detrás de um muro curvo de montanhas alcantiladas, cujas cumeadas se somem nas nuvens, e cujas espaldas aguentam reliquias das neves invernosas, durante todo o verão. Observado de uma destas entontecedouras alturas, a distancia de doze ou quinze milhas, a cidade do Grande Lago Salgado atenua-se e deminue, ao ponto de sugerir uma aldeinha para brinquedo infantil, repoisando á sombra da protecção majestatica da muralha da China.

Em mais de uma das aludidas montanhas,

para sudoeste, tinha chovido durante duas semanas, mas nem pinga de agua caíra na cidade. E em dias quentes, nos fins da primavera, e principios do outono, podiam cessar de abanar-se e resmungar, e sair para a rua, a refrescarem-se, contemplando o luxo de uma gloriosa tempestade de neve, na montanha. Podiam gozá-la de longe, nas ditas estações, todos os dias, supposto que nas suas ruas, ou nas proximidades, nem um carambano de neve caía, sequer.

A cidade do Lago Salgado era sadia — sadia, o mais possivel. Asseveraram-me não haver ali mais do que um medico, e que era preso todas as semanas, regularmente, e chamado a responder, em conformidade com o edital respectivo á vadiagem por não dispôr «de meios visiveis de subsistencia». (Lá no Lago Salgado dão nos sempre doses substanciaes de verdade, e com bom peso e boa medida, de mais a mais. A's vezes, até, se quisessemos tomar o peso a uma das suas mais insignificantes e comesinhas asserções, teriamos que lançar mão de uma balança grande de bacalhoeiro.)

Desejámos visitar o famoso mar interior, o «Mar Morto» americano, o grande Lago Salgado — dezeseite milhas, a caválo, da cidade, — pois tinhamos sonhado com elle, falado a seu respeito e almejado por contemplá-lo, durante toda a excursão; agora, comtudo, que estava, por assim dizer, ao alcance da mão, havia perdido de subito grande parte do interesse. E assim, pois, adiámos a coisa, por consenso geral, para o dia seguinte — e nunca mais pensámos em semelhante maravilha.

Só nos demorámos na *Cidade Santa* dois dias, e portanto, não tivemos tempo de proceder ás habituaes investigações ácerca da polygamia e chamar a atenção do país para semelhante iniquidade. — Succedeu, comtudo, vermos umas mulheres mormons, e o espectaculo abrandou-nos o coração. Tomei-me de comiserção para com aquellas tão pouco atrahentes e tão patheticamente feias creaturas, voltei-me para o lado, afim de encobrir as lagrimas a assomarem-me aos olhos, e disse commigo: «Não, o homem que casa com qualquer dellas, pratica um acto de caridade christan que lhe dá direito ao applauso e á simpatia da humanidade e não a asperas censuras — e o homem que dá a mão de esposo a sessenta, fez uma ac-

ção de tão sublime generosidade, que as nações em péso deviam saudá-lo de cabeça descoberta e adorá-lo, em silencio!

Se haverá coisa interessante é o ouvir estes gentios discretear ácerca da polygamia; e de como um macacão velho e respeitavel destes anciãos, um bispo, por exemplo, casa com uma rapariga — gosta della, casa com a mãe — gosta della, casa com o pae, com o avô, e depois, tomando gosto ao fadario, pede mais. E de como a garota de onze annos calhará ser a valida, e a propria veneranda avó da mesma terá de descer uns furos até 0-4, na estima do marido, e de ir dormir para a cozinha, que é o que têm mais certo. E de como este abominoso estado de coisas, este arrebanhar nefando no mesmo ninho iniquo de mãe e filhas, e o guindar uma filha de tenra idade a um grau superior ao da propria mãe, em categoria e autoridade, são coisas a que se submete a mulher mormon, visto que a sua religião lhe ensina que, de quantas mais mulheres dispõe um homem, sobre a terra, e quantos mais filhos gera, mais alto virá a ser o logar que lhe caberá no mundo porvindoiro — e o mais *quente*, supposto elles, a esse respeito, nem pio...

Segundo estes nossos amigos gentios, o harem de Brigham Young encerra vinte ou trinta mulheres. Dizem elles que algumas têm envelhecido e se acham fóra do serviço activo, mas que são commodamente alojadas e bem tratadas, no galinheiro — ou a *Mansão do Leão*, nome estrambotico que lhe dão por aqui. Junto de cada esposa viviam os filhos — uns cincoenta, mais cabeça menos cabeça. A casa era socegadissima e um modelo de ordem, quando as crianças estavam quietas. Comiam em commum, e era um gosto vê-las, ao que diziam.

Do nosso rancho a ninguem coube a dita de jantar com mister Young; um gentio, porém, de appellido de Johnson, afirmava ter disfrutado um almoço, em delicioso convivio, na Mansão do Leão. Fez-nos um divertidissimo relatorio da — «chamada por lista» — e outros preliminares, e da carnagem que se seguia á distribuição dos pãesinhos alvos. Disse-nos que mister Young lhe contara varios ditos engraçados dos seus «né-nés de dois annos», observando-lhe que, havia dois annos, era, até, o mais assiduo contribuinte, neste sentido, para os magazi-

nes da região occidental; e em seguida, tentava mostrar a mister Johnson o fedêlho autor da gracinha, mas que não fôra capaz de o diferenciar. Por mais que estudasse as caritas dos indêzes, não se atrevia a decidir qual delles fôra o autôr. Até que por fim desistiu e disse, suspirando: «E eu, a sup-pôr que conheceria o diabrete, mas isso, sim!

Disse-nos mais mister Johnson que mister Young lhe observara que esta vida era uma triste coisa; — «visto como a alegria de cada nova nupcia, contrahida pelo individuo, estava sempre em risco de ser amargurada pelo funeral inoportuno de uma noiva menos recente.» E mister Johnson afirmou que, emquanto elle e mister Young estavam em palestra intima e amena, appareceu uma das esposas e pediu um alfinete de peito, declarando que soubera que elle tinha dado um ao n.º 6, e que ella, da sua parte, não estava resolvida a supportar semelhantes parcialidades, sem fazer das suas. Mister Young observou-lhe que se achava presente um forasteiro. Mistress Young contraveiu que, se ao forasteiro não agradava o estado de coisas de portas a dentro tinha lugar de sobra fôra das mesmas. Mister Young prometeu o alfinete de peito e retirou-se a dama. Mas, volvido um minuto, ou dois, eis que assôma outra mistress Young e pede um alfinete de peito. Mister Young encetou uma observação, mistress Young, porém, atalhou-lhe a palavra. Declarou que o n.º 6 tinha apanhado o mimo, e que outro fôra prometido ao n.º 11, e que «escusava de lhe estar a querer meter os dedos pelos olhos — pois sabia os respectivos direitos, na ponta da lingua » Elle, prometeu, e ella ahí vae.

Acto continuo, entram de gangão três mistresses Youngs e flagelam o esposo com um temporal de lagrimas, invectivas, e rogos. Estavam scientes do caso que se dera com os n.ºs 6, 11 e 14. Fôram prometidos mais três alfinêtes de peito.

Ainda não tinham voltado costas eis que desfilam mais nove mistresses Youngs, na presença do rei dos Santos, e rebenta nova borrasca, envolvendo o proféta e o seu hospede.

Promessa de mais nove alfinetes de peito, e o bruxêdo a desfilar pela porta fôra. E lá vem mais onze, num chôro de estrugir

tudo e a rangerem os dentes. A promessa de mais onze alfinetes de peito comprou a paz, por mais uma vez.

— E aqui tem uma amostra, carpiu mister Young. Um homem nem sempre *pode ter juizo*. Num momento de irreflexão dei á minha querida n.º 6 — desculpe o eu chamar-lhe assim, mas varreu-se-me o nome, momentaneamente — um alfinete de peito. Valia apenas vinte e cinco dollars — isto é, era está o custo, *apparentemente* — mas, apuradas as contas, não se ficava por ahí; era factó inevitavel. O senhor mesmo viu-o galgar a seiscentos e cincoenta dollars — e, ai de mim! ainda não pára aqui! Pois tenho esposas por todo este territorio de Utah. Tenho-as ás duzias, e cujos *numeros*, até, eu ignoro e tenho que ir verificar á Biblia familiar. Estão dispersas vastamente por esses montes e valles do meu reino. E attente bem nisto que lhe digo: cada uma de per si hade ouvir o caso deste mofino alfinete de peito, e, da primeira á ultima, hão de ter um, á viva força, ou morrer.

«O alfinete de peito virá a custar-me dois mil quinhentos e cincoenta dollars, e Deus permita que fique por aqui.

«E as creaturas não deixarão de comparar os alfinetes, e se um fôr um nadinha inferior ao outro, atiram-me com elle á cara, e tenho que encommendar novo sortimento, para conseguir paz na familia. O senhor é provavel não ter dado por isso, mas saiba que, emquanto estava assistindo á refeição da minha pequenada, cada movimento que fazia era objecto de estricta vigilancia, por parte dos meus serviçaes dedicados. Tivesse-se o senhor lembrado de offerecer qualquer mimo a um dos fedêlhos, um pedaço de assucar-candi, por exemplo, teria sido arrancado á força pela porta fora, comtanto que isso se pudesse effectuar antes de ter largado a dadiva da mão. Aliás, ver-se-ia na necessidade de offerecer mimo identico a cada pequerrucho, — e eu, sabendo por experiencia a importancia do caso, era o primeiro a atentar em que o fizesse, e que o fizesse a valer. Certo dia, um sujeito deu a um delles um apito de lata — vero invento de Satanás, cavalheiro, e a que eu voto indizível horror, e o senhor tambem, se acaso ajuntasse oitenta ou noventa filhos debaixo do seu teto.

«Mas consumou-se o acto — e o homem...

escapou. E eu a saber qual era o resultado, e sequioso de vingança.

«Mandeí saír a campo um rebanho de Anjos exterminadores e acoessaram o sujeito por quanto esconderijo abrigam as cordilheiras do territorio de Nevada. Mas não lhe puderam deitar as unhas.

«Não sou vingativo — salvo em caso de ultraje — mas apanhasse-o eu, e o Santo José Smith me valha, fechava-o á chave com a pequenada, até deram cabo delle, a poder de assobios! Pelo martirizado corpo de S. Parley Pratt (que Deus tenha em gloria!) nunca este mundo viu coisa assim! Eu a saber quem era que tinha dado o apito ao pequeno, mas não fui capaz de convencer as ciósas mães. Acreditaram que tinha sido eu, e o resultado foi justamente o que qualquer homem reflectido poderá prever: tive que encommendar cento e dez apitos — tenho ideia de que, naquella occasião havia umas cento e dez crianças, cá em casa; que, actualmente, algumas estão no collegio — tive que encommendar cento e dez dos taes instrumentos estrugidores, e assim Deus me ajude, como é verdade nós termos de falar pelos dedos, emquanto aquella miuçalha se não cançou dos assobios. E se outro qualquer individuo se lembrar de dar um apito a um filho meu, e eu conseguir deitar-lhe as unhas, penduro-o numa forca, mais alta do que aquella em que penduraram Haman!

«O senhor sabe lá o que vem a ser este viver matrimonial! Sou rico, e ninguem o ignora, benevolo, e toda a gente disso tira partido. Sou dotado de um forte instincto paternal, e atiram-me para o regaço quanto enjeitado nasce por ahi. Cada sujeita que pretende assegurar a sorte do seu mais que tudo, dá tratos ao miólo para espremer um qualquer plano, afim de m'o lançar nos braços. Pois não quer ouvir?

«Um bello dia, apparece-me aqui uma mulher com um pequerrucho de uma côr de pelle, curiosissima, falta de vida, (e o mesmo se notava na mulher) a jurar que o filho era meu e ella, minha esposa, — que a tinha desposado, nesta ou naquella data, e nesta ou naquella localidade, mas que a ella lhe havia esquecido o numero, e eu, já se vê, não me recordava do nome da creatura. Pois bem, chamou-me a atenção para o facto de o indéz se parecer commigo, e,

realmente, não deixava de haver uma tal ou qual semelhança — coisa vulgar cá pelo territorio — e para encurtar razões, admiti-o no annexo das amas — e a mulher, abalou. E valha-me o espectro de San Orson Hyde, assim que lavaram o pequeno, foi-se-lhe a pintura, e era indio! O senhor está a ler cá n'esta obra do viver matrimonial, assim Deus me ajude! E' o proprio viver de cão! Economias, nem pensar nisso! Tenho-me esforçado por conservar uns atavios de noivado, para toda e qualquer occasião. Mas isso, sim! Primeiramente, dá-se a mão de esposo a uma combinação de paninho e tisica, magra como um carril de via ferrea, e logo a seguir leva-se ao altar uma creatura que é apenas uma hydropisia disfarçada, e lá tem uma pessoa que acrescentar o vestido de noivado com um balão fóra de usc. E assim por diante. E o rol da lavadeira! — (desculpe estas lagrimas) — novecentas e oitenta e quatro peças, por semana. E dahi, a verba dos berços — ora calcule! E os vermifugos? E os xaropes, os tonicos! E as argolas de osso, no acto da dentição! E os relogios do «papá», para o menino brincar! E objectos para arranharem a mobilia! A verba vidros, só por si, chegava para sustentar a sua familia, acho eu. Creia que, por mais que eu poupe, e me arrepelle, vejo-me grego para acudir ás despesas. Então, que quer? Numa época em que eu ajuntei nesta casa setenta e duas esposas, gemi sob a pressão de conservar milhares de milhares de dollars captivos de setenta e duas camas e pertences, quando o dinheiro devia de estar collocado e a vencer juros; até que por fim, vendi o sortimento em globo, com sacrificio, e mandei fazer uma cama com sete pés de comprido e noventa e seis de largura. Mas foi estenderete, meu caro senhor. Não *podia* dormir. A parecer-me sempre que as setenta e nove esposas resonavam todas ao mesmo tempo.

«Uma ronqueira de ensurdecer!

«E o perigo, de mais a mais!

«Era isso que me dava cuidado.

«Todas, a um tempo, a tomarem fôlego, a ponto, que até se viam as quatro paredes a encolher, — e depois, exhalavam todas a respiração, á uma, e as paredes a dilatarem-se, e eu a ouvir as traves a estalar, e o taboado a ranger! Siga o conselho de um velho, meu caro amigo, não atravanque a

sua vida com uma familia numerosa, — acredite, — não cáia em semelhante asneira. No seio de uma familia reduzida — ahi, e só ahi, virá a encontrar aquella paz de espirito e aquelle conchego, que afinal são as maiores bemaventuranças que o mundo nos pode proporcionar, e cuja falta não ha accumulção de riqueza, fama adquirida, poder, grandeza que no-la possam compensar.

«Vá com o que lhe digo — dez ou doze

esposas, e nem de tantas precisa, — nunca exceda este numero.»

Não sei porquê, o instincto segredava-me que nem por isso me podia fiar muito na palavra daquelle patusco do Johnson. E não obstante, era um sujeito que entretinha immensamente, e duvido de que grande parte das informações que nos deu pudessem obter-se de outra fonte. Estabelecia aprazivel contraste com os taes Mormons, tão pouco communicativos.

*Vertido do inglés por MANUEL DE MACEDO.*



## Soneto

(D'Arvers)

Guardo em minh'alma o culto e em meu peito o segredo,  
Da luz d'um grande amor, nascido n'um momento;  
Amor, sem uma esp'rança e no qual penso a medo,  
Sem ninguem suspeitar a dôr do meu tormento.

Ô orvalho do meu pranto, ardente, sem lamento,  
A seus pés vae cahir, sem que Ella saiba o tredo  
Inferno d'este Amor que só confio ao vento  
E que a brisa cicia e canta no arvoredô.

Jnda que Deus a fez um anjo de ternura  
Jámais suspeitará o nome que murmura  
Ô sopro que me anima e que me faz viver.

E austera no dever, que cumpre com fervor  
Ao lêr este soneto, um gemido de amor:  
«Quem é esta mulher?» dirá sem comprehender.

# Astronomia das Senhoras

## A contemplação do Céu

### I

Na hora suave e triste do crepusculo, quando a Natureza parece adormecer silenciosamente, quando as sombras se elevam da Terra e parecem vir tomar posse do Céu inteiro, quando o canto do grillo se segue ao cantar das cêifeiras, é nessa ocasião que se deve contemplar o Céu e é, por ahi, que se deve começar o estudo elementar e ameno da Astronomia. Precisamos primeiro de admirar o Universo em todo o seu admiravel e magnifico conjuncto, para que possamos comprehender as grandezas, segundo as quaes elle é construido.

Logo, pouco depois do occaso do Sol, que desapareceu, lá ao longe, mergulhando nas aguas turvas do Oceano o seu facho incandescente, começam a apparecer-nos os astros mais brilhantes que guarnecem as immensidades celestes. Em algumas épochas do anno, mesmo por cima do logar onde o Sol desapareceu, vindo então a noute lançar por sobre o hemispherio o seu denso manto de trevas, apparece um astro muito brilhante, lançando raios claros nas alturas do Céu: é o planeta Venus, nosso irmão mais novo, um dos muitos filhos do Sol; é a Estrella do Pastor; é a estrella da tarde; é Vesper. Depois, a pouco e pouco, começam apparecendo os outros astros. Apparece a Vega da Lyra, a Altaír da Aguia, e, passadas algumas horas, toda a abobada celesté está semeada com esses pequenos pontos luminosos, outros tantos soes analogos ao nosso, alguns maiores, outros mais pequenos. Na sua luz palpitante e scintillante, percebe-se-lhes vida e muitas d'essas estrellas são confidentes dos nossos sonhos puros da juventude e, muitas vezes tambem, nossas boas conselheiras.

Sim! é exactamente numa occasião como essa, quando toda a Natureza parece dormir silenciosamente em torno de nós, que as almas sonhadoras, poeticas e apaixonadas estão mais propensas para a meditação. E' nessa hora que a alma de uma pessoa que sente, a *alma uraniana*, como muito bem lhe chama o meu insigne mestre, o sr. Camillo Flammarion, se vê evolada nas azas da imaginação e do pensamento e percorre todos os espaços inter-estrellares, esquecendo, por momentos, o nosso pequeno e minusculo globo, que nós imaginamos ser tudo, juntamente com todas as suas miserias e com todos os seus orgulhos humanos. E' nessa hora que a alma do poeta se sente mais inspirada para as suas composições e canta em versos de ouro as grandezas e maravilhas da Creação, como o nosso compatriota Soares de Passos na sua poesia intitulada *O Firmamento*. E' nessa hora que a alma do philosopho pergunta a si mesma o que serão esses milhares de corpos suspensos sobre a sua cabeça e procura resolver o problema da Pluralidade dos Mundos. E' nessa hora que a alma de uma donzella apaixonada se sente mais feliz, porque a propria Natureza, com o seu mutismo eloquente, parece respeitar esse amor sincero, que brota em um peito ainda virgem e que transporta uma pessoa até aos paraizos do gôzo e da ventura!

A ti, ó hora silenciosa; a ti, ó dóce e sublime Natureza, que nos emballas como a um sonho; a ti, ó Terra, que nos abrigas no teu seio e caminhas nos Espaços, *coberta de perfumes e harmonias*; a ti, ó Lua, que pairas no Céu, qual facho gigantesco, e recebes as juras e protestos de um amor eterno; a ti, ó Sol, que nos illuminas e aqueces

com os teus raios, dando-nos vida e calor; a vós todos, ó Astros, que povoaes a Immensidade, eu vos saúdo, vendo em vós a prova evidente de um Deus Creador, que sentimos mas não podemos comprehender!

II

A Astronomia é a mais antiga das sciencias; os seus primeiros cultores fôram os pastores do Hymalaya. Quasi toda a gente applica a astronomia sem o saber, porque é ella que rege todos os actos da nossa vida, desde os mais insignificantes até áquelles que parecem ter uma grande influencia no nosso futuro. Foi do Sol que nasceu o anno; foi da Lua que nasceram os mezes e as semanas; foi do Sol, da Lua, de Marte, de Mercurio, de Jupiter, de Venus e de Saturno que nasceram os nomes dos dias da semana, vestigio que já não existe na nossa lingua mas que ainda se conserva na lingua franceza. A figura 1 mostra-nos a origem astronomica dos dias da semana. Para isso, marcamos no circulo da figura uma estrella de 7 pontas

e, em cada uma de ellas, escrevemos o nome de cada um dos astros conhecidos dos antigos; esses astros, pela ordem das suas distancias á Terra, eram os seguintes: Lua, Mercurio, Venus, Sol, Marte, Jupiter e Saturno. Ora, o primeiro dia da semana é Domingo; era o dia do Sol, como ainda se vê na lingua inglêsa (*Sunday*); partindo do Sol, seguindo a direcção indicada pela setta, segue-se pela recta que vae terminar na Lua (*Lundi*, segunda feira); de ahi, exactamente da mesma maneira, encontra-se Marte (*Mardi*, terça feira); etc. Tal é a origem dos nomes dos dias da semana. O nome de Domingo foi dado ao dia do Sol pelo christianismo, que o mudou para *dies dominica* (dia do senhor); o nome de Sabbado foi dado pelos judeus ao dia de Saturno e vem de *Sabbaidi*. Quando perguntamos as horas a alguem, applicamos a astronomia,

porque as horas proveem do movimento de rotaçào da Terra em torno do seu eixo. Quando nos queremos guiar de noute por um caminho só e deshabitado, procuramos orientar-nos por meio da Estrella Polar e só a astronomia será capaz de nos ensinar a reconhecê-la no meio de tantas outras. Se queremos fazer uma viagem por mar, temos que nos servir da astronomia, pois precisamos tomar a altura do Sol acima do horizonte para marcar a latitude. Se queremos saber quando é a maré cheia, temos que procurar a influencia da Lua, pois que é, devido a ella, que existem as marés, como explicaremos mais adiante. Numa palavra, a astronomia é tudo.

E', pois, preciso que, desde a mais tenra edade, se vão ensinando ás creanças, as cousas fundamentaes de essa sciencia. Muita gente pensará, sem duvida, que estudar astronomia é uma cousa muito difficil e muito complicada. Concordo que seja difficil e complicado estudar as razões dos factos; mas acho que estudar os factos não é nada trabalhoso. Parece-me que não custa saber de cór os nomes das vinte estrellas mais brilhantes

de todo o Céu; ver e aprender a reconhecer as constellações; procurar descobrir qual o caminho que o Sol parece percorrer no Espaço em virtude do movimento annual da Terra em torno de elle; reconhecer assim essas doze constellações, sendo uma para cada mez do anno; procurar descobrir a razão dos differentes aspectos que a Lua nos apresenta; examinar a pallida figura do nosso satellite, mesmo com um oculo de pequeno alcance, nas proximidades do Quarto-Crescente, e admirar os córtes estranhos produzidos pelo Sol nos bordos da Lua; procurar saber a razão dos eclipses e aproveitar sempre essa occasião para se fazer perceber á creança os movimentos celestes dos tres astros: Sol, Terra e Lua; vêr com um pequeno oculo as phases de Venus, as manchas do Sol, os satellites de Jupiter, os anneis de Saturno. E muitas cousas mais

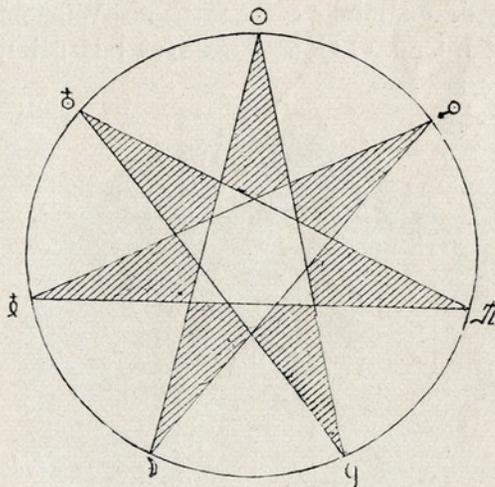


FIG 1—ORIGEM ASTRONOMICADA DOS DIAS DA SEMANA

que se poderiam ensinar ás creanças, em lugar de se lhes estar a encher o cerebro de falsidades e mentiras das quaes, mais tarde, terão grande trabalho em se desembaraçarem. Numa palavra, estudar astronomia praticamente é, sem duvida, das cousas mais bellas; posto que nada seja mais arduo e mais sério do que a estudar mathematicamente. Pódem as minhas gentis leitoras estar certas de que, passando uma hora a contemplar o Céu, nunca mais quererão de lá sahir e procurarão sempre occasião de dirigir para lá, mesmo um pequeno óculo astronomico.

### III

Mas, primeiramente, antes de examinar o Céu, é preciso saber o que é o Céu. O Céu é tudo o que existe. A Terra está no Céu, como o Sol, como a Lua, como todos os astros. Antigamente, quando se não sabia nada, nem a respeito do Céu nem a respeito da Terra, varias theorias se formaram sobre a posição e fórma do nosso globo. Uns imaginavam que a Terra era ôca e podia assim fluctuar sobre os abysmos dos ares, como os navios pairam no mar. Essas theorias todas eram fundadas nas apparencias, porque, como vêmos o Sol, a Lua, todas as estrellas e todos os planetas, levantarem-se no Oriente, subir pela abobada celeste, chegar ao ponto mais alto do seu caminho, começar a descer para o Occidente, imaginavamos, antigamente, antes das conquistas da Astronomia, que a Terra estava parada e que os outros corpos giravam em torno de ella. Este systema era o systema de Ptolomeu. Imaginavam os antigos que os astros estavam collocados sobre varias esferas concentricas de crystal e que essas esferas deslisavam umas sobre as outras. Puzeram cada astro debaixo da acção de uma divindade e, como perceberam que os planetas andavam mais devagar quando estavam mais longe do Sol, diziam que, nessas occasiões,

*andavam mais devagar porque não viam o caminho!* Esta theoria, como, aliás, acontece com todas, tinha inimigos e tinha partidarios. Os seus inimigos diziam que essa theoria era falsa porque, para as esferas deslisarem umas sobre as outras, deviam produzir um certo ruido e esse ruido não se ouvia; os seus partidarios diziam que esse ruido existia realmente mas não o ouviamos porque estavamos acostumados a elle desde que nascemos.

Foi Copernico, em 1543, quem mostrou á humanidade a verdadeira posição da Terra no Espaço (fig. 2) e, mais tarde, dois homens concluíram a sua obra: esses dois homens foram Kepler e Newton. Kepler, illustre astronomico allemão, que nasceu em Magdstatt, no Württemberg, em 1571, descobriu as tres leis relativas ao movimento dos planetas em torno do Sol;



FIG. 2—A TERRA NO ESPAÇO

Newton, astronomico e mathematico inglez, nascido em 1642, fundando-se nessas leis, descobriu a mais grandiosa lei de que o espirito humano se póde vangloriar: essa lei é a *lei da attracção universal*, que diz respeito a todos os astros e, graças á qual, se descobriu o companheiro de Sirius, a estrella mais brilhante de todo o Céu, e pela qual o astronomico Leverrier, antigo director do Observatorio de Paris,

descobriu o longinquo planeta Neptuno, sómente á ponta da penna, fundando-se nessa lei. Apesar de ter o Observatorio todo á sua disposição, Leverrier nunca quiz vêr o seu planeta, cuja posição elle annunciou no dia 31 de agosto de 1846 e, no dia 23 de setembro do mesmo anno, o astronomico allemão Galle, do Observatorio de Berlim, dirigiu um oculo para esse ponto do Céu e descobriu lá o anunciado planeta; era a confirmação mais cabal que se poderia ter feito da lei de Newton!

A Terra é, como Mercurio, Venus, Marte, Jupiter, Saturno, Urano e Neptuno, um dos filhos do Sol e caminha em torno de elle, com uma velocidade média de 107:000 kilometros por hora, ao longo de uma linha

traçada á distancia média de 148 milhões de kilometros, para percorrer a qual gasta 365 dias, 6 horas, 9 minutos e 11 segundos. E' essa propria velocidade de 30 kilometros por cada segundo que a sustém no Espaço e a impede de cahir no Sol, tal como uma pedra que gira dentro de uma funda.

Além de este movimento em torno do Sol, a Terra ainda tem um movimento de rotação em torno do seu eixo, movimento que dá como resultado a successão dos dias e das noites, facto que nos impressiona desde a nossa infancia, e que só se pôde effectuar, dado o caso de a Terra estar isolada. O Infinito rodeia-a por toda a parte. As estrellas pairam sempre no Céu e, se não as vemos de dia, é isso devido á nossa atmospheria. Comtudo, com instrumentos apropriados, pôde-se vêr a passagem de varias estrellas mais brilhantes. Hoje não podemos duvidar, de maneira nenhuma, da esphericidade da Terra, pois que as viagens de circumnavegação, feitas em todos os sentidos, provam essa esphericidade ainda aos mais incrédulos e que se não queiram dar ao trabalho de raciocinar um bocado.

E', devido a essa esphericidade, que ha a successão de dias e de noites, pois que o Sol só pôde illuminar a metade da Terra voltada para elle. Emquanto nós nos extasiámos perante o grandioso espectáculo da Natureza inteira e admiramos essas estrellas que povóam a Immensidade, outros povos, situados do outro lado da Terra, teem dia e o Sol allumia-lhes, aquece-lhes e vivifica-lhes as regiões. A figura 2, como já dissémos, reprenta a Terra no Espaço.

O nosso Sol é uma estrella como as outras e, visto de longe, de um dos planetas de qualquer outra estrella, tem o mesmo aspecto que esses pontos brilhantes, que embelezam as nossas noites da Terra. Todavia, a essa distancia, já a nossa morada não existe, nem nenhum dos seus irmãos, que constituem a grande familia solar, pois todos os planetas estão confundidos com o Sol pela perspectiva das distancias. E talvez mesmo que os habitantes do planeta Neptuno, caso os haja, ignorem a nossa existencia.

E', pois, um ponto assente e do qual é necessario que nunca nos esqueçamos: a Terra está livre, o Sol é uma estrella e a

Terra é semelhante a todos os outros planetas que, como ella, vogam á roda do Sol como a borboleta voeja á roda do candieiro.

#### IV

Ha-de haver uns poucos de mezes, estava eu sentado na janella do meu gabinete, vendo a Lua a caminhar impavida e silenciosa pelo Firmamento, quando me senti dominado por uma especie de somnolencia, emquanto fitava a pallida figura do satellite da Terra, a Lua, que tem sido, desde tempos immemoriaes, a celeste e discreta confidente de tantos sonhos de amor eterno, mas que, afinal de contas, é bem ephemero. Tudo era silencio e paz em torno a mim.

As estrellas brilhavam num Céu claro, limpo de nuvens; a Lua descia por traz de um monte e, a pouco e pouco, um denso manto de trevas ia-se espalhando por sobre toda a Natureza. O unico ruido, que se ouvia no meu gabinete, era o *tic-tac* cadenciado e monotono do meu pequeno relógio, que ia marcando os segundos da vida e que, implacavel, me mostrava que tudo passa á superficie da Terra e que de nada servem as illusões que architectamos na nossa imaginação infantil. Emquanto eu assim pensava, a Lua tinha desaparecido e a abobada estrelada desenrollou-se, por sobre a minha cabeça, em todo o seu esplendor. Esses pontos vivos, palpitanes, a cuja luz e calor vivem muitos astros, analogos á Terra, mostravam bem a existencia de um Deus Creador, que rege immaterialmente os destinos do Universo. A minha vista dirigiu-se para a bella estrella Vega, da constellação da Lyra, que nós vemos brilhar perto da constellação de Hercules, para onde o nosso Sol nos arrasta no seu movimento proprio atravez dos Espaços. Essa estrella, que brilhava mesmo sobre a minha cabeça, com uma luz branca e brilhante, parecia convidar-me á meditação e a pensar nas grandezas e maravilhas do Universo, esse campo infinito onde existem as Estrellas, os Planetas e os Cometas. A pouco e pouco, deixei-me ir adormecendo e, passados instantes, dormia profundamente.

Emquanto dormia, emprehendi uma das mais bellas viagens que se pôdem imaginar.

Guiada pela mão de Urania, a musa da Astronomia, a minha alma voava e parecia dirigir-se para um dos planetas da branca estrella Vega, que brilhava mesmo sobre a minha cabeça. A escuridão, o silencio e a paz rodeavam-me por toda a parte. Só existe luz nas proximidades dos soes; só existe ruído nas proximidades dos mundos: as trevas e o silencio são o estado normal do Universo. Parei num de esses planetas e a minha vista procurou distinguir, entre tantas estrellas, o nosso Sol; custou-me a descobri-lo, como uma minuscula estrella, brilhando

nos confins da noute universal. Foi só então que eu percebi que não sômos *nada*, perante a Creação, inteira, e que, se o nosso Sol e os seus filhos não existissem, a vida continuaria a circular nos outros planetas, que servem de cortejo ás innumeradas estrellas, que povôam a Immensidade.

NOTA. — Na fig. 1 (origem astronomica dos dias da semana), a ordem, pela qual estão collocados os differentes astros, é, a partir da ponta superior da figura, a seguinte, vendo da esquerda para a direita no sentido do movimento dos ponteiros de um relógio: *Sol, Marte, Jupiter, Saturno, Lua, Mercurio e Venus.*

AFFONSO DE CASTILHO

Da Sociedade Astronomica de França.



## Bicho da Terra

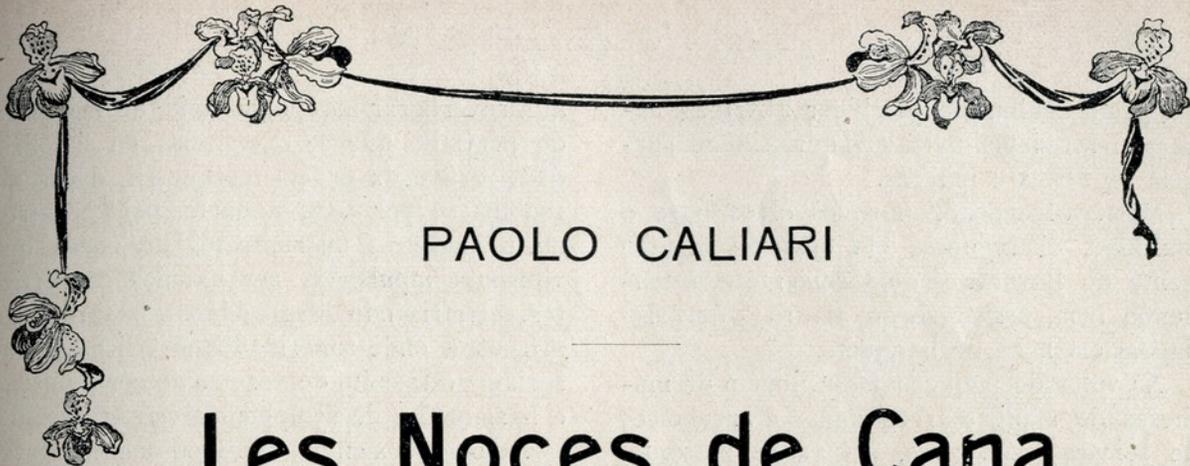
Oh! vil bicho da Terra, e ignara gente!  
 Sim, o tal bicho da Terra, tão pequeno,  
 De que falla o poeta almo e sereno,  
 A quem sempre me humilde reverente.

Oh! sim, ó bella alma, e ingente,  
 Sollerte ideia, tu, em verso ameno,  
 Nos deste então, bem clara, do veneno  
 Da grandeza e mesquinhez da nossa mente.

A alma quer sonhar, quer elevar-se,  
 Quer libertar-se emfim d'este tormento,  
 De nunca á Alma amada approximar-se;

Já quasi tem da gloria o sentimento,  
 Já quasi ao Céu se sente emfim alar-se...  
 Mas nunca ahi se attem, mais que um momento!

Alexandre Fontes.



PAOLO CALIARI

## Les Noces de Cana



PAOLO Caliari, natural de Veróna, é um dos mais grandiosos artistas do século XVI.

Tendo abraçado no seu conjunto as artes plasticas, á semelhança de Miguel Angelo, como pintor soube espelhar nas suas telas os encantos d'essa Venêza que outr'ora se reclinava voluptuosa á beira do Adriatico, remirando-se na sua opulencia de rainha. . .

Artista de genio, em plenidão de vigôr e saude, sentindo exultar em si a alegria orgiastica da vida, não transmittiu as suas obras o mais leve sópro, sequer, de abstracção ou mysticismo. Parece ter desconhecido o silencio e o recolhimento meditativo.

Assumptos religiosos, trechos de padecimento, renuncia ou morte — convertiam-se em apotheoses da naturêza sob o condão da palêta magnificente. Personagens pálidos e sombrios da lenda transfiguravam-se em Titans gloriosos no attrahente convivio de vestaes, e, ao mesmo tempo, formas pujantes de athleta ou heroe substituiam-se á macilencia de penitente ou martyr.

A sua prodigiosa imaginação vestia com esplendidéz a realidade indifferente das coisas, desfigurando, por vezes, bizarramente a presumida verdade historica ou a vária tradição. Assim, a 18 de julho de 1573 recebia a censura do Santo Officio pelo facto de apresentar em casa de Levi, no quadro da Igreja de San Giovanni e Paolo de Venêza, bôbos, cães e, em rebrilhante metachronismo, alabardeiros de Carlos VI! (A proposito, seria deveras interessante considerar a feição do espirito religiôso d'essa epocha, quando a arte italiana, ainda mesmo ao de-

corar monumentos christãos, era uma resurreição triumphal de paganismo. . .).

No numero das composições mais afamadas de Paolo, denominado o Veronêz, inscreve-se o quadro executado expressamente para o convento de Santa Maria Major de Venêza (possuindo as avultadas proporções de 10 metros de comprimento e 6<sup>m</sup>,66 de altura) e que o Louvre expõe desde 1815 como valioso despojo da conquista de Italia — *Les Noces de Cana*.

A vista deslumbra-se, para em seguida percorrê-lo n'uma anciedade inquietante.

De primeiro, divisa-se amplo terraço ladeado por esbeltas columnas no gosto rendilhado de Corintho, onde multidão inconstante e heterogenea exhibe ao sol os trajas diversos e no meio dos quaes fragmentos de côres garridas deixam no ar a vibração intensa de nota estrídula. E logo, atravessando este recinto, o olhar se espraia na contemplação de vasto panorama.

Na serenidade azul do céu perpassam, em lenta transfiguração, nuvens esbranquiçadas. Além, campanario esguio eleva as ogivas arqueadas, e de em redor pombos de Venêza revolteiam na jucundidade d'ambiente luminoso. Em linha, palacios de doges perfilam as fachadas ostentosas, desdobrando sobre fustes lavrados de caneluras ricos capiteis em efflorescencias da ordem composita. E ali, corporisada na alvura marmorea de Carrara, vê-se emergir deusa semi-nua d'entre as grinaldas e festões de magnifico frontão,

em gesto sublime, a glorificar a Arte. E cabeças irrequietas, avidas de curiosidade, surgem de atrios e balcões.

Mas, volvendo de novo os olhos para a multidão, distingue-se em costume diverso gente do Levante e do Occidente e, attendendo bem, assiste-se ao alvoroço de criadagem em hora de banquete.

A' volta de pequena mesa, juncto de mulheres de mangas arregaçadas e arcaboços de sérvos desenvoltos, um arabe possante, mostrando a nú contornos de braços musculosos, ergue na mão a lamina espelhando... E, por entre o rumôr de commentarios e o succeder variavel de gestos e attitudes, além negra da Ethiopia equilibra no ar a bandeja pejada de eguarias. Atravez das columnas circulan victualhas, enquanto os aparradores se agglomeram a um canto, vergando ao peso de baixellas de prata.

A meio da balaustrada que olha para o logar do banquete, pende lérda

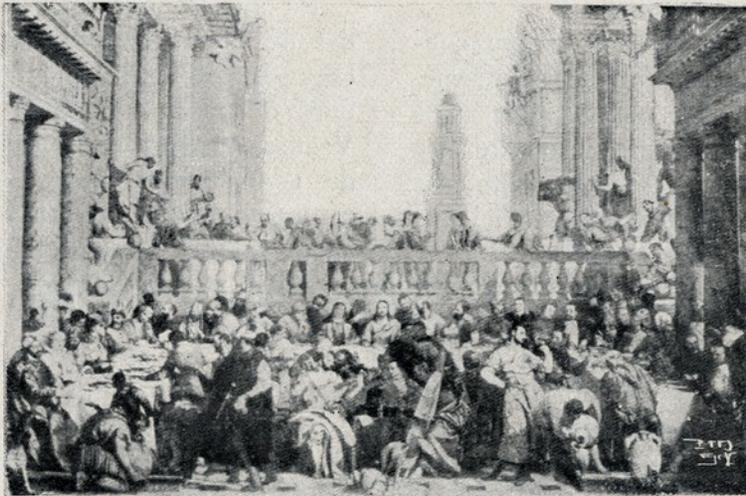
corpulencia encimada de turbante. E aqui senta arraiaes alegria incontinente e pagã. Em volta da mesa que torneia balaustres e columnatas, acham-se reunidos os convivas em intimidade expansiva. Sobre a toalha alvejante dispõem-se, em profusão multicôr, viandas, crystaes, majolicos e faianças esmaltadas... dos *d'ella Robia*. Em taças reluzentes purpureja o vinho.

E, surprehendente, entra a claridade por ahí dentro, fazendo esplendêr as vestes luxuosas, faiscar o oiro e pedrarias, sobre collares, braselêtes e fibulas (maravilhas, talvez urdidadas pelas mãos artificiosas de Benvenuto Cellini!), colorindo semblantes attentos ou joviaes e envolvendo, faceira, em tépidas caricias, a nudéz de collos feminis, reluzindo nas baixellas e espadins tauxiados, distribuindo-se mágica e movel, aqui e além,

até reverberar na polycromia do marmore do perystilo que se exteriorisa na simplicidade grave da ordem toscana. E, dádívosa, espalha-se por toda a parte, pairando tremula sobre os instrumentos de corda que vibram compulsados por eximios concertistas, electrizando esse ambiente saturado de aromas e onde sonoridades metalicas se associam ao frémito de vózes e ao côro unisono e harmoniôso de symphonias estranhas.

Automaticamente, escravos servem pressurosos. E anão, entrajado em côres gárrulas, detem á beira da mesa os olhos cubiçosos, conservando immovel o sorriso idiota sobre o rosto de carmim. E, mais perto de nós, o bôbo diverte ao hombro ave de plumagem

variiegadas das regiões tropicaes. Podengos disseminam-se por entre os arabescos de luz e sombra desenhados no mosaico; e, ao centro, enquanto este se acurva sobre o quinhão, aquelle eleva o pescôço supplicante e terceiro presençea d'olhos



LES NOCES DE CANA

luminosos e inteligentes o desenrolar da scêna, espreitando de vêz em quando o gato que, ao fundo, se enovella juncto de amphora ornamentada, no esforço de a tombar. E herculeo moiro golpha de vasos etruscos para cantharas e patheras o Falerno, o capitôso Psythio ou, talvez, o Calpar sacrificado a Jupiter; e, enquanto espumeja, veneravel obesidade de benedictino rebôa dythirambos de Horácio.

E ao lado, na larga facha sombra que se projecta sobre a mesa e o mosaico do pavimento, figuras vestidas de negro, após copiosas libações, gesticulam com vehemencia para fulminarem a moral de Epicuro...

Porém, na posição opposta, entre nobres e pagens, archiduquêzas e rainhas languidamente recostadas sorriem. Aquella, acalentada pelos raios de sol que lhe brincam na

cabelleira loira, em turpidez de quebranto, rola nos labios o peçolo d'uma flôr. E juncto de ocioso sultão — amollecido no Oriente com perfumes, entre tapeçarias de Smyrna e sêdas de Bagdah — um gentil-homem debruça o perfil cortêz, sustentando o chapéu emplumado e cingindo, sobre o outro braço, a dama que libidinosa se reclina para elle no reciproco enlévo de galanteio ou perturbante segrêdo, cheio de promessas...

Entre velludos, brocados e collarêtes, descobre-se: Eleonora d'Austria, a rainha Maria de Inglaterra, a marquezia de Pescaire, Soliman I, Carlos V e Francisco I. . .

. . . E o banquete decorre sob o explôir de sons festivos de orchestra.

Bassano, Tintorêto, Benedetto de Caliali e o Veronez — são os eminentes instrumentistas.

Mas em louvôr de quem se celebra esta festa luculliana?! . . .

Occupando o centro da mesa, ao fundo, reconhece-se a cabeça hebraica d'um Apostolo, cercada de luminiscente aureola, entre certa filha de Sem, impregnada de graça e ianguida ternura, e semblantes tórvos de ebionitas que, abandonando a aridez da Judeia, se offuscam no esplendor de um festim de Venêza.

E talvez que Elle mesmo nem se lembre mais das suas patheticas divagações juncto do lago de Tiberiade. . .

ARLINDO MONTEIRO.



## Phantasia

No céu, bastidor de prata,  
Está a aurora a bordar,  
Coitada, toda se mata  
Para o trabalho acabar.

Maneja na mão direita,  
Sem cançada se mostrar,  
A fina agulha que é feita  
De palhetas de luar.

Sobre o setim côr de rosa  
A agulha vai deslizando,  
E ella, toda presunçosa  
O seu trabalho mirando,

Fica a pensar um instante,  
No seio a fronte pendida,  
Talvez que esteja hesitante  
Nalguma côr escolhida.

Em que estará trabalhando?  
Decerto não calculaes!  
Disse-m'o a lua, bordando  
As nossas iníciaes!



E todos os admiraveis espectaculos que a natureza proporciona ao homem, um dos mais bellos, é sem duvida o pôr do sol.

E' talvez na Suissa que elle attinge o apogeu do seu esplendôr. Quando os raios cálidos do astro rei douram os cumes elevados dos Alpes, e parecem alastrar longas manchas vermelhas sobre a alvura immaculada da neve offerecem um quadro realmente admiravel, vibrante de colorido e de vida.

Nunca fôra tão imponente a sua gloriosa formosura, como ao cahir dessa tarde calma de julho.

Uma pastora, talvez de treze annos de idade, duma belleza delicada como a dessas vaporosas e frageis figurinhas de Saxe, estava sentada numa saliencia da neve, que por um singular capricho da natureza semelhava vagamente uma commoda cadeira de braços.

Como era simples e artistica a attitude da gentil camponesa, com os cabellos dourados cingidos em duas fartas e singelas tranças, e os pés pequeninos, que rivalisavam em alvura com a espessa camada de neve, onde ella os enterrava com a mesma naturalidade, o mesmo gracioso abandono, com que uma dama da côrte mergulha o sapatinho de setim num tapete felpudo da Persia.

Junto da pastora um rapaz approximadamente da idade da sua companheira, contempla-a com infantil ternura.

Ella era orphã, e ninguem, exceptuando o seu pequeno amigo, lhe dedicava amisade.

Elle era tambem um abandonado do destino, e foi talvez o élo poderoso do infortunio que os ligou tão estreitamente.

Naquelle dia o pastor notou que os olhos azues da sua companheira estavam toldados por uma profunda melancholia, que nem mesmo a alegria da sua chegada conseguira dissipar. Na sua voz musical e meiga, ella contava-lhe o motivo da sua tristeza.

Succede ás vezes, numa dessas noites limpidas e puras, em que o luar reina como soberano absoluto, surgir de repente uma nuvem negra, que encobre a lua produzindo assim um momentaneo eclipse.

Uma lenda italiana diz, que se erguermos os olhos no momento em que passa essa nuvem, que parece ter surgido como por magia, devemos considerar esse facto como o presagio duma terrivel desgraça. Na vespera dera-se esse caso com a pastora, e a sua imaginação inculta e exaltada fazia-lhe acreditar que um grande infortunio estava prestes a ferí-la.

Um vago sorriso de incredulidade, vagueava nos labios do seu companheiro, que com toda a superioridade dum homem de treze annos procurava desvanecer essas chimeras mas sem o conseguir.

O dia expirava lentamente; os ultimos raios do sol envolviam o grupo gracioso desse idyllio infantil, de que parecia evolvar-se um perfume subtil, de delicada poesia. A vaga melancholia da pastora dava particular realce a esse quadro encantadôr, digno do pincel dum Watteau.

Caía docemente a noute; uma noute de luar gloriosa e calma.

O pequeno levantou-se de subito; esquecera-se das horas, e agora tinha que voltar depressa para casa, a fim de evitar alguma scena violenta que a sua demora poderia provocar.

Despediu-se da sua amiga, e partiu a correr.

Ficando só, a pastora inclinou pensativa a cabeça dourada; a recordação dessa hora deliciosa e breve, que tinha passado com o seu companheiro, trazia-lhe aos labios um sorriso commovido e feliz.

De subito um grito agudo resoou na montanha.

A pastora ergueu-se dum salto; nos seus olhos tão meigos brilhou um lampejo de revoltada angustia. Hesitou um momento, e tomando de subito uma resolução, correu na direcção de onde partira o doloroso appello. De repente deteve-se levando a mão ao peito como se ahí sentisse uma dôr aguda. Acabava de vêr a alguns passos de distancia um corpo humano, inerte, estendido na neve. Approximou-se com o coração oppresso pelo anel de ferro dum triste presentimento; agitava-lhe o corpo todo um tremor nervoso, convulso, com a mesma violencia com que o vendaval saccode a fragil folha da roseira.

Dos seus labios sêcos e febris escapou-se um gemido soluçante, e a pastora cahiu de joelhos junto do corpo inteiriçado e frio, do seu desventurado amigo que já era cadaver.

A morte fôra causada por uma violenta pancada na cabeça, que elle provavelmente dera, na occasião da queda. Jorrava da ferida um delgado fio de sangue, ainda quente, que maculava de largas manchas verme-

lhas a estranha alvura da neve que o luar poeticamente prateava. E a pastora tentava em vão lavar com as suas lagrimas, essas nodoas sinistras, que dilaceravam a fibra mais delicada, e mais intima, do seu pobre coração torturado!

No primeiro paroxysmo da sua violenta dôr, a infeliz teve um movimento de revolta contra a Providencia que lhe arrebatava o seu companheiro, o unico que alegrava um pouco com o clarão radioso e bemdito da amisade, a sua vida tão triste.

Do seu querido amigo restava apenas um corpo inanimado, sem voz para responder ao seu appello, sem coração para comprehender a sua dôr, sem alma para sentir as suas lagrimas.

Agora que elle a deixara para sempre, a pastora ficava só no mundo. Essa ideia atroz desvairava-a.

Parecia-lhe que a luz devia fugir da terra, e acompanhá-la no seu luto, deixando tudo envolto em trevas. Não comprehendia como a natureza podia ficar insensivel á sua dôr.

Felizmente o sentimento religioso fez incidir sobre a pastora o balsamo sublime da fé.

A infeliz creança orou com fervor, implorando de Deus o perdão dos seus desvarios, e o seu desespero calmava-se pouco a pouco. Quando erguia para o céu estrelado, os seus grandes olhos dolorosos numa prece ardente de arrependimento e de supplica, a pastora estremeceu violentamente vendo surgir de subito uma pesada nuvem negra, que como a acompanhá-la na sua intensa dôr, velava dum longo manto lutuoso a fronte meiga da lua.

ALINE CUNHA.

Estado de debilidade geral assim como na convalescença, tomar

# Somatose

Vende-se em fôrma liquida ou em pó, em todas as pharmacias e drogarias.



## Senhoras em evidencia

### Poesia e jornalismo

Poesia e jornalismo constituem uma dualidade nem sempre facil de harmonizar. Tem esse condão a illustre poetisa D. Albertina Paraiso que, sem engeitar de modo nenhum a



D. ALBERTINA PARAISO

sua musa inspiradissima, fundou um jornal de flagrante actualidade. O *Jornal da Mulher* veio preencher uma lacuna importante nas publicações nacionaes. D. Albertina Paraiso com a sua fina e delicada sensibilidade feminina soube criar um órgão dedicado ás mulheres portuguezas, mas que os homens lêem tambem, não só com agrado, mas ainda com avidez. O *Jornal da Mulher* é um amplo repositório de assumptos interessantissimos, de artigos litterarios, biographias, poesias, noções attractantes, figurinos, moldes, todo elle intercalado com excellentes gravuras.

Bem haja a illustre professora e poetisa que tão sensatamente comprehende a sua missão de feminista.

## Hospital Duqueza de Palmella para creanças

O tratamento das pobres criancinhas doentes e desvalidas tem sempre merecido dos opulentos especial desvello. A fundação do Hospital Duqueza de Palmella, situado ao Rego, para tratamento de creanças ao ar livre, é uma das obras mais meritorias d'estes ultimos tempos e para a qual todos os louvores são poucos. Será sempre abençoada a riqueza que assim reparte com os desprotegidos da fortuna os benesses que a Providencia lhe concedeu.

O hospital obedece a todas as modernas exigencias das construcções d'este genero e



UMA CAMARATA

póde comportar relativamente avultado numero de pequeninos doentes.

A nossa gravura, melhor que qualquer longa explicação, dá perfeita idéa da natureza e objectivo d'este hospital.

## Torpedos fixos

Nos ultimos exercicios de torpedos, realizados em setembro, foi experimentado um novo aparelho de que é inventor o major de enge-

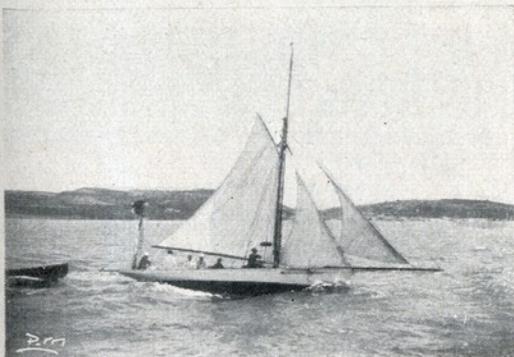


MAJOR PEDRO GOMES TEIXEIRA  
*Inventor do novo aparelho*

nharia Pedro Gomes Teixeira. O novo invento deu os melhores resultados e foi mandado adoptar immediatamente pelo ministerio da guerra.

O major Gomes Teixeira, um dos officiaes mais estudiosos do nosso exercito, tem-se dedicado com louvavel empenho a melhorar o serviço de que actualmente é chefe, collocando-o á altura dos mais bem organizados do estrangeiro. Folgamos em registrar a energia e actividade d'este apostolo da defesa nacional.

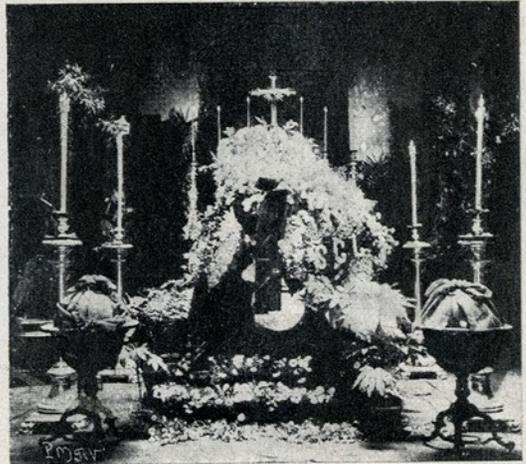
## Passeio da Real A. Naval



A «QUINI», DO SR. WINTERMANTEL

## Consiglieri Pedroso

A morte, que ninguem poupa, acaba de arrebatado um dos homens de que Portugal mais se orgulhava. Victima de um anthrax finou-se em Cintra o erudito professor e eloquente orador Consiglieri Pedroso. Cheio de talento, patriota entusiasta possuidor de uma vasta e



O CATAFALCO NA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA

complexa erudição, estudando sempre, conhecendo numerosas linguas, era uma das individualidades mais em relêvo do paiz. Trabalhador activissimo, nunca o seu cerebro descansava. E' da sua iniciativa o plano de uma aproximação intellectual entre Portugal e Brasil. Não chegou a ver o resultado dos projectos que com tanto desvelo acarinhava. O paiz perdeu um dos seus filhos mais queridos, a sciencia um homem de incontestavel valor.

## Assistencia aos Tuberculosos



UM GRUPO DE CRIANÇAS BANHISTAS

A nossa gravura representa um delicioso grupo de banhistas a quem a Assistencia aos Tuberculosos proporciona banhos de mar. Nunca é de mais enaltecer iniciativas d'esta ordem que combatem poderosamente a propagação da terrivel enfermidade e concorrem com efficacia para robustecer a raça.

## Duas embaixadas

Duas embaixadas visitaram Lisboa em pouco tempo. A primeira tinha á sua frente o prin-



EMBAIXADA INGLEZA

*Acompanha-a os srs. Visconde de Asseca (Salvador) e Batalha de Freitas*

cipe Frederico Leopoldo, cunhado de Guilherme II, imperador da Allemanha. Sua alteza vinha encarregado pelo seu augusto parente de

entregar a El-rei D. Manuel II as insignias da ordem *Aguia Vermelha*, uma das mais consideradas do imperio allemão. Sua alteza, que foi recebido com todas as honras e a quem fôram offerecidos varios banquetes de gala e outras provas de estima, recebeu a nomeação de tenente coronel de cavallaria 4, regimento do qual seu cunhado é coronel honorario.

Em homenagem a illustre visita realizaram-se naquelle quartel diversas manobras e ceremonias militares que originaram da parte do principe allemão altos elogios. Sua alteza visitou tambem demoradamente outros estabelecimentos militares, depondo piedosamente no Pantheon de S. Vicente uma corôa sobre o feretro do finado rei D Carlos.

A segunda embaixada de que era chefe lord Granard, desempenhou-se junto do Chefe do Estado portuguez da incumbencia de participar a subida ao throno do Reino Unido da Gran-Bretanha e Irlanda e imperio das Indias de Sua Majestade Jorge V. Acolhida com as formalidades do estylo, demorou-se alguns dias em Lisboa, sendo-lhe proporcionado além das costumadas festas na côrte, uma serie de passeios e

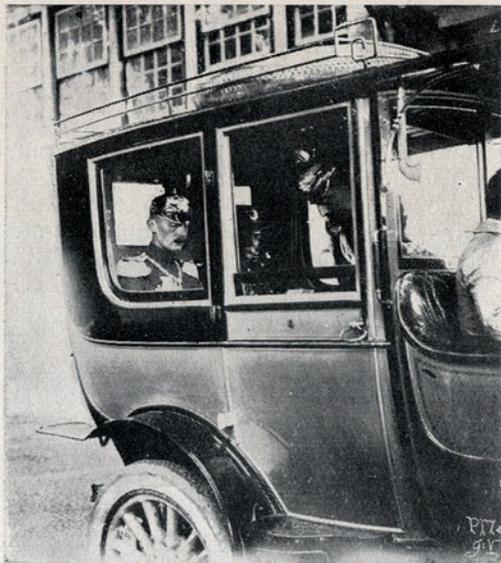
visitas do que de mais notavel existe na capital e seus arredores.

A embaixada ingleza esteve em Cintra,



EMBAIXADA INGLEZA

*Lord Granard, chefe da embaixada, ao subir para o coche*



EMBAIXADA ALLEMÃ

*S. A. o principe Frederico Leopoldo, passeando em automovel pela cidade*

onde lhe foi offerecido um almoço no palacio da Pena e um jantar na residencia que ali possui o ministro britannico acreditado junto do nosso governo, sir Villiers.

## Chronica da moda

As modas actuaes observadas daqui a alguns annos — A influencia da literatura nas modas — A docilidade feminina comprovada na adopção dos vestidos «entravées» — A vida antiga e a vida d'hoje — A mulher é a causa determinante de todo o progresso — A intelligencia e o trabalho são fontes de alegria para todos — A moda futura será muito simples — O velludo predominando em todas as côres — Os «trotteurs» de velludo — Os chapéus de meia estação — Os penteados soffrendo grandes modificações — Reinado dos penteados gregos e Imperio, etc., etc.

Estamos em pleno outono. Que admiravel tempo e que poesia encerram estas lindas e deliciosas tardes de outubro! E' o fim duma estação movimentada, cheia d'interesse e, como poucas, extravagante; mas talvez seja tarde já, para nos podermos occupar della.

Não será sem um sorriso de ironia que mais tarde, no decorrer dos nossos tristes dias, contemplaremos, compungidos, os retratos das elegantes que, seguindo o rigor da moda, tiveram a phantasia de se photographar com estas *toilettes* que, apesar do seu todo desgraçoso, acanhado e mesquinho, fizeram a sua felicidade, usando-as exageradamente. Para o chronista professional seria uma divertida e interessante tarefa, notando com cuidadosa observação a moda e as suas evoluções nestes ultimos annos!

Quantos caprichos e quantos estylos por nós — «escravos do mundanismo» — têm passado! Dizem alguns, e com fundamentada razão, que a literatura moderna tem uma extraordinaria influencia sobre a moda. Assim será...

No entanto não devemos accusá-la de ser a creadora do horrivel *calot* e *l'entravée*. Tambem não foi o romance, como querem attribuir-lhe. Foi obra das grandes costureiras, um erro indesculpavel, inesthetico e incommodo, que, certamente, se teria tornado bonito se a mulher pudésse conservar a linha immovel, mas, *algo* impertinente, quando ella se agita apressadamente nas longas caminhadas esportivas, ou nessas *encombrants* compras diarias.

E' indiscutivel... esperando que um tal erro se não repetirá nos seus proximos modelos e que o grande *raffinement* das suas escôlhas as não arraste a tão lamentaveis excentricidades, o que seria muito prejudicial.

As mulheres deram mais uma vez a prova da sua docilidade, adoptando com entusiasmo e alegremente, o que quer que seja de novidade palpitante.

Fazemos votos para que os mestres na arte dêem á mulher o que por direito lhes pertence: a *silhouette* bem feita e graciosa, sem as sacrificar, tolamente, apertando-as nuns *saccos*, feitos — positivamente — de boccados!

E' preciso que a moda seja gentil e adequada á nossa vida de todos os dias.

Agora, que reina uma estonteante actividade, que nos arrasta e envolve numa onda vertiginosa de occupações e interesses, já a mo-

da nos não reduz ao *dolce far-niente*, como as mulheres languidas d'outrora, espiritos debeis e indolentes, que faziam as delicias dos *Trovadores* do seu tempo!

A preguiça desapareceu e quem por acaso a conserva ainda não tem successo algum.

Os dias passam rapidos, dando-nos a illusão de durarem apenas uma hora!

Como tudo tem mudado!...

Dizem que era a sociedade antiga a que melhor conhecia a tranquillidade e a doçura do lar intimo, por ser restricta, socegada e meiculosa, até mesmo nas pequeninas modas que a rodeavam. Porquê?

Era uma vida na verdade santa e boa mas, sem interesse, sem movimento e quasi sem alegrias.

São preferiveis a tudo isso, as nossas occupações de agora, embora cheias de esforços e pezares, que nos deixam ao menos a sensação duma existência completa e util.

Não é numa occasião em que com entusiasmo se resolvem todos os problemas sociaes, em que todas as aspirações tendem para um melhoramento moral e material, que a felicidade poderia consistir numa contemplação desprovida de desejos e acções.

A mulher é a causa determinante de todo o progresso, quer na sociedade quer na familia. Não nos espanta pois que seja *Ella*, e esta bem moderna, que mais consciente do seu dever sagrado e do seu destino, tenha querido dar o exemplo, animando o progresso da humanidade com o seu bom senso e bondade.

E' de bem alto que esse exemplo nos vem, porque ha felizmente bem poucas mulheres ricas, a não ser que sejam nullidades, falhas de opiniões e de vontade, que se contentem apenas com os prazeres futeis da sociedade e as falsas homenagens dirigidas á sua belleza. Se assim fôsse, como seria a vida insupportavel e mesquinha!

Ha mais alguma coisa de bello e sublime, que ellas aproveitam com vantagem da sua situação privilegiada, sabendo adquirir á força dum trabalho insano e duma applicação insistente, os successos mais invejaveis do talento, da reputação litteraria e do bom exito financeiro.

O sexo forte desespera-se, e, de vez em quando, ouve-se um grito de alarme por verem ameaçada a sua segurança; pois nunca houve tantas mulheres escriptoras, directoras de industrias, artistas e commerciantes como agora.

Um dos nossos escriptores, que melhor e mais glorifica os dons de character e de energia, affirma, que a felicidade consiste em viver poderosamente e crear a belleza viva em si e á roda de si, pelo trabalho corajoso e heroico de todas as suas faculdades.

Admiravel programma! e como elle é feminino!

Crear a belleza viva, embellezar o seu ser, formá-lo para o bem de todos, espalhar a alegria e com ella abrilhantar o lar, animando todos os corações e todas as santas ambições é uma alta e nobilissima missão.

A felicidade é pois de preferencia mais um «querer do que um haver»—e em vez de esperarmos que um destino caprichoso nos dê uma ventura problematica, é mais seguro e melhor gosar em pequeninas parcelas a somma dos prazeres e alegrias que cada hora bem empregada nos proporciona e pedir ao trabalho e á intelligencia, as alegrias que só elles nos poderão dar.

Crear a belleza viva não será pois tambem cuidar dessa elegancia feminina exterior, dessa agradável occupação, da compra e confeccionamento das nossas *toilettes*, que tomam por assim dizer uma grande parte da nossa vida?

Para outros bem mais authorisados eu deixo o cuidado de nos fallar da belleza moral que convem adquirir para complemento da nossa felicidade.

Ser bella, é tambem, e deve ser, o primeiro cuidado da mulher que conseguiu alliar em si, duas forças, egualmente admiraveis para mais a mais a erguerem no seu soberano pedestal; uma toda encanto que lhe vem da sua arte e bom gosto na escôlha primorosa das suas elegancias para agradar; a outra, do trabalho, belleza e estudo e da sua encantadora simplicidade ingenua e doce. A mim cabe-me no entanto o agradável dever de vos fallar no assumpto que aqui me traz, apropriado a estas paginas, para vos dizer o que a moda nos dá actualmente, satisfazendo assim os nossos desejos, inventando o que ha de mais *chic*, para fazer realçar todos os encantos das nossas pessoas. Já em Paris, de manhã, no Bois, as *lanceuzes* se exibem numa simplicidade quasi

excessiva, fazendo lembrar as encantadoras *toilettes* das bellas e deliciosas *merveilleuses*.

No entanto esses vestidos tão elegantes que fizeram a delicia da sua epocha, não poderão, por certo, ser usados nas cidades e é preciso uma coragem inaudita, professional nas *lanceuzes*, para arrostarem com o espanto, o assombro que nos olhos de toda a gente se lê, á sua passagem.

Será outra vez admittido o decreto que, sob o Directorio, usavam na rua as maravilhosas mulheres desses tempos? Que horror!

Como poderiam as minhas queridas leitoras, tão mal agasalhadas, supportar os rigorosos invernos que actualmente nós cá temos.

Não sejamos temerarios em affirmar o que por enquanto existe de mais mysteriosamente vago e incerto nos elegantes salões das costureiras parisienses.

Ergue-se uma nova phase?! Acreditamos que sim; podendo mesmo garantir que a moda futura, será mais simples, menos accidentada, o que a favorece por certo, e tanto assim que nos bastará lançarmos a vista para os ultimos numeros dos bons figurinos e essa certeza adquire-se com facilidade.

Passaram finalmente de moda os vestidos *colants*, as tunicas pomposas, as bizarias e as excentricidades. E' preciso variar, porque a variedade *deleita a vista...* Acabado pois o seu reinado vamos gozar as modas de inverno, essas bellas e lindas coisas que a estação nos trazer de confortavel e bom.

Esses modelos ineditos, essas maravilhas d'arte com toda a esplendorosa elegancia dos seus tecidos *severos*, mas flexiveis, e as lindas pelles quentes e sua-



UM LINDO VESTIDO DE OUTONO  
A ultima moda em Londres

A fraqueza do corpo, debilidade dos membros, nervosismo das senhoras, dissipam-se por completo tomando **SOMATOSE**.

ves acariciando-nos tão docemente, são já um antegoço para a nossa phantasia.

Teremos este anno, em pelles como temos tido sempre, a pelle preferida e de maior novidade. Sobre isto temos que guardar por emquanto a maior reserva e trataremos deste assumpto para a chronica seguinte.

Em tecidos, sabemos que predominará ainda o velludo em todas as côres principalmente o preto. Tem a grande vantagem de ser um vestido que faz *toilette*, podendo egualmente usarse para passeio, visitas e theatro. O *trotteur* de velludo tem todas as sympathias pela sua elegancia simples e *chic*. Não deixem pois, minhas gentis leitoras, de o preferirem a todos os outros. Os pannos tambem continuam o seu reinado, mas é ainda cedo para podermos fallar no que será mais moderno.

Nas principaes casas de modas esperam a todo o momento essas palpitantes novidades, mas por emquanto nada se pôde dizer... Paciencia...

Os chapéus de meia estação já foram lançados. Não faltam modelos lindos, encantadores... e uma variedade extraordinaria, incomparavel!

Predomina o velludo junto a tecidos ligeiros.

As plumas de abestruz são mais lindas que nunca, *ruisselants* como fontes luminosas sobre as grandes fôrmas.

As azas e as plumagens vindas de fóra são tintas e trabalhadas de tal maneira que julgamos vêr depenar os passaros mais exóticos, extravagantemente raros.

Os penteados soffrem tambem uma grande modificação. O *noix de côco* é elegantemente substituido e com vantagem, pelos penteados gregos e Imperio, com os seus pequeninos caracoes leves e *coquettes*, emmoldurando os formosissimos rostos.

São encantadores!

## Theatros

**Trindade.**—Deu a companhia do actor Alves da Silva duas peças novas para Lisboa, *Ministro e Rei*, original do sr. Carlos Saraiva, e *Vingança do louco*, de Echegaray, que o publico applaudiu, distinguindo, com inteira justiça, Alves da Silva e Adelina Nobre, partilhando tambem dos applausos, Thomaz Vieira, Joaquim Silva, Araujo Pereira, Cecilia Neves e Carlota de Sousa.

*Ministro e Rei*, é uma peça historica referente a factos passados no reinado de D. José, e que, como outras mais, põe em relevo a figura do marquez de Pombal, recordando os pontos capitaes succedidos n'essa época, que são sempre ouvidos com agrado, e provocam o entusiasmo das platéas.

Apezar do assumpto já estar explorado em theatro, merece incontestavel elogio, a peça do sr. Carlos Saraiva, não só pela boa disposição das scenas, como tambem pela verdade historica que as subordina. Ha relevo e interesse, não obstante ser assumpto gasto, o que valorisa o trabalho do auctor, que mais tem a

recommenda-lo os finaes d'acto, que são de effeito seguro.

Como dissemos, Alves da Silva no papel de marquez, foi de correcta interpretação, delineando com propriedade a figura do primeiro ministro de D. José, assim como, Thomaz Vieira no de jesuita *Fonseca* e Araujo Pereira no de rei.

Seguiu-se-lhe a peça de Echegaray, de intensa acção dramatica, com os *trucs* e effeitos que a dramaturgia actual reprova um tanto ou quanto. O theatro de Echegaray é bem conhecido entre nós, sendo dos auctores hespanhoes, o que mais agrado tem alcançado; mestre da scena, sem a menor duvida, as suas obras teem comtudo, hoje, os defeitos, que se encontram na velha escola, e muito em especial, o estylo em excessivo romantico, com que o laureado escriptor castelhano, enfeita as grandes tiradas. Não queremos dizer que o drama *Vingança do louco*, não tenha optimas qualidades theatraes, e que o seu estylo rhetoricado, enfade ouvil-o e prejudique a acção, mas, o que é certo, é que peças, como esta, não conseguem hoje um elevado numero de representações. Antigamente era um bom divertimento ir ao theatro e chorar copiosamente; drama em que o espectador não encharcava de lagrimas dois ou tres lenços, não prestava; hoje, é diverso. O publico não aprecia só a comedia, tambem aprecia o drama, mas o drama que não provoca uma lagrima ao mais sentimentalista, e lhe faz, mais talvez, vibrar a alma e sentir o nervosismo proprio das grandes commoções; e não foi a acção que mudou, os assumptos hoje tratados em theatros são os mesmos que sempre foram, com ligeiras modificações; mas o que mudou foi a forma como a acção é desenvolvida e o estylo, maneiras de ser mais humanas, que não provocam a choraminguice, mas abalam e subjugam muito mais e mais imperiosamente.

E' este o principal motivo porque no presente, é bem mais difficil escrever para o theatro. Em tempos idos, a miseria, a fome, uma menina tuberculosa a tossir do primeiro ao ultimo acto, e uma grinalda de romantismo, era de effeito seguro; hoje não se toleram taes processos e soffre uma semsaboria quem d'elles lançar mão.

Além dos defeitos que apontamos, o theatro de Echegaray tem o de, que apenas, são esboçadas as figuras do drama; duas unicamente são cuidadas, como na *Vingança do louco*, que couberam a Alves da Silva e Adelina Nobre, que muito bem d'ellas se sahiram.

**Avenida.**—O sr. João Soler acaba de enriquecer o theatro com mais uma nova traducção do hespanhol, *A menina bonita*, que obteve um legitimo successo pela companhia Dolores Rentini, cantora de merito e que n'ella tem ensejo, de mais uma vez, patentear os seus belos dotes musicaes.

De quantos se dedicam á ardua tarefa de escrever para o theatro, sem duvida, João Soler é um dos mais infatigaveis trabalhadores, conquistando um logar de honra pelas suas qualidades de traductor correcto que juntas

aos muitos conhecimentos que possui de theatro, adapta com brilho, á scena portugueza, as suas varias producções. Pode dizer-se, que epochas houve em que no theatro do Principe Real, apenas o seu nome como auctor, figurava nos cartazes d'aquella casa de espectaculos, muitos annos até sob pseudónimo; por isto se calcula a somma de trabalho produzida, e, em verdade tambem, a de triumpho conquistado, como succedeu agora com a operetta, *A menina bonita*, que se impõe pela abundancia de situações comicas e ditos de espirito, sem uso da pornographia, scenas bem movimentadas, entrecho interessante e um harmonico desempenho.

Ha mais a registrar n'esta operetta, uma linda partitura, com bellos efeitos orchestraes, e, diga-se de passagem, tambem com bastantes exigencias musicas, nas quaes Rentini se houve com brilho. Amelia Santos, Elvira de Jesus e Izabel Vellez concorreram para o bom conjuncto que a peça teve, devendo especialisar-se no elemento masculino, Leopoldo Froes, Simões Coelho e José Alves. Depois de algumas recitas no Avenida, a companhia partiu para a Figueira da Foz, d'onde seguiu para outros pontos do paiz.

**Principe Real.**—Como succederá no Porto e no Rio de Janeiro, não agradou a magica, em 3 actos e 15 quadros, *O olho do diabo*, original dos srs. Ernesto Rodrigues e Felix Bermudes, não porque os auctores não sejam experimentados em theatro e não tenham já recebido applausos, em diversos trabalhos, mas porque a complexa arte de theatro tem muito de imprevisito; encerra verdadeiras surpresas até para os mestres, surpresas, que se registam em cada uma das peças que sobem á scena em todos os theatros do mundo. Ora um acto que se julga melhor do que outro, ora uma scena, ora uma phrase, ora... um simples dito. Todas as recitas estão cheias de surpresas para espectadores, auctores e interpretes, e apezar da confiança que um auctor tem na sua obra, (pois não ha, um só, que não a julgue um successo), quem lhe contar as pulsações no momento em que assiste, entre bas-

tidores, á primeira representação da sua peça, parecer-lhe-ha um doente n'um elevado estado febril; é porque, intimamente, receia essa tal surpresa.

Isto, pondó de parte, uma inimidade occulta, uma antypathia, que nem se suppõe havel-a inspirado, uma invejasita... etc., etc., que augmentam as probabilidades contra o exito. Estás ultimas não vingam, é certo; mas incommodam, e na occasião em que são manifestadas, arrastam os indifferentes.

Nenhuma d'estas causas, porém, influiu na *première*, em Lisboa, da peça *O olho do diabo*, pois que o sr. Ernesto Rodrigues é, entre os que em Portugal exploram o theatro, um dos auctores mais felizes e tanto assim que o 1.º acto foi applaudido. A peça o que é fraca no 2.º e 3.º actos, peccando pela falta de novidade e pelo espirito, aliás tão revelado em outros trabalhos do sr. Rodrigues.

A musica dos maestros Filippe Duarte e Carlos Calderon tem numeros bonitos e no desempenho distinguiu-se brilhantemente a actriz Delphina Victor. Muito bem Isaura Ferreira; os restantes interpretes procuraram dar vida aos seus papeis. Scenario e guarda-roupa bons.

**Na feira d'Agosto.**—Continua navegando em boa maré a revista *Zig-Zag*, no theatro Chalet, sob a direcção de Julia Mendes e Alvaro Cabral; no Chalet Avenida, a revista, *Somma... e segue!* que todas as noites é recebida com bastos applausos; bem como a revista *Duras de roer*, no Chalet Trindade.

E até ao proximo numero dos *Serões* no qual faremos descripção minuciosa da abertura de epocha nos diversos theatros, começando pelo Gymnasio, que hoje reabre as suas portas com a comedia *O filho de Coralina*, e a cujo elenco pertencem os artistas, Lucinda Simões, Judith de Mello, Albertina de Oliveira, Maria del Carmo, Ambrozina, Palmyra Ferreira, Christiano de Sousa, Ferreira da Silva (contractado em representações), Telmo, Cesar de Lima, Augusto Machado, Cardoso e Alegrim.

H. O.

**FARINHA  
LACTEA**

**NESTLÉ**

Alimento completo para crianças e  
pessoas edosas.



PEDRO F. RIBEIRO D'ALMEIDA

Musica dos SERÕES

ARLEQUIM

PAS DE QUATRE

# ARLEQUIN

*Andante*

*B. e. presto*

*And*

*p*

*ff*

*no. in fine*

*mf*

The musical score is written for piano and consists of six systems. Each system contains a treble clef staff and a bass clef staff. The key signature is two flats (B-flat and E-flat), and the time signature is common time (C). The first system is marked *Andante* and includes the instruction *B. e. presto* above the treble staff. The second system features a *4/4* time signature change. The third system includes a *8* measure rest in the bass staff. The fourth system is marked *And* and *p*. The fifth system includes a *8* measure rest in the bass staff. The sixth system is marked *ff* and *no. in fine*, and concludes with a *mf* dynamic marking.

Handwritten musical notation, first system. Treble and bass staves with notes, rests, and dynamic markings.

Handwritten musical notation, second system. Treble and bass staves with notes, rests, and dynamic markings.

Handwritten musical notation, third system. Treble and bass staves with notes, rests, and dynamic markings.

Handwritten musical notation, fourth system. Treble and bass staves with notes, rests, and dynamic markings. Includes the text "D. C. al Fine" near the end of the system.





# NATAL



(Fragmento)

*Méia noite em ponto; lá repica o sino  
da ermidinha branca como o branco luar,  
vai dizendo aos erentes, num sonoro hymno,  
que entre humildes palhas o bom Deus menino  
já baixou á terra para ao Céu voltar.*

*Nas cabanas pobres dos trabalhádôres,  
que não têm conforto mas têm fogo e pão,  
aos netinhos lindos como as lindas flôres  
contando as histórias de aldiôis, pastôres,  
as avós vèlhinhas á lareira vão.*

*Vão contando historias... mas as almas brandas  
vão vertendo prantos, vão sangrando á dôr,  
suas fronte puras, fronte adorandas,  
que as velhinhas tornam santas, venerandas,  
a tristeza envolve num letal palôr.*

*E seus olhos meigos, de expressão bemdita,  
fartos, que tristeza! de chorar á Cruz,  
volvem para o fogo, que no lar crepita,  
e lhe pedem vida, que cruel desdita,  
pois da vida sentem apagar-se a luz.*

*Nas a lenha, as brazas hão-de transformadas  
ver num breve tempo em branca cinza, em pó,  
e esse pó, vèlhinhas brancas de alboradas,  
é a imagem triste de vidas passadas  
ó vèlhinhas santas de quem tenho dó.*

*Nos atalhos brancos pela branca neve,  
que o seu manto estende pelo campo além,  
vão dormindo os lírios somno casto e breve  
e o fagueiro sopra duma aragem leve  
sobre a haste verga a divinal eecem.*

*Sonham as florinhas que no chão viecejam  
sonham coisas mudas, sonham animais,  
sonham almas fluidas, que no espaço adejam  
como brancas pombas que no azul voejam,  
almas luminosas, almas aurorais.*

*Pelo espaço immenso tudo é silencioso,  
lançam as estrellas seu olhar de luz,  
só o galo solta seu cantar garboso,  
e, no canto altivo, bello, harmonioso,  
vai dizendo ao mundo que nasceu Jesus.*

*E da branca lua cai a luz silente  
numa enorme beçam de carinho e amôr,  
num abraço enorme, num abraço ingente,  
num enorme beijo que, indistinctamente,  
vem beijar o verme, vem beijar a flôr.*

João Maria Ferreira.